



Sónia Delfina Amaral A Prosódia no Discurso Espontâneo

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica da Dr.^a Rosa Lúcia Coimbra, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas e do Dr. António Teixeira, Professor Auxiliar do Departamento de Electrónica e Telecomunicações da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho ao meu pai que continua a olhar por mim...

O júri

Presidente

Doutora Lurdes de Castro Moutinho
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Vogais

Doutor Rui Manuel Costa Vieira de Castro
Professor Associado com Agregação da Universidade do Minho

Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora da Universidade de Aveiro

Doutor António Joaquim da Silva Teixeira
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha gratidão a todos quantos, por diferentes formas, me ajudaram na elaboração deste trabalho.

Dirijo o meu sincero reconhecimento aos Professores Doutores Rosa Lúcia Coimbra e António Teixeira pela orientação, apoio, disponibilidade, compreensão e incentivo que em todas as circunstâncias me proporcionaram.

À Professora Doutora Lurdes de Castro Moutinho, sendo a minha homenagem pela simpatia, incentivo e profissionalismo demonstrados.

Às crianças e pré-adolescentes que colaboraram nesta investigação, cuja disponibilidade e vontade de colaborar foram imprescindíveis à concretização do presente estudo.

À minha família que sempre acreditou em mim, me apoiou e incentivou.

Palavras – chave

Discurso, oralidade, actos de fala, prosódia, Map Task

Resumo

Neste trabalho aborda-se a relação entre a prosódia e o discurso oral, ou seja, que elementos prosódicos os falantes usam para marcar a estrutura do discurso. Para isso utilizámos a técnica do “Map Task” para a obtenção do corpus para este estudo. Entre as principais linhas de orientação na análise do discurso e da prosódia, constam a gravação; a anotação, utilizando os programas SFS e AGTK Table Trans e incluindo vários níveis de anotação, nomeadamente “turns”, transcrição ortográfica, anotação da estrutura do diálogo e anotação prosódica. Na análise foram considerados desde aspectos prosódicos dos actos de fala indirectos; a prosódia como focalização do discurso; a estrutura do discurso, o efeito temporal da repetição de enunciados da mesma frase, a relação entre a prosódia “canónica” e a utilizada no e ao longo do discurso e as questões/informações usando enunciados sucintos.

Keywords

Discourse, orality, speech acts, prosody, Map Task

Abstract

In this study we investigate the relation between prosody and the oral speech, in other words, what prosodic elements the speakers use to mark the structure of the speech. For this we used the technique of the "Map Task" for the attainment of the corpus for this study. It enters the main orientation lines in the analysis of the speech and prosody; they consist in recording; annotation, using SFS and AGTK Table Trans programs and some levels of annotation, as "turns", orthographic transcription, annotation of the structure of the dialogue and prosodic annotation. In the analysis there has been considered prosodic aspects of the indirect speech acts; the prosody as focus of the speech; the structure of speech, the time effect of repetition of the same sentence, the relation between "the canonical" prosody in and during the speech and the question/information using brief statements.

Índice

Capítulo 1 – Introdução	1
1.1.Finalidades e objectivos do estudo	2
1.2.Organização do trabalho	3
1.3.Primeiras contribuições	4
Capítulo 2 – Sobre a análise do discurso e a prosódia	5
2.1. Discurso e oralidade	5
2.1.1. Noção de discurso	5
2.1.2 O carácter espontâneo da oralidade (as dificuldades na sua análise)	11
2.2. A teoria dos actos de fala	14
2.2.1. Uma breve perspectiva histórica	14
2.2.2. Noção de acto de fala	17
2.2.2.1. Austin (1962) e Searle (1969)	17
2.2.2.2. Acto indirecto como complexo ilocutório	20
2.2.3. A tipologia dos actos de fala	23
2.3. Actos de fala presentes na situação discursiva “dar direcções”: perguntar vs asserir	30
2.3.1. Pragmática ilocutória e análise do diálogo	32
2.4. Prosódia	35
2.4.1. A entoação como parte integrante da força ilocutória	35
2.4.2. Prosódia: a melodia que acompanha o discurso	37
Capítulo 3 – O corpus	41
3.1. Alguns trabalhos relacionados	41
3.2. Recolha	43
3.2.1. Locutores	43
3.2.2. Gravação do corpus	43
3.2.3. Materiais e programas utilizados	45
3.3. Anotação	46
3.3.1. Níveis de anotação	47
3.3.1.1. Tomadas de palavra (turns)	47
3.3.1.2. Transcrição ortográfica	48
3.3.1.3. Anotação da estrutura do diálogo	51
3.3.1.4. Anotação prosódica	62
3.3.2. Ferramentas utilizadas	63
3.3.2.1. O sistema AGTK Table Trans	63
3.3.2.2. O sistema SFS	64
Capítulo 4 – Resultados	67
4.1. Actos de fala indirectos	70
4.1.1. Ordem sob a forma de afirmativa	71
4.1.2. Ordem sob a forma de interrogativa	74
4.1.3. Os deícticos (estratégia em contexto)	77
4.2. A estrutura do discurso	78
4.2.1. A frase complexa	78
4.2.2. O aparte	83
4.3. O efeito temporal	86
4.3.1. A repetição de enunciados da mesma frase	86

4.3.2. A repetição imediata	90
4.3.3. Os mesmos actos de fala ao longo do discurso	91
4.4. Os enunciados sucintos – check	96
 Capítulo 5 – Conclusões	101
5.1. Resumo do trabalho	101
5.2. Principais resultados	102
5.3. Algumas sugestões para trabalhos futuros	105
 Referências bibliográficas	107
 Anexos	111

CAPÍTULO 1

Introdução

"Writing does not incorporate all the meaning potential of speech: it leaves out the prosodic and paralinguistic contributions."

(Halliday, 1989, p.93)

A relação sintáctica, semântica e pragmática que uma palavra estabelece com outra numa frase determina se elas formam um constituinte coeso ou não. Da mesma forma, as frases podem estabelecer diferentes tipos de relações entre si em constituintes linguísticos ainda maiores que, quando agrupados, formam o que geralmente é conhecido por “discurso”. Nessa perspectiva, discurso é considerado uma estrutura composta por entidades hierarquicamente dispostas que preservam uma mesma orientação. Na escrita, essas entidades são conhecidas por “parágrafos”.

Na fala, as estratégias para tornar a organização do discurso transparente são diferentes. Entre as várias possíveis estratégias usadas para esse fim, a prosódia tem um papel fundamental.

Com a utilização crescente de sistemas de diálogo em interação Humano-Máquina aumenta a necessidade de melhorar a naturalidade das tecnologias envolvidas. No que concerne à síntese de voz, mais ligada ao presente trabalho, uma das áreas mais activas consiste na modelação da prosódia. No entanto, grande parte dos trabalhos utilizam informação que não vai além do horizonte temporal da frase. Torna-se necessário estudar e modelar a interdependência da prosódia e estrutura dos diálogos, capitalizando nos estudos da área do discurso, como os clássicos de Austin (1962) e Searle (1969).

Do lado dos estudos experimentais da Fonética na área da Prosódia, este género de pesquisa permitirá estender os estudos já existentes e em curso, muitas vezes dedicados a produções de fala demasiado controladas.

O conjunto de estudos apresentados, sobretudo para outras línguas, constituiu um estímulo para a nossa curiosidade sobre a questão da prosódia no discurso espontâneo .

A opção de se trabalhar sobre o que se domina pela fala espontânea partiu da nossa experiência como professores. Das várias possibilidades de obtenção de discurso espontâneo, optou-se pela utilização de informantes pré-adolescentes. Desta forma, a influência de automatismos provenientes da escrita e da escolaridade será minimizada.

O interesse duplo em contribuir para a melhoria de sistemas automáticos de processamento da nossa língua e, ao mesmo tempo, contribuir para um aprofundamento dos conhecimentos base na área da Linguística advém da inserção deste trabalho no grupo interdisciplinar da área da Linguística e da Engenharia em formação na Universidade de Aveiro.

A realização deste estudo envolveu uma consulta tão exaustiva quanto possível de bibliografia especializada nas diversas áreas abordadas e também um trabalho de pesquisa e recolha.

1.1. Finalidades e objectivos do estudo

Este trabalho tem por objectivo investigar a inter-relação entre constituintes do discurso – por exemplo, os actos de fala – e a prosódia. O presente trabalho poderá ser um contributo para o estudo do discurso oral, pretendendo dar continuidade a uma série de estudos já realizados no campo da prosódia e do discurso em Português. Para estudos da prosódia em curso na Universidade de Aveiro, esta pesquisa constitui a primeira incursão na análise da fala (quase) espontânea. Do lado do discurso, permite passar da anteriormente estudada estrutura textual para o lado do discurso oral.

A questão primordial é analisar que elementos prosódicos os falantes usam para marcar a estrutura do discurso e quais desses elementos são identificados como relevantes nesse processo. Pretende-se, ainda, investigar possíveis alterações/ variações na prosódia causadas pela estrutura do discurso.

1.2. Organização do trabalho

Do enquadramento teórico necessário para o tratamento do tema, constará o capítulo segundo. Aí a nossa primeira abordagem vai incidir sobre questões teóricas relacionadas com a análise do discurso e a prosódia, aproveitando os contributos de diversos autores.

O capítulo três reporta-se à metodologia utilizada para prossecução dos objectivos definidos. Aqui descrevemos todo o processo de recolha, anotação e análise do corpus, os materiais e programas utilizados, bem como a técnica escolhida para a obtenção de discurso espontâneo – o Map Task –, seguindo o exemplo de vários estudos realizados para outras línguas.

A definição dos instrumentos de análise obedeceu a critérios de conformidade com o objecto e os propósitos desta investigação, tendo algumas questões sido elaboradas e/ou reelaboradas a partir de conceitos e instrumentos disponibilizados por reconhecidos trabalhos no âmbito da análise do discurso espontâneo.

Produziu-se um corpus de diálogo (quase) espontâneo, seguindo o Projecto do Corpus HCRC do Map Task (Universidades de Edimburgo e Glasgow, 2001) por se aproximar mais da conversação espontânea. Conseguimos obter, assim, material relevante com um corpus mais reduzido.

Na metodologia de análise serão considerados desde aspectos prosódicos dos actos de fala indirectos (ordens usando perguntas, perguntas usando asserções), a prosódia como focalização do discurso, as questões/informações usando enunciados sucintos e a relação entre a prosódia “canónica” e a utilizada no e ao longo do discurso. Relativamente a esta última questão pretende-se estudar se a prosódia de interrogativas e outros tipos de frase segue o mesmo padrão no início, meio e fim de um discurso e partes constituintes deste. Mediante a utilização do corpus por nós produzido, será possível seleccionar uma variedade de diferentes exemplos em análise.

Neste capítulo caberá também realçar a importância da realização de um pré-inquérito para testar a constituição linguística discursiva do corpus e sua adequação na metodologia proposta ao estudo da prosódia.

No capítulo quatro, procedemos à apresentação dos resultados a partir das análises com interesse para este estudo.

No quinto e último capítulo, após a reflexão sobre os resultados obtidos e tiradas as conclusões devidas, deixaremos em aberto novas pistas para futuras investigações nesta área.

1.3. Primeiras contribuições

Os primeiros resultados deste estudo foram já divulgados no XX Encontro Nacional da APL realizado entre 13 e 15 de Outubro de 2004, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Verificada a utilidade do corpus e da anotação efectuada até ao momento da apresentação, foram viabilizadas as primeiras explorações, dando lugar aos seguintes fenómenos: a utilização de F0 para indicar continuação de frase, mesmo com interrupções do interlocutor; a utilização do ritmo para estruturação do discurso (ex. aparte); a repetição de enunciados em partes distintas do diálogo (*tasks*), com marcação prosódica e finalmente a utilização de enunciados sucintos para *check*.

Estes primeiros resultados foram já um contributo (ainda que incipiente) ao estudo da prosódia do discurso em português. Além disso, os informantes utilizados neste estudo são também uma mais-valia, uma vez que, sendo pré-adolescentes, foi possível recolher um corpus de discurso (quase) espontâneo o mais natural possível.

A necessidade de informação acerca da interacção entre a prosódia e a organização da fala está a tornar-se cada vez mais imperativa, especialmente na área da tecnologia da fala.

Esta apresentação vai constar do livro de actas a publicar.

CAPÍTULO 2

Sobre a Análise do Discurso e a Prosódia

Neste capítulo iremos abordar algumas questões teóricas relacionadas com a análise do discurso e a prosódia.

2.1. Discurso e Oralidade

2.1.1. Noção de discurso

A análise do discurso tem o privilégio de se situar no ponto de contacto entre a reflexão linguística e as outras ciências humanas, tanto mais que é através da análise do discurso que muitos estudiosos e investigadores se confrontam com a teoria linguística.

A ciência linguística, através de Saussure (início do século XX) e Chomsky (segunda metade do século XX), é herdeira de uma tradição da razão cartesiana fundada sobre o logos. E, tomada ao pé da letra, a análise do discurso – que surgiu a partir de disciplinas como o marxismo e a psicanálise, que descentravam o logos, a partir da noção de que o homem não é senhor do seu discurso –, não poderia ser tomada como uma disciplina científica.

Antes do surgimento da análise do discurso, a ciência da linguagem desenvolveu conceitos basilares, tais como os de *langue* e *parole*, em Saussure (1978), e os de *competência* e *desempenho*, em Chomsky (1970). Mas estes conceitos não eram suficientes e nem podiam amparar um conceito de língua, a partir do ponto de vista do dialogismo.

Efectivamente, se é necessário recuar ao *Cours de Linguistique Générale* de Saussure, é precisamente para construir o conceito de discurso, pondo em causa o de fala (*parole*).

O par *língua/fala* pode levar a considerar que existe, por um lado, o que é sistemático e racional, um objecto homogéneo e autárquico, a língua, e, por outro, o que depende do uso contingente do sistema, do retórico, do político, etc. De um lado, estaria um conjunto de palavras dotadas de um sentido fixo; do outro lado, o seu uso. Na realidade, trata-se de saber se a ligação entre o sentido das frases de um texto e as suas condições sócio-históricas são secundárias ou construtivas desse mesmo sentido, independentemente

da ilusão que pode ter o locutor de que a significação do seu discurso coincide com o que ele “quer dizer”.

A análise do discurso não podia, por definição, permanecer numa perspectiva de análise imanente dos textos, tal como faziam os formalistas russos.¹ Estes conseguiram realizar uma ruptura relativamente à perspectiva impressionista e filológica das obras literárias, mas não conseguiram conceber a relação destas com as suas condições sócio-históricas.

É nos anos 50 que se exercem acções muito mais decisivas sobre a constituição da análise do discurso. Encontramo-nos perante dois contributos para uma problemática linguística: por um lado, temos a extensão dos processos da linguística distribucional americana a enunciados que ultrapassam o âmbito da frase (chamados discursos) por Zellig S. Harris (1963), por outro lado, os trabalhos de Roman Jakobson (1972) e Émile Benveniste (1966) sobre a enunciação.

Harris foi o primeiro linguista a estender directamente os processos utilizados pela análise das unidades da língua a enunciados que ultrapassam a frase: “não há escolha entre dois objectos, nem duas linguísticas: a da língua e a da fala. A descrição formal dos dados – gramática ou, se quisermos, estrutura – é um conceito operatório que permite o estudo do fenómeno linguístico.” (Harris, 1963, p.20)

E. Benveniste ou R. Jakobson procuraram esclarecer como o sujeito falante se inscreve nos enunciados que emite. Segundo E. Benveniste (1966), o locutor estabelece um certo tipo de relação com o seu próprio enunciado e o mundo. A ligação entre os locutores e o discurso coloca este último no lugar onde se realiza o relacionamento entre a realidade situacional e os indicadores contidos no interior do enunciado. O distribucionalismo americano tinha integrado a frase na “língua”; este alargamento será ainda mais nítido com a teoria generativa de Chomsky (1970), que toma como símbolo de partida F, isto é a frase. Contrariamente a Harris (1963), que encarava nitidamente a distinção entre frase e discurso, Chomsky mantém uma certa ambiguidade neste ponto, parecendo admitir que os sujeitos falantes produzem frases.

Contrariamente ao que se passa noutros domínios da linguística, a análise do discurso é portadora de uma diversidade de empregos. Linguistas e não linguistas fazem do conceito de “discurso” um uso muitas vezes descontrolado: aparece como sinónimo de fala

¹ É o nome dado ao grupo de jovens linguistas soviéticos que, nos anos 1910-1920, lançaram os fundamentos e empreenderam as primeiras análises concretas no domínio da análise estrutural das formas literárias.

saussuriana, sentido corrente na linguística estrutural; como um enunciado; como um conjunto de regras de encadeamento das sequências de frases que compõem o enunciado²; aparece em oposição a enunciado dentro do que se poderia chamar a “escola francesa” de análise do discurso; como uma reformulação no quadro das teorias da enunciação. Neste sentido Benveniste dá a seguinte definição: “ É preciso entender o discurso na sua mais larga extensão: toda a enunciação que supõe um locutor e um ouvinte, existindo no primeiro a intenção de influenciar o outro, de algum modo.” (Benveniste, 1966, p. 242). Finalmente a noção de “discurso” entra frequentemente numa oposição texto/discurso: texto como lugar de construção abstracta pertencente ao sistema e discurso como lugar onde se exerce a criatividade, local da contextualização imprevisível que confere novos valores às unidades da língua.

Existem também utilizações da noção de discurso que poderiam ser qualificadas de “paralinguísticas”. É o caso de Jacques Derrida (1976) e de Michael Foucault (1969), cuja reflexão se articula muitas vezes sobre a linguística, mas sem nunca se fixar nela. O seu conceito de “discurso” vale para o conjunto de sistemas de signos com os quais se confrontam as ciências humanas rejeitando, assim, a fala saussuriana.

A fim de delinear-mos com mais precisão o conceito de discurso, basta pensarmos o quanto se torna incompatível ou inadequada uma noção de discurso que hoje temos, a partir do texto de Bakhtin (1979) e também de Wittgenstein (1994), se tentamos observar qualquer semelhança com aqueles conceitos desenvolvidos pela linguística estrutural.

Discurso é, no sentido de Wittgenstein, o uso que fazemos da língua e essa definição parece-nos a mais interessante. Por quê? A princípio, porque não podemos afirmar que um tipo de enunciado seja um discurso só pelo facto de se enquadrar em determinados parâmetros de géneros discursivos determinados a priori. Como seria classificar, por exemplo, um “discurso publicitário” encomendado pelo governo: discurso político ou publicitário? Qualquer discurso, mesmo uma simples informação sobre horas, pode ser pensado como tal, como os actos de fala indirectos, que fazem parte do uso da linguagem do quotidiano e, no entanto, não são actos de fala institucionais como os actos perlocutórios estudados por Austin (1962) e Searle (1969).

A definição de discurso, como uso que fazemos da língua, talvez possa ser precisa como “o uso que fazemos da língua em determinado contexto”. Mas esta definição torna o

² Em Harris o que constitui um discurso é a recorrência de certas classes de segmentos, senão nenhum estudo distribucional seria possível.

âmbito da análise do discurso mais precário, visto que os contextos são múltiplos, variáveis e difíceis de determinar, até porque a noção de contexto pode englobar situações em que a participação subjectiva do enunciador possa ser tão importante que seria necessário definir a que situação ele está exposto, tal como é feito pela sociolinguística quando vai determinar as variáveis da sua pesquisa.

A definição acima dada não deixa claro que o uso que da língua se faz, sendo “usada pelo discurso”, é a língua enquanto materialidade e como intenção. Isso talvez nos diga que o fundamento ontológico do discurso não está nos estudos sobre linguagem, mas na psicologia. Talvez tenha sido esse o intuito de Saussure quando afirmou que “Podemos, portanto, conceber uma ciência que estude a vida dos sinais no seio da vida social; ela formaria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral. Chamar-lhe-emos Semiologia.” (Saussure, 1978, p. 44)

Naturalmente é muito difícil assimilar o conceito de intenção no âmbito de estudos da linguagem, mas a intenção não pode ser pensada sozinha, ou melhor, só pode ser pensada em termos de propósito, finalidade a que se destinou determinado texto (incluindo a posição do interlocutor, a da recepção).

No momento em que a língua é usada como intenção, a língua não é tão somente a materialidade fónica, através dos morfemas e sintagmas que a particularizam, a língua é usada como discurso, a língua vai ser pensada como discurso, e discurso, neste sentido, é estratégia ou meio de se atingir determinado fim. A língua estará sob o domínio do discurso e a materialidade deste surge à medida que está investido de intenção e finalidade e subjectividade do falante. Mas a quem este se destina e como? Parece-nos que este é um parâmetro de definição de discurso, já que um discurso é endereçado a outrem e se constitui em função deste outrem.

Um discurso não é, portanto, uma realidade evidente, um objecto concreto, mas o resultado de uma construção, uma negociação conjunta por parte dos intervenientes no processo comunicacional. Todos os enunciados dependem de tipologias, de mecanismos transfrásicos de um certo grau de generalidade. Por exemplo, a conversação corrente obedece a regras de encadeamento, de constrangimento que, pelo facto de não dependerem do mesmo “rigor” de um discurso eleitoral, não deixam de obedecer a uma ordem própria. Do mesmo modo, para além destas limitações gerais respeitantes a toda a conversação,

existem tipos de constrangimento em função de tipos de condição de produção (segundo o estatuto social dos emissores, o meio, os papéis desempenhados...)

Vamos considerar o discurso como resultado da articulação de uma pluralidade mais ou menos grande de estruturas transfrásicas, em função das condições de produção. Isto supõe, entretanto, que se mantenha a existência de uma “língua”, de uma base linguística comum.

A análise do discurso tem por característica operar, a maior parte das vezes, sobre vários discursos postos em relação através da tomada em consideração das suas condições de produção; é, aliás, neste sentido que são orientadas as pesquisas neste domínio. De um ponto de vista completamente pragmático, entendemos por “discurso” essencialmente organizações transfrásicas, dependendo de uma tipologia articulada em condições de produção sócio-históricas.

Compreender o discurso é passar da funcionalidade da língua para a sua intencionalidade, é tentar delinear o discurso com outros significados que não aqueles do seu enunciador. O discurso é, assim, a função do uso da língua em determinado contexto, materialmente relacionado com as intenções dos falantes, por isso a intencionalidade não existe como uma condição “psicológica pura” para a existência do discurso.

Parece que a noção de discurso nos lança um desafio, na medida em que só pode ser formulada se entendermos o uso que fazemos da língua. O uso que fazemos da língua é o “resultado” da relação que estabelecemos com o outro. O discurso é o “resultado” da relação que ele mantém com outros discursos.

O discurso só se constitui enquanto discurso, quando ele é um interdiscurso. Só pode ser classificado como género, quando tomado em consideração a outros discursos. O discurso, neste sentido, é uma intercepção de subjectividades, enquanto crença, e de objectividades, enquanto razões, para o outro e vice-versa.

O discurso estará sempre nessas intercessões entre o enunciador e o interlocutor, em qualquer momento, e se há uma “metáfora do jogo”, como disse Wittgenstein (1994, p. 231), para definir o estatuto da linguagem, esta dá-se entre as crenças e as razões que podem ou não ser compartilhadas por uma comunidade: de uma breve informação a um acto terrorista. Como estas crenças ou razões nos chegam e como nós as proferimos, é pura estratégia.

A unidade de análise do discurso é objecto de incessantes debates, uma vez que se trata de um campo particularmente activo.

2.1.2. O carácter espontâneo da oralidade (as dificuldades na sua análise)

Um enunciado escrito, separado das condições naturais em que deveria ter sido proferido, “não é por si só”, diz Platão no Fedro “capaz de defender-se ou de socorrer-se a si mesmo”, privado que está da “assistência de seu pai” e frágil “ídolo”, o “discurso animado” (Platão, p. 76). O discurso oral, o único natural, é também carregado de todo o sentido de origem. É polivalente. Um fenómeno capital, de que nenhum sistema de escrita conhecido é capaz de conservar o traço, torna este axioma perfeitamente evidente. É o fenómeno da entoação.

Na antiguidade, os gramáticos e certos filósofos tinham-se apercebido de que os textos latinos, por exemplo, não notando as curvas entoacionais, podiam levar a contrasensos (como o que resulta de tomar uma interrogação por uma asserção).

Quando se fala de discurso oral, pode entender-se um discurso já feito e gravado ou transcrito, que se analisaria como um texto. Mas o que visam os pragmáticos é bem mais interessante e é provavelmente o grande mérito de Grice (1975) tê-lo tornado questão teórica: trata-se do próprio desenrolar do discurso, como um fio, com continuidades, nós e cortes, das estratégias que se elaboram entre os interlocutores, com um misto de intenções e cooperação. A primeira coisa a ter em conta é o seu início, quem o inicia, quem toma a primeira vez o lugar do “eu”, com o privilégio em relação ao “tu” que Benveniste sublinhou³.

A forma mais espontânea e mais frequente de comunicação oral é o chamado diálogo. Num diálogo existe uma troca de palavras que se rege por uma série de indicadores perfeitamente codificados. Numa conversa não é preciso dizer “agora é a tua vez de falar” ou “pára, agora é a minha vez”. Quando um falante cede a palavra a outro, avisa-o através de vários indicadores – expressões estereotipadas, alteração do tom e diminuição da intensidade da voz, abrandamento ou interrupção dos gestos, olhar dirigido para o interlocutor e sustido durante mais tempo do que o normal. Da mesma forma, a pessoa que está a ouvir emite, ao longo da conversa, determinados signos – olhar para quem fala, assentir com a cabeça de vez em quando, ou utilizar expressões como “pois” ou “claro” –, que constituem elementos imprescindíveis, para que a comunicação se mantenha.

³ “‘Eu’, interior ao enunciado mas exterior a ‘tu’, (...), ‘eu’ é sempre transcendente em relação a ‘tu’.” (Benveniste, 1966, p. 232)

O ser humano socializado interiorizou todos estes signos de forma intuitiva, pelo que é capaz de começar, manter ou interromper uma conversa, ainda que nunca tenha aprendido formalmente a fazê-lo.

A conversa rege-se, para além disso, pelo chamado *princípio da cooperação*, de Grice, de acordo com o qual os falantes aceitam implicitamente as regras de conversação e estão dispostos a contribuir para o seu êxito. Qualquer conversa tem um objectivo comum, como seja um tema que se fixa no início ou que, surgindo ao longo da interacção, se converte no tema central. Em virtude do princípio de cooperação, os interlocutores dirigem os seus esforços no sentido da centralização do tema e do encaminhamento deste numa direcção que seja aceitável. Tanto o conteúdo linguístico como a forma da conversa estão regulados por normas vinculadas ao princípio de cooperação.

Falar em oralidade é falar também em entoação. Esta é parte integral de qualquer discurso fornecendo as pistas necessárias para uma análise da estrutura linguística de cada enunciado, do estatuto emocional ou da intenção comunicativa do falante.

A curva melódica permite mostrar a intenção comunicativa do falante, ou seja, o objectivo que ele pretende atingir com a sua mensagem. Assim, consoante a entoação com que é produzida, a mesma frase pode exprimir diferentes finalidades: enunciativa, exortativa, desiderativa, etc.

Para abordar a questão da entoação no discurso espontâneo, começaremos por relembrar a definição de discurso. Como vimos atrás, discurso não engloba apenas os aspectos linguísticos do enunciado, como por exemplo os “parágrafos”, as tomadas de palavra, mas também as questões da informação, incluindo o *focus* da atenção e o dar nova distinção ao enunciado.

No discurso oral, que estruturas são necessárias para a sua continuação e que pistas entoacionais podem acompanhar essas estruturas?

Na fala espontânea é necessário dar conta da ocorrência de determinados eventos: falsas partidas, trunicações, hesitações, pausas, tosse, risos, sobreposições, ruídos de fundo, etc. e são alguns destes aspectos que dificultam a sua análise. São aspectos que dominam o discurso espontâneo, dando-lhe uma estrutura distinta.

O discurso espontâneo contém muitos “erros”, as frases são normalmente breves e, em vez de um enunciado correctamente ordenado em termos gramaticais, temos um enunciado, por vezes, desordenado com hesitações e pausas. No entanto, Halliday (1989),

no seu texto sobre o discurso oral, afirma “the spoken language is, in fact, no less structured and highly organized than the written.” (Halliday, 1989, p. 79). Para este autor, quer o discurso oral, quer o discurso escrito, são manifestações do mesmo sistema linguístico, são uma forma de linguagem, mas exploradas de maneira diferente. São duas maneiras diferentes de representar a nossa experiência. No entanto, o discurso oral tem a sua própria complexidade. Quando lemos um texto, ele existe, está lá. Quando ouvimos, o texto surge-nos como uma dinâmica – está a acontecer, “waves travel through the air.” (Halliday, 1989, p. 79).

Aprender é um processo essencial da construção de significados linguísticos – estruturas semânticas. Este sistema de significados, segundo Halliday, envolve duas perspectivas: sinóptica e dinâmica. Quando aprendemos algo, construímos simultaneamente um universo de coisas e um universo de processos – o fazer e o acontecer. Halliday ilustra esta ideia com um exemplo engraçado: para perceber como funciona uma máquina, necessitamos de ter uma visão sinóptica da sua construção como um todo e necessitamos também de ter uma visão dinâmica de como a máquina funciona. A linguagem é, ao mesmo tempo, (1) uma parte da realidade, (2) um acontecimento da realidade e (3) uma imagem da realidade. A linguagem oral acontece; é como o trabalhar de uma máquina. Por exemplo, torna-se mais fácil seguir instruções orais que escritas (estas normalmente aparecem acompanhadas de imagens).

Uma das dificuldades na análise do discurso oral é, sem dúvida, a questão da entoação, que acrescenta à comunicação um segundo código. É raro alguém falar como se escrevesse, abstraindo da entoação.

Nos nossos dias, a ideia de que o discurso oral revela falhas ao nível da estrutura, acaba por ser um mito.

2.2. A teoria dos actos de fala

2.2.1. *Uma breve perspectiva histórica*

Originalmente de inspiração anglo-saxónica, esta corrente mobilizou sobretudo as reflexões de filósofos, de lógicos, de antropólogos. O filósofo inglês John Langshaw Austin (1962) evidenciou a existência de enunciados “performativos”, que apresentam a singularidade de realizar o que afirmam pelo simples facto de o afirmarem – por exemplo, “juro-o”, que podemos opor a um enunciado não “performativo” como “Paulo jurou casar com Maria”. Progressivamente, Austin foi levado a considerar que todas as enunciações possuem aquilo a que chama força ilocutória isto é, que constituem actos de fala (afirmar, ordenar, sugerir, etc.). Nesta concepção, falar é, não apenas transmitir um certo conteúdo, mas também “mostrar” que se tem o direito de falar como se fala. Realizar este ou aquele acto de fala é conferir a si próprio um certo estatuto, conferir o estatuto correlativo ao destinatário, formular a sua enunciação como legítima no contexto, etc.

A teoria de Saussure sobre a distinção entre linguagem, língua e fala surgiu nos finais do século XIX e inícios do século XX. Segundo Saussure, língua é um sistema de signos com determinada ligação entre si e são bifacetados, isto é, têm uma face de significado e outra de significante. Saussure exclui a parte da semiótica a que chamamos pragmática. A distinção entre linguagem, língua e fala é contestada por homens do campo da linguística e da filosofia da linguagem.

No campo da linguística (que tem como objecto de estudo a língua), Benveniste (1966) propõe uma “Linguística do Discurso”, em que não se pode dissociar a língua de situação de discurso. Por exemplo, quando dizemos “eu”, não podemos definir o seu significado do mesmo modo que se define uma mesa, uma mulher; pois eu é a pessoa que fala, “tu” é aquela a quem se dirige o discurso. Os pronomes pessoais (eu, tu, ele...) não têm sentido fora do discurso, pois consideramos o sujeito na fala, a sua concepção na fala. Também termos como “aqui, além, longe...” são os chamados deícticos que só têm sentido numa determinada situação do discurso, só têm sentido quando associados à fala, ou seja, quando os interlocutores os utilizam. Daí que em vez de linguística da língua se fale de uma “Linguística do Discurso”.

Outro linguista, Ducrot (1991), propõe a “Argumentação na Língua”. Segundo este autor, a pragmática deriva da própria língua, é intrínseca a ela, ela própria é pragmática. De acordo com Ducrot, sempre que falamos estamos a ser pragmáticos, pois, mesmo sem nós querermos, quando utilizamos a língua, estamos a argumentar. (Ducrot, 1991, p.397).

Como Benveniste (1966) e Ducrot (1991), também os “filósofos da linguagem” ou “pragmáticos”, como Austin e Searle entre outros, recusam a distinção saussuriana entre língua e fala e a limitação da linguagem à língua. Prova disso são os “speech acts” (actos de fala). A teoria dos actos de fala proposta por Austin (1962) considera os enunciados linguísticos como acções com determinada força e com determinadas aplicações. Os actos de fala são acções intencionais. Se numa primeira fase Austin distingue enunciados constativos (dizem alguma coisa; são verdadeiros ou falsos) e performativos (fazem alguma coisa; têm sucesso ou não), numa segunda fase chega à conclusão de que todos os enunciados da língua são locutórios, ilocutórios e perlocutórios, isto é, simultaneamente “constativos” e “performativos”. O carácter accional da linguagem é acentuado logo no título da obra de Austin, *How to do things with words*; falar e dizer são, portanto, um fazer, no sentido de agir. Ele diz que “O negócio de um enunciado é apenas para descrever situações ou factos que podem ser verdadeiros ou falsos.” (Austin, 1962, p. 1).

Ao contrário de Ducrot, Austin defende uma pragmática extrinsecalista: o carácter pragmático da linguagem deriva do contexto. Por exemplo, nos enunciados “Ana, tiraste 18 na frequência! És muito inteligente!” e “Ana, tiraste 8 na frequência! És muito inteligente!”, a palavra inteligente tem o sentido de um elogio ou de uma ironia em função dos diferentes contextos em que é proferido o enunciado.

Fácil se torna reconhecer a importância dos estudos do filósofo Austin no desenvolvimento da pragmática, na medida em que foi ele quem definitivamente chamou a atenção para as multivariadas funções que os enunciados desempenham na interacção verbal, dando conta de alguns dos factores que regulam as nossas escolhas linguísticas e dos efeitos que tais escolhas têm, quer na compreensão, quer no comportamento linguístico – social dos nossos interlocutores, ao desempenharem um papel de nossos alocutários.

Conclui-se, assim, que o estudo da língua e dos actos de fala não esgota o estudo da linguagem, pelo que não podemos considerar encerrado esse estudo com Saussure. Permanece portanto a questão: “o que é a linguagem?”. Esta é uma questão corrente, já que a linguagem é uma realidade complexa que envolve múltiplos aspectos que são estudados

por múltiplas disciplinas, sendo uma delas a linguística. Para além da linguística, a linguagem é abordada por disciplinas como a semiótica/semiologia, a lógica (que trabalha com a linguagem e permite enunciados para concluir enunciados), a filosofia da linguagem, a psicologia da linguagem (por exemplo, Piaget, 1974, realizou estudos relacionados com a linguagem das crianças), a sociologia, a antropologia, a teoria matemática da comunicação.

Foi precisamente a consciência desta complexidade que, como vimos, levou Saussure a eleger a língua como objecto da linguística. Note-se, no entanto, que na própria linguística não há paradigma, mas uma multiplicidade de paradigmas, como refere Marina Yaguello, na obra “Alice no país da linguagem”, ao afirmar que “Estamos ainda longe de chegar a acordo sobre conceitos tão fundamentais como... a própria noção de sentido.” (Yaguello, 1997, p. 18).

2.2.2. Noção de acto de fala

Todo o falante reconhece, mais ou menos empiricamente, que sempre que codifica ou interpreta uma frase da sua língua faz uso de determinados conhecimentos que lhe são facultados pela situação em que a frase é usada, pois tem como dado adquirido que a comunicação linguística não existe fora de um contexto particular, motivado pela interacção social. São estes conhecimentos, entre outros, que lhe permitem aceder mais facilmente ao significado de certas mensagens, para cuja descodificação não basta apenas a sua competência linguística.

Um acto de fala “é um comportamento verbal, governado por regras que asseguram que as intenções comunicativas venham a ser adequadamente interpretadas. Algumas dessas regras definem os próprios tipos de actos que podem ser realizados pela fala. Faz parte da competência comunicativa de qualquer falante distinguir uma ordem de um pedido, uma intenção de um compromisso, uma asserção de uma representação de um estado emocional. Existe, pois, um significado pragmático subjacente a cada acto de fala.” (Mateus, 2003, p. 73).

Um acto de fala é a menor unidade que, pela linguagem, representa uma acção (ordem, pedido, afirmação, promessa...) destinada a modificar a situação dos interlocutores.

2.2.2.1. Austin (1962) e Searle (1969)

O acto de fala (por vezes denominado acto de linguagem ou de discurso) é uma das noções essenciais da pragmática linguística. A sua teorização é sobretudo obra do filósofo Austin (1962) e continuada por Searle (1969). Toda a comunicação linguística envolve actos linguísticos. A unidade linguística da comunicação não é um símbolo, uma palavra ou uma frase, mas sim a produção desse símbolo palavra ou frase num acto de fala. A produção de um enunciado dentro de certas condições é um acto de fala e os actos de fala são as unidades básicas da comunicação linguística. Tal estudo lida, não só com a teoria da linguagem, mas também com a teoria da acção. O acto ou actos de fala num enunciado tem a função de significar. Mas o significado desse enunciado não determina qual o acto de fala utilizado. Para o locutor pode significar mais que aquilo que realmente diz. Por estas

razões, o estudo da significação de enunciados não pode ser distinto do estudo dos actos de fala.

Surgem aqui duas questões importantes: como é que o significado dos elementos de um enunciado determina o seu significado global? Quais os diferentes actos de fala utilizados por um locutor quando se exprime? Ambas as questões estão relacionadas, pois para cada acto de fala há um enunciado ou um conjunto de enunciados dentro de um contexto particular que vai constituir a prática desse acto de fala. Existe uma série de conexões analíticas entre a noção de acto de fala, aquilo que o locutor representa, aquilo que o enunciado significa, a intenção do locutor, aquilo que o alocutário compreende e aquilo que são as regras dos elementos linguísticos. Nos exemplos:

- a) Paulo fuma.
- b) Paulo fuma?
- c) Paulo, fuma!

O que faz o locutor ao enunciar estas frases? Está certamente a dizer alguma coisa e não a enunciar palavras soltas sem sentido. Em a) está a fazer uma asserção; em b) está a perguntar e em c) está a dar uma ordem. Ao utilizar estes três actos de fala, o locutor utiliza outros actos comuns aos três. Podemos dizer que nos exemplos acima, o sujeito e o predicado são os mesmos e aparecem como fazendo parte de um completo acto de fala que acaba por ser diferente dos outros. O mesmo sujeito e o mesmo predicado podem surgir em actos de fala completamente diferentes. Austin chamou-lhes *actos ilocutórios*.

Qualquer acto de fala deve satisfazer um certo número de “condições de utilização” que são outras tantas “condições de sucesso”, as quais o tornam apropriado ao contexto.

Para Austin, quando se produz um acto de fala, ocorrem três actos em simultâneo: um acto locutório, um acto ilocutório e um acto perlocutório. Um acto locutório corresponde à enunciação de uma ou mais palavras numa frase, a partir da operação linguística de atribuição de referência e codificação de significado, permitindo ao ouvinte compreender o que foi enunciado. O acto ilocutório consiste, por sua vez, no uso de uma frase linguisticamente operativa para efectuar algo, para realizar uma acção circunstancialmente funcional, como por exemplo, prometer, ordenar, etc. Por último, o acto perlocutório traduz-se nos resultados ou efeitos produzidos com o efectivar do

enunciado – acção (Austin, 1962, p. 94-101). Consideremos o seguinte exemplo: “Eu adoraria ver o teu desenho.” Este enunciado pode descrever um estado de espírito (locução), prometer olhar para o desenho (força ilocutória) e esperar com que a criança se sinta bem, aumentar a sua auto-estima (efeito perlocutório). Isto permite explorar a linguagem, não só a nível abstracto, mas no “dar e receber” em situações reais do uso da linguagem.

A diferença entre os enunciados performativos e os enunciados constativos, inicialmente proposta por Austin, não é, portanto, uma diferença estrutural, mas uma diferença de qualidade, enquanto actos de fala. Infelizmente a teoria dos performativos não foi objecto de aplicações da análise do discurso. É evidente que os performativos só existem em função das convenções sociais que determinam o valor de certos actos de enunciação, por exemplo, a força ilocutória de uma promessa é feita explicitamente com o uso de um verbo performativo “ Eu prometo...”. O locutor ou enunciador vai agir de acordo com a promessa que faz. Claro que a intenção do falante deve ser sincera, caso contrário irá contra a *máxima de qualidade*. Neste exemplo, a escolha das palavras (prometo) define o tipo de discurso. Se não usássemos estas palavras ou outras equivalentes, não seria uma promessa, excepto no caso do performativo implícito, – esta é a essência de um acto de fala – pronunciando as palavras, frases leva à acção.

Para Austin, todas as emissões verbais conseguidas, para além da sua significação literal, possuem uma “força ilocutória” que determina como o enunciado deve ser recebido pelo alocutário (asserção, promessa, ordem, etc.). Na maior parte das vezes, esta força é implícita, chegando o contexto para a determinar. Os verbos performativos só servem para manifestar explicitamente esta potencialidade. O objectivo visado pelo emprego de um verbo performativo é tornar explícita a força ilocutória de uma intervenção.

Searle (1969) propôs uma tipologia dessas condições que incidem sobre as circunstâncias e o estatuto dos participantes do acto de fala, as suas intenções, os efeitos que com ele se pretendem provocar. Assim, para prometer algo a alguém é preciso ser sincero. O objectivo de Searle na sua obra, *Speech Acts*, é, precisamente, tentar lançar um conjunto de condições necessárias e suficientes, para que sejam válidos esses tipos de actos de fala, e delas deduzir regras que regem o emprego dos processos linguísticos que caracterizam a integração dos enunciados em determinado acto de fala. Ora, precisamente, os actos de fala têm por característica serem realizados ao produzir enunciados que

obedecem a regras constitutivas, deste modo, prometer consiste em dizer *eu prometo*; é através de uma convenção que “eu prometo”, em certas condições, constitui o acto de fazer uma promessa.

Na produção e caracterização dos actos ilocutórios ou actos de fala existe uma relação entre os aspectos intencional e convencional, ou seja, ligada à função que um enunciado assume num contexto da sua enunciação, função a que podemos chamar a sua força ilocutória, está a intenção com que o enunciado é produzido – o seu objectivo ilocutório.

Como vimos, os casos mais simples de significação são aqueles em que o locutor diz aquilo que literalmente quer dizer. Nestes casos o locutor pretende produzir um efeito perlocutório no alocutário, pretende que o alocutário reconheça a sua intenção. Mas nem sempre é assim.

2.2.2.2. Acto indirecto como complexo ilocutório

Quando um acto de fala não coincide com aquele que se esperaria do tipo de frase enunciada, dizemos que foi produzido um acto de fala indirecto. O alocutário sabe que tem de entender um acto indirecto, sempre que o acto se revela mal sucedido, ou seja, quando não preenche as chamadas condições de sucesso. Em situações de ironia, insultos, insinuações e até na utilização de metáforas, pode surgir outra questão: o locutor diz o que pretende, mas diz algo mais. No exemplo: “Eu quero que faças isto.” – a enunciação está em forma de asserção sobre os desejos do locutor, mas é de facto um pedido para que o alocutário faça algo. O enunciado contém uma força ilocutória para um acto ilocutório, mas tem a intenção de um pedido (outro tipo de acto ilocutório). Outro exemplo, “Podes passar-me o sal?” – seria de alguma ingenuidade imaginar a situação sem ser um pedido! O locutor pretende que o seu alocutário reconheça, não só que lhe fez um pedido, mas também que teve a intenção de lho fazer, ainda que sob a forma de uma frase interrogativa com conteúdo proposicional diferente que o pedido comporta. Quando alguém dá uma ordem através de uma pergunta (“pode fechar a janela?”), se se tem em conta que quem pergunta se põe ilocutoriamente na situação de fraqueza (dependente da boa vontade do interlocutor em responder à pergunta), o que tal pessoa faz é trocar a posição de força de quem ordena pela posição de fraqueza de quem pergunta ou de quem pede. Um outro

exemplo típico dos actos indirectos de linguagem é a maneira como podemos “querer dizer” coisas diferentes ao pronunciar a frase “está um lindo dia”: mera constatação de quem se levanta, confirmação de que se vai à praia como programado, ironia face à trovoadas, maneira de tentar estabelecer conversa com alguém, quando se é tímido ou se não conhece o interlocutor, tentativa para desviar a conversa, etc. Do que se trata nestas situações evocadas, é do “fio de conversa” de Flahault (1978). Trata-se, pois, de uma questão de pertinência, que dá o critério para “prever” quais os tipos de frase que se prestam à situação.

É de referir que a entoação deste tipo de enunciados, como pedidos indirectos, muitas vezes difere da entoação, quando pronunciados apenas com a sua força ilocutória. Este é um assunto de interesse para a prosódia, da qual falaremos mais adiante.

Como é que se reconhece a intenção dos interlocutores, se o que se quer dizer é diferente daquilo que de facto se diz? Em situações de comunicação, locutor e alocutário operam as suas trocas linguísticas a partir de informação partilhada anteriormente, quer linguística, quer não linguística. Para além destes aspectos, há ainda a considerar o papel da convenção e do comportamento social. Um desses princípios de comportamento linguístico é o chamado princípio de cooperação de Paul Grice em função do qual as nossas trocas conversacionais se estruturam discursivamente. A importância filosófica deste estudo interessa aos linguistas devido às consequências sintáticas que daí advêm.

O que aqui se põe em relevo é uma enorme questão pragmática: a comunicação ordinária implica frequentemente uma opacidade entre o que o falante pretende dizer e aquilo que de facto diz. Mais tarde Grice desenvolve a sua problemática em termos de o reconhecimento da intenção do falante exigir um princípio de cooperação que implica quatro tipos de “máximas” a que o ouvinte recorre para poder reconstituir a intenção do falante: a categoria da quantidade (de informação prestada), da qualidade (verdade), da relevância (para a conversa) e da modalidade (clareza, não ambiguidade, brevidade, etc.) O que “se quer dizer” como distinto do que “se diz” recebe o nome de “implicature”, traduzindo a versão inglesa por “implicatura”, interessando-se Grice pelas implicaturas conversacionais: será necessário um raciocínio do ouvinte, a partir do enunciado dito e entendido, apoiado no respeito das máximas conversacionais e recorrendo ao contexto, para se restituir a intenção do falante, o que ele quis dizer.

Sendo parte integrante da força ilocutória, o objectivo ilocutório distingue-se, no entanto, daquela, na medida em que é ele que a regula, tornando possível que dois enunciados tenham o mesmo objectivo ilocutório, mas forças distintas.

Segundo Allan Keith (1986), as teorias dos actos de fala têm vindo a tratar os actos ilocutórios como produto de enunciados simples, baseados em frases simples apenas com um ponto ilocutório – passando assim de uma análise pragmática para uma análise de gramática. Um simples enunciado faz parte de uma longa intenção ou plano.

2.2.3. A tipologia dos actos de fala

Na realização de qualquer acto ilocutório, o locutor exprime uma atitude, um estado psicológico, relativamente ao conteúdo proposicional do seu enunciado, esperando dele uma sinceridade de expressão.

De uma maneira geral, o locutor subentende, pelo desempenho de um acto ilocucional qualquer, que as condições preliminares do acto estão satisfeitas. Assim, prometer alguma coisa é, ao mesmo tempo, colocar o ouvinte na situação interessado na realização dessa promessa; comandar, pressupõe que o ouvinte está em posição de inferioridade, etc. O implícito entra, pois, em profundidade na realização dos actos de fala. O facto de o enunciado de uma frase poder indicar num dado contexto a satisfação de uma condição essencial sem o uso do procedimento indicativo de força ilocucional, explícito para essa condição essencial, está na origem de muitas formas de cortesia. Por exemplo “Você poderia fazer-me isto?” – apesar dos itens interrogativos, não tem características de uma pergunta, ela é emitida como um pedido. Isto deriva do princípio da expressabilidade, que estabelece que tudo o que pode ser significado pode ser dito.

Certos tipos de actos ilocutórios são casos especiais de outros tipos. Assim, fazer perguntas é realmente um caso especial de pedido, de saber, pedir informação ou pedir que o ouvinte mostre conhecimento “Diga-me o nome do primeiro presidente dos Estados Unidos” – é equivalente em força a uma enunciação na forma de pergunta: “Qual é o nome do primeiro presidente dos Estados Unidos?”. Os objectivos comunicativos presentes no uso da linguagem verbal regulam um nível de significação distinto do nível semântico de interpretação proposicional dos enunciados. Existe, pois, um significado pragmático subjacente a cada acto de fala.

Partindo das noções de objectivo ilocutório e de força ilocutória, e sabendo que, na realização de qualquer acto ilocutório, o locutor exprime uma atitude, um estado psicológico, relativamente ao conteúdo proposicional do seu enunciado, dele se esperando uma sinceridade de expressão, torna-se possível proceder à inventariação, por classes, dos diferentes actos ilocutórios que um falante pode realizar, por meio do uso que faz da linguagem.

Segundo o filósofo americano John R. Searle (1969), tal inventariação deve considerar as variações que, entre os diferentes actos, ocorrem ao nível do objectivo

illocutório, da força illocutória e da condição sinceridade, juntamente com variações referentes aos estatutos do locutor e do alocutário e as relações de poder que daí advêm e ao modo como o enunciado se relaciona com os interesses do locutor e do alocutário.

Com base nestas diferenças de variação, John Searle estabeleceu uma tipologia dos actos illocutórios em seis categorias gerais (tabela 1):

<i>Tipo</i>	<i>Objectivo illocutório</i>
Actos illocutórios assertivos	Relacionar o locutor com a verdade de algo, com a verdade da proposição expressa no enunciado.
Actos illocutórios directivos	Tentar que o alocutário pratique uma acção, verbal ou não verbal, determinada pelo reconhecimento por este efectuado do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor.
Actos illocutórios compromissivos	Comprometer o locutor, relativamente à prática de uma acção futura, determinada pelo conteúdo proposicional do enunciado.
Actos illocutórios expressivos	Expressar o estado psicológico especificado na condição de sinceridade acerca de um estado – de – coisas que o conteúdo proposicional indica.
Declarações	Fazer com que o universo em referência coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, trazendo um novo estado de coisas à existência.
Declarações assertivas	Trazer um novo estado de coisas à existência por coincidência do universo em referência com o conteúdo proposicional do enunciado, relacionando o locutor com o valor de verdade desse conteúdo.

Tabela 1. Adaptação da taxinomia de Searle, apresentada por Maria Helena Mira Mateus (2003, p. 73-81)

Parafraseando e usando os exemplos de Mateus et al. 2003 pp75-80:

Os *actos ilocutórios assertivos* têm como objectivo relacionar o locutor com o valor da verdade do conteúdo proposicional do enunciado e realizam-se com base em:

- a) verbos ilocutórios assertivos, tais como: admitir, acreditar, afirmar, concordar, confessar, descrever, discordar, informar, negar, responder, etc.;
- b) expressões modalizadas de verbos criadores de universo de referência: considerar certo, achar possível, achar necessário, etc.;
- c) asserções simples cujo conteúdo proposicional é equivalente às frases contendo os verbos mencionados em a) e b): “*Estás com febre, tão certo como 2 e 2 serem 4*” ou “*Estás com febre*”.

Estas realizações constituem actos ilocutórios assertivos directos. No entanto, podem encontrar-se casos considerados como actos ilocutórios assertivos indirectos:

- d) enunciados que, em interacção, se tornam relevantes e adquirem representatividade, quando considerados em conjunto com o enunciado anterior:

- *Achas que o Pedro vai chegar a horas?*
- *Claro! / por que é que não há-de chegar?*

- e) enunciados que, em interacção, contêm implicaturas conversacionais com função de respostas, cujo objectivo é relacionar o locutor com o valor de verdade do universo referido no enunciado anterior:

- *Achas que o Pedro vai chegar a horas?*
- *Se ainda é o mesmo que eu conheci...! / O quê, o rei faz anos?*

- f) frases simples, por vezes exclamativas, em que o conteúdo proposicional é fundamentalmente controlado pelo locutor:

“Que situação tão ridícula!”

Os *actos ilocutórios directivos* têm como objectivo tentar que o alocutário realize futuramente uma acção verbal ou não verbal que reflecta o reconhecimento, por parte desse mesmo alocutário, do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor. O efeito perlocutório destes actos directivos fica inteiramente dependente da realização futura da acção por parte do alocutário. Os actos ilocutórios directivos podem realizar-se na expressão de ordem, pedido, sugestão e conselho, com base em:

- a) frases imperativas, quer no conjuntivo quer no indicativo;
- b) verbos ilocutórios directivos: aconselhar, esperar, exigir, implorar, lembrar, mandar, obrigar, ordenar, pedir, proibir, querer, sugerir, suplicar, etc.

Realizam-se pedidos de informação com base em:

- c) frases simples interrogativas;
- d) frases complexas cujo verbo superior é um verbo de inquirição do tipo perguntar, interrogar, inquirir, investigar,

Constituem actos ilocutórios directivos indirectos frases interrogativas, contendo uma negativa com valor positivo, cuja força ilocutória é semelhante à dos pedidos de confirmação:

- e) verbo modal, expressão da modalidade deontica do conteúdo do acto ilocutório:

- *Não achas que tens de comer a sopa toda?*
- *Não sabes que não podes espreguiçar-te à mesa?*

- f) verbo declarativo ou directivo, expressão de uma relação de reconhecimento da modalidade do conteúdo proposicional do enunciado:

- *Não te disse para teres cuidado com o fogo?*

- *Quantas vezes te proibi de gritar à frente das pessoas?*

Os *actos ilocutórios compromissivos* têm como objectivo comprometer o locutor no desenrolar futuro de uma acção expressa no conteúdo proposicional do enunciado. Esse compromisso por parte do locutor conta com uma condição de sinceridade que é a do locutor “ter intenção” de se relacionar com o desenvolvimento futuro da acção. O conteúdo proposicional de um acto ilocutório compromissivo não é susceptível de atribuição de valores de verdade, uma vez que o conteúdo proposicional só encontra referência num espaço de tempo posterior ao da enunciação. Os actos ilocutórios compromissivos podem realizar-se com base em:

- a) frases simples no futuro do indicativo ou seus substitutos como o presente do indicativo:
 - *Irei.*
 - *Vou vê-la assim que poder.*
- b) verbos ilocutórios compromissivos: comprometer, jurar, prometer, tencionar, etc.
 - *Juro dizer a verdade.*
 - *Tenciono estudar para o exame.*
- c) expressões elípticas com valor ilocutório compromissivo:
 - *Até logo, às 9, à porta do café.*
- d) construções condicionais em que o conteúdo proposicional do consequente é a expressão de um acto compromissivo:
 - *Se não vieres, fico chateada.*

Os *actos ilocutórios expressivos* têm como objectivo exprimir o estado psicológico do locutor em relação ao estado de coisas especificado no conteúdo proposicional. A expressão do estado psicológico do locutor é dependente da condição de sinceridade que constitui a pressuposição da verdade do conteúdo proposicional do enunciado. Os actos ilocutórios expressivos realizam-se a partir de:

- a) verbos ilocutórios expressivos: adorar, agradecer, congratular-se, deplorar, gostar, lamentar, odiar, etc.
 - *Agradeço-te a visita de ontem à noite.*
 - *Peço desculpa por telefonar a esta hora.*
- b) verbos criadores de universo de referencia, modalizados por advérbios:
 - *Acho mal telefonar depois das 10 da noite.*
- c) expressões exclamativas, frásicas ou não, com adjectivos valorativos, advérbios e verbos experienciais , expressivos ou afectivos:
 - *Bom dia!*
 - *Que lindo relógio!*

As declarações têm como objectivo ilocutório fazer com que o estado de coisas em referência coincida com o conteúdo proposicional de enunciado. Numa declaração, a força ilocutória não se diferencia do conteúdo proposicional. Uma declaração não descreve a posição do locutor (como um acto ilocutório assertivo) nem implica condições de sinceridade (como os actos ilocutórios directivos, compromissivos e expressivos), uma vez que não estabelece relação com um estado de coisas futuro. Uma declaração só é entendida como tal, se for proferida pelo locutor cujo estatuto permite a criação do estado de coisas enunciado. Por exemplo, o enunciado “A sessão está aberta” é uma declaração, se for proferido pela pessoa que preside a essa sessão; “Declaro-vos marido e mulher” é uma declaração, se o enunciado for proferido pelo oficial de registos ou pelo padre.

Existem ainda casos de enunciados em que é possível reconhecer objectivos declarativos indirectamente expressos. Por exemplo, a pergunta “Vamos começar a aula?” tem função de declaração, se o professor estiver de facto, nesse momento, a iniciar a aula.

As declarações assertivas apresentam forças ilocutórias assertivas, mantendo os objectivos ilocutórios das declarações. Deste modo, a força ilocutória assertiva aparece como tentativa de controlar verbalmente a relação social entre locutor e alocutário, de modo a que o alocutário reconheça como criador de realidade um enunciado cujo universo de referência pode não ser reconhecido como real. As declarações assertivas constituem um tipo de declarações indirectas. Por exemplo o enunciado “É fundamental que você deixe de fumar a partir de agora.”, é uma declaração representativa no caso do locutor ser médico e o paciente (alocutário) reconhecer, a partir do enunciado, autoridade ou poder do médico para o fazer deixar de fumar.

2.3. Actos de fala presentes na situação discursiva “dar direcções”: perguntar vs asserir

O trabalho pioneiro de Austin (1962), continuado e desenvolvido por Searle (1969) e até hoje alvo de reflexão e aperfeiçoamento pelos linguistas que têm adoptado como campo de trabalho a linguística do uso, veio abrir novas formas de abordagem dos problemas da língua e do seu uso. Searle defende que falar uma língua é executar actos de fala (dar ordens, expressar sentimentos, fazer perguntas, promessas ou ameaças, etc.), actos que seriam entendidos como unidades básicas da comunicação linguística. Assim, tal abordagem procura descrever o uso da língua em contexto, nas suas múltiplas dimensões, considerando essencialmente as vertentes internas ao sujeito falante e a própria interferência do discurso na estrutura da língua. Aqui estão presentes as dimensões sequenciais e interactivas dos actos de fala.

Que fazemos, quando falamos, quando dizemos? Quais as condições para nos entendermos numa conversa? Quando começa a des-conversa? Que jogos de forças se realizam no conversar, como intervém a pertinência de cada um? Como intervêm os verbos locucionais, aqueles que têm um valor forte de acto, quando ditos na primeira pessoa do presente do indicativo com uma certa entoação (eu prometo-te, eu ordeno-te, eu sei que...). E tudo o que se dá a entender, o que se não explicita e é, por vezes, o mais importante da conversa, haverá possibilidades de o “calcular”?

Autores como Austin (1962), Searle (1969), Strawson (1974) e Grice (1975), abriram espaço a um novo objecto que tem a ver com a instância concreta de enunciação e com o seu contexto específico, quer se trate do que revela dos interlocutores ou do que revela daquilo que eles falam. A linguagem como acção entre dois ou mais interlocutores, aquilo que eles *fazem* quando *dizem*, o que se produz ou cria na comunicação, a relação de tal acção ao contexto, das intenções dos interlocutores e ainda, em terminologia de Austin, da força ilocutória dos performativos em sentido geral e, enfim, do contexto ou situação.

Podemos apresentar aqui uma tese essencial de que qualquer acto de fala, no sentido de *speech act*, tem duas dimensões fundamentais: a do contexto, ou seja, a relação do enunciado ou do conjunto de enunciados com o que se pode chamar o extralinguístico ou a realidade; e a interlocução entre um locutor e o seu ouvinte, circunscrevendo o conceito austiniano fundamental de força ilocutória. Estas dimensões essenciais à acção da linguagem implicam duas coisas: por um lado, tanto o contexto como a interlocução como

a relação entre as forças ilocutórias são criadas, produzidas pela linguagem em acção; por outro lado, que as duas dimensões implicam uma com a outra criando um jogo interlocutório.

Surgem assim duas questões que nos têm ocupado nesta investigação: os performativos directos e performativos indirectos, por um lado, e implicatura griceana, por outro.

Num enunciado com marcas linguísticas de enunciação discursiva, estas revelam uma relação de interlocução entre falante e ouvinte, entre locutor e alocutário, relação essa que, sendo a outra grande dimensão dos actos de fala, vai por sua vez interferir na dimensão predicativa, por exemplo, tornando-a aberta, inacabada. O texto de 1975, *Logic and Conversation* (citado em Belo, 1991, p. 29-34) sobre a análise do diálogo, permite ver os exemplos de uma implicatura, ou seja, o ouvinte tem de “calcular” a “intenção” do falante para poder “compreender” ou “interpretar” o que ele “quer dizer”. O princípio de cooperação e as suas máximas terão então o estatuto do que o ouvinte tem de supor ser observado pelo falante para poder interpretar o que ele “quer dizer”. Mas as máximas de Grice seriam “reguladoras” da conversa, se os falantes não fossem constituídos enquanto tais pela acção da linguagem em que estão empenhados e esta é uma concepção muitas vezes ignorada pelo convencionalismo. O tema privilegiado por Flahault (1978) é o da temporalidade da conversa que faz com que cada locutor não pode falar ao mesmo tempo que o outro, isto é, tem de o deixar falar, por um lado, e tem de, quando “toma a palavra”, testemunhar de que se encontra fundado para o fazer.

Se introduzirmos aqui o conceito austiniano de força ilocutória, convém, no entanto, distinguir esta relação de forças intrínsecas à conversa, à interlocução dos lugares institucionais que poderão determinar, ao menos parcialmente, a relação interlocutória: tais lugares derivam, não directamente de uma pragmática, mas duma sociologia, à maneira de algumas das condições de emprego dos performativos de Austin (as que permitem alguém ordenar a outrem, baptizar uma criança, declarar a abertura de uma sessão pública, etc.). As forças ilocutórias estabelecem-se no próprio diálogo, como quem mede forças, relação que se pode modificar no próprio jogo, por exemplo, o professor que, em posição institucional de poder, discutindo com um aluno, lhe diz a certa altura “olhe que eu tenho a faca e o queijo na mão”, a resposta deste, institucionalmente em posição de fraqueza, “então tome cuidado e não corte os dedos”, inverte a relação de forças interlocutórias,

colocando-o em posição de força. Quando se deixa o outro falar, ou pelo contrário, se interrompe, é sempre de uma relação de forças que se trata (“mas deixa-me terminar o que estou a dizer...”).

Em qualquer conversa, por muito banal que seja, a pertinência do que se diz é decisiva, aquém de qualquer intenção: é por isso que podemos “calcular” as “intenções” do outro, porque sabemos que ele joga o jogo de forma a ser considerado pertinente.

2.3.1. Pragmática ilocutória e análise do diálogo

Numa situação discursiva, como por exemplo “dar direcções”, as perguntas e as asserções são caracterizadas como actos ilocutórios. Lyons (1977) caracteriza a pergunta como um enunciado com uma força ilocutória particular. Segundo este autor, a diferença entre uma pergunta e uma asserção está na sua forma, a dúvida é uma das suas condições de sucesso – o locutor não deve saber a resposta à sua pergunta. As perguntas estão normalmente associadas à expectativa de uma resposta por parte do alocutário. Para Lyons esta associação é convencional e independente da força ilocutória de uma pergunta. Como surgem então os vários tipos de perguntas? Coulthard (1995, p. 89-110), no estudo que fez sobre a descrição das perguntas coloca duas questões importantes: primeiro, se a expectativa de uma resposta é independente da força ilocutória de uma pergunta, então não haveria distinção nos seguintes enunciados:

a) A porta está aberta?

b) A porta está aberta, não está?

Em ambos os enunciados, o locutor exprime dúvida quanto ao estado em que se encontra a porta. Lyons (citado em Coulthard, 1995, p. 99) faz a distinção entre os dois enunciados. No exemplo b) o locutor está inclinado a acreditar no enunciado e assume que o alocutário vai aceitar a dúvida, mas ao mesmo tempo admite a possibilidade da sua rejeição e que a função da “tag” – *não está* é precisamente para solicitar uma resposta afirmativa por parte do alocutário ou negativa do enunciado que lhe é apresentado. No exemplo a), a pergunta é neutra, a não ser que lhe seja dada uma modelação prosódica ou paralinguística. Não é dada informação ao alocutário de que o locutor espera dele aceitação

ou negação. Isto significa que uma das principais diferenças entre os dois exemplos a) e b) refere-se às diferentes respostas esperadas da parte do alocutário.

Lyons e Quirk (citados em Coulthard, 1995, p. 100) tentam descrever uma pergunta tendo em conta as funções sintáctica e discursiva. No entanto outros critérios têm sido usados na identificação e classificação das perguntas.

O objectivo de Coulthard seria definir um sistema de análise flexível e adaptável a qualquer situação discursiva: conversas casuais entre amigos e família, conversas entre uma criança e um adulto, transacções comerciais, entrevistas, conversas de rádio ou até controladores de tráfego aéreo. Do ponto de vista teórico, podemos integrar e sistematizar as várias adaptações do trabalho de Sinclair e Coulthard (1975). Este modelo é fundamental sobretudo para o estudo das questões teóricas apresentando um sistema claro para a época. Em Coulthard e Montgomery (1989) é utilizado o sistema noutras situações discursivas, tornando-se discutível e sobretudo susceptível a algumas alterações. Primeiro, a correspondência entre o movimento do acto de fala e o elemento da estrutura, como por exemplo a iniciação, é abandonada. Segundo, surgiram dúvidas sobre os limites na troca dos elementos da estrutura da fala. Isto tem a ver com o colocar um enunciado no mesmo lugar que o enunciado seguinte ou interpretar como iniciação uma nova estrutura. Talvez no campo da entoação, da qual falaremos mais adiante, isto seja possível. É deste tipo de dúvidas e discussões que as estruturas e os movimentos da fala em situação discursiva são mais extensos do que aqueles apresentados por Sinclair e Coulthard e Coulthard e Montgomery.

Os actos de fala são as unidades mínimas da análise do discurso e são realizados ao nível da gramática e do léxico. Coulthard criou uma lista de actos de fala de conversação diária essenciais para uma descrição das funções básicas da linguagem.

A questão é: que actos de fala são realizados e por quem e que funções eles têm? Parece-nos que a lista utilizada por Coulthard nas suas análises é completa, no entanto, acreditamos que não é desejável apresentar uma lista completa e definitiva de todos os actos de fala presentes em situações discursivas.

Conversational Game Analysis, teoria primeiro proposta por Power (1979) e adaptada por Carletta et al (1997) para o *Map Task*, apresenta uma estrutura baseada num sistema de análise de diálogos orientados que classifica os enunciados em termos de *high-*

level discourse goals, ou seja, são analisados os objectivos gerais de um discurso e como esses objectivos são atingidos usando diferentes tipos de planos.

Para o nosso estudo sobre o discurso espontâneo, pensamos que esta teoria se adapta à análise das intenções do falante (teoria dos actos de fala de Searle e Austin) no caso dos diálogos orientados – “dar direcções”.

2.4. Prosódia

2.4.1. A entoação como parte integrante da força ilocutória

A entoação discursiva teve o seu início nas descrições de Halliday (1989) e desenvolvida numa teoria que nos parece completa por Brazil (Coulthard, 1995).

Falamos de gramática como o estudo dos elementos da língua e as suas combinações. Entendemos por gramática da oralidade, o estudo do som que pretende ser linguístico: organização fónica através de um conjunto de mecanismos de natureza prosódica. Sem estes mecanismos seria muito difícil fazer desse contínuo fónico algo inteligível. Quando é feita uma análise gramatical, parte-se normalmente da escrita e de tudo aquilo que podemos ver, deixando de lado a maneira como se organiza o som, para que seja perceptível a estrutura da língua. Este conjunto de elementos prosódicos básicos é o princípio elementar da organização da língua falada.

A investigação sobre a entoação em português tem uma primeira abordagem a partir de dados de fonética experimental, no trabalho de Maria do Céu Viana que data de 1987. O levantamento dos padrões entoacionais e a contribuição desses padrões para a estruturação das sequências de fala em português foi objecto da dissertação de doutoramento de Ana Isabel Mata, no quadro da análise experimental de dados da fala espontânea.

São vários os trabalhos sobre aspectos da prosódia do português como os de Raquel Delgado Martins (1983) sobre o acento da palavra, de Maria João Freitas (1989) sobre pausas, de Isabel Mata da Silva (1990) sobre interrogação e de Fernando Martins (1986) sobre entoação e organização do enunciado. As investigações neste campo têm contribuído ainda para análises de problemas de linguagem ligados a deficiências auditivas e para o desenvolvimento da investigação da síntese e do reconhecimento da fala no que respeita à língua portuguesa.

A entoação tem, não só, uma função fónica, como também um valor significativo. De facto, consoante o tom com que se pronuncia, a mesma sequência de palavras pode ser um elogio ou uma repreensão. Aliás, se a entoação contradisser o significado literal de uma palavra ou de uma frase, ela será mais importante para identificar o conteúdo da mensagem. Por exemplo, a frase “trabalhamos muito”, dita por um professor a um aluno

com entoação interrogativa ou exclamativa, significa que este último não trabalha o suficiente, sendo assim contradito o sentido primeiro da frase. A entoação permite-nos portanto matizar as nossas mensagens orais, transmitindo medo, alegria, dúvida, súplica, etc.

Em todo e qualquer acto de fala há uma escolha das palavras a empregar e uma utilização dos elementos prosódicos — entoação, acentos de intensidade, ritmo, pausas — que para cada sujeito parecerão ser os mais adequados ou os habituais. O estilo de cada um passa pela complexidade de combinações das diferentes variáveis referidas. Os diferentes registos expressivos vão depender das matérias de que se trata, dos interlocutores e do emprego mais ou menos diversificado das qualidades vocais acústicas, humanas e de estilo.

A partir das primeiras investigações, têm surgido novas teorias dentro de uma perspectiva auto-segmental, considerando a existência de vários níveis, organizados hierarquicamente, em que se situam as unidades fonológicas – os segmentos ou cada um dos traços prosódicos – permitindo assim representar fenómenos fonológicos das unidades entoacionais. Essas análises têm incidido sobre o acento, a sílaba, a entoação e o tom.

O acento e a entoação são geralmente descritos como traços prosódicos ou supra-segmentais, designação esta que se deve ao facto de afectarem unidades superiores aos fonemas ou segmentos. Aliás, quando é graficamente representado no texto escrito, o acento surge acima das letras que representam os fonemas. Ainda que recaia sempre sobre um fonema vocálico, o acento repercute-se, não só na sílaba que este integra, como na totalidade da palavra. Para além disso, a cadeia falada é constituída por uma sucessão de grupos fónicos que o falante modula com entoações diferentes para dar fluidez à sua mensagem. A entoação é a curva melódica que reflecte a variação de tons na pronúncia de uma mensagem, exprimindo o objectivo da comunicação e determinando o sentido da frase.

A cadeia fónica decompõe-se em partes mais pequenas através de pausas. A existência destas pausas deve-se sobretudo ao facto de precisarmos de respirar, enquanto falamos, pelo que, ainda que inconscientemente, dividimos o discurso em grupos de elementos fónicos chamados grupos entoacionais. Estes grupos seguem-se uns aos outros na cadeia falada, modulando a voz, variações de tom que servem para tornar a mensagem compreensível e mais agradável.

As novas teorias têm sido aplicadas na análise da língua portuguesa, a partir dos anos 80, destacando-se, neste aspecto, a investigação realizada por Maria João Freitas (1995) sobre a aquisição da fonologia, de Maria Helena Mira Mateus e Ernesto d'Andrade (2000) sobre a sílaba, a pesquisa sobre os constituintes prosódicos e entoacionais e sobre a organização do enunciado levada a efeito por Sónia Frota, Marina Vigário e Ana Isabel Mata (2000) e as recentes análises sobre a estrutura dos segmentos da autoria de Maria Helena Mira Mateus (2002).

As entoações são, pois, a considerar como parte integrante da força ilocutória: quanto mais se afirma, mais o jogo de entoações é marcado como modelação diferencial da voz. Trata-se da voz, essa zona da linguagem que é mais estritamente corporal e que entretém cumplidades com outras maneiras de expressão corporal, como a mímica, os gestos, o jogo de olhares que acompanha a interlocução. Todos aprendemos essas entoações ao aprender a falar e a entender os outros, como parte da língua: somos constituídos como falantes também por esta dupla com efeitos opostos, a capacidade de dissimular e a capacidade de nos “expressarmos” pelas entoações. Estas fazem, pois, parte integrante da pragmática da interlocução.

2.4.2. Prosódia: a melodia que acompanha o discurso

Como vimos, a prosódia interessa-se pelos fenómenos supra-segmentais, ou seja, que incidem sobre unidades de dimensão superior: a palavra (fenómenos de acentuação), a frase (fenómenos de entoação).

A entoação discursiva teve o seu início nas descrições de Halliday (1985) e desenvolvida numa teoria que nos parece completa por Brazil (Coulthard, 1995). Desta teoria resulta a ideia de que a entoação escolhida pelos falantes representa uma função do desenvolvimento do discurso entre eles. A entoação ajuda a mostrar como cada enunciado está relacionado com outros enunciados e com o discurso como um todo. E mais, toda a entoação está ligada ao contexto onde ocorre. Seria impossível, num discurso, isolar uma parte dele do seu contexto e fazer considerações sobre a sua entoação.

Neste estudo interessa-nos sobretudo analisar a questão da entoação ao longo do discurso. Por exemplo, a entoação ascendente de uma interrogativa permite distinguir “podes virar à direita?” (pergunta) de “podes virar à direita.” (afirmação).

Discurso pode ser considerado uma estrutura composta por entidades hierarquicamente dispostas que preservam a mesma orientação. Na fala as estratégias para tornar a organização do discurso transparente são evidentemente diferentes. Entre os vários possíveis dispositivos usados para esse fim, a prosódia tem um papel fundamental.

Os elementos supra-segmentais, os que estão para além do segmento, são precisamente os que organizam o som que percebemos. Se o som não estiver agrupado de maneira significativa, não poderia haver comunicação linguística. O ouvinte recebe, quando comunica linguisticamente, segmentos sonoros e relativos às unidades de informação enviadas pelo falante. Através do som, ele recebe informações de natureza prosódica, não somente com informação referencial, mas também informação dialectal, sociolinguística e emotiva.

Ao entendermos a fala, temos uma melodia conformada pelas variações de frequência fundamental e ao mesmo tempo sentimos o ritmo, as pausas, a intensidade e outros elementos fónicos. Para alguns autores, a prosódia e a entoação compõem-se de todos estes elementos. Para outros, a entoação é constituída por todos esses elementos e apenas um dos elementos da prosódia. Léon (1996) e Mora (1996), entre outros, denominam a entoação ao movimento melódico e às variações da frequência fundamental F_0 .

Segundo Mora, o termo prosódia engloba “tudo o que é música e a métrica de uma língua” e continua, citando Di Cristo, que a prosódia é “o estudos dos traços fónicos não segmentais que fazem parte da organização do léxico e da sintaxe e que tem um papel determinante na interpretação semântica dos enunciados e do discurso.” (Di Cristo, 1994 – tradução nossa). Assim, para Di Cristo, a prosódia seria um ramo da linguística que analisa e representa formalmente aqueles elementos não verbais da expressão oral, tais como o acento, o tom, a entoação e a quantidade, realizando-se esta última no tempo e com pausas. A sua manifestação concreta na produção da palavra associa-se, deste modo às variações da frequência fundamental, à duração e à intensidade que constituem os parâmetros prosódicos físicos. Estes parâmetros são entendidos pelo ouvinte como trocas de altura ou de melodia, de longitude e de volume sonoro e constituem os parâmetros prosódicos

subjectivos. Os sinais prosódicos são polissêmicos e trazem a informação, tanto paralinguística, como linguística, essencial à compreensão do enunciado e sua interpretação pragmática.

Podemos dizer que a prosódia é parte essencial da linguística e que tem um papel importantíssimo na organização da língua falada, constituindo a infra-estrutura rítmica da língua falada, a sua organização no tempo, e contribuindo para facilitar ao falante a retenção de certos segmentos na sua memória.

Como já vimos, a prosódia é formada por uma série de parâmetros que o falante não entende discriminadamente, mas sim como um todo. Esse todo confere também uma totalidade de significados, entendidos como um conjunto e apenas discriminados em análise.

As recentes investigações sobre as unidades segmentais e prosódicas do português deram lugar ao aparecimento de estudos e artigos sobre a prosódia no discurso espontâneo ou natural: *The Prosody of Questions in Natural Discourse*: nas interrogativas, por exemplo, a semântica e a pragmática serviam para estudar o significado das mesmas, do seu contexto e possíveis respostas. A questão da pragmática evoluiu no sentido de nos dar a informação da estrutura do enunciado – neste caso o *focus* da interrogativa – é a informação dada na estrutura do enunciado (topic focus) ligada à intenção do falante sobretudo na tarefa do Maptask. Também são de referir os trabalhos de Miguel Oliveira sobre a variação da frequência fundamental na segmentação discursiva: Projecto PRODIP (A Prosódia do Discurso em Português - 2002), cujo principal objectivo é investigar que elementos prosódicos os falantes usam para marcar a estrutura da informação do discurso em português e quais desses elementos são identificados como relevantes nesse processo.

Os trabalhos de Jean Carletta e Amy Isard para o HCRC Maptask Corpus (Universidade de Edimburgo e Universidade de Glasgow 2001), bem como os trabalhos de Janet Fletcher, Roger Wales entre outros, Australian English Map Task Dialogues (2001), têm sido uma referência fundamental nas investigações mais recentes na área da prosódia do discurso.

Autores como Swerts e Geluykens (1994); Hirschberg (2001); Shriberg (2000); Van Danzel (1999), entre outros, têm também desenvolvido estudos relacionados com os aspectos prosódicos na estrutura do discurso.

Apesar de a existência de alguns projectos em curso, a área da prosódia no discurso espontâneo revela ainda alguma carência no ensino e na investigação. No entanto, tem vindo a aumentar o interesse em estudar esta relação entre a prosódia e a estrutura do discurso.

CAPÍTULO 3

O corpus

Sendo um dos objectivos deste estudo criar um corpus de diálogo o mais espontâneo possível, a primeira etapa do trabalho passou pela avaliação dos tipos de corpus já existentes na análise do discurso. Optou-se pelo Map Task, adaptando todo o esquema de análise ao nosso trabalho.

A primeira fase baseou-se na criação do material para o Map Task (elaboração dos mapas), a segunda fase destinou-se à recolha do corpus (as gravações) e a terceira fase à sua notação. Antes de passarmos à metodologia de recolha e de anotação do corpus, cabe-nos aqui fazer uma breve referência a alguns trabalhos relacionados com o Map Task.

3.1. Alguns trabalhos relacionados

O corpus do Map Task HCRC (Human Computer Research Center) foi produzido em resposta a um dos problemas do núcleo de trabalho na língua natural. Fenómenos de interesse teórico têm vindo agora a surgir com alguma frequência no discurso natural, mas mesmo os corpora enormes podem não fornecer exemplos suficientes sobre os fenómenos em estudo. Um dos problemas é o contexto: os aspectos do contexto linguístico e extralinguístico podem ser desconhecidos ou descontrolados. Pode também “faltar” a tal espontaneidade de acordo com os materiais utilizados. A intenção da utilização do Map Task foi criar situações de diálogo, o mais espontâneo possível, respeitando a probabilidade da ocorrência de determinados fenómenos linguísticos e controlando alguns dos efeitos do contexto. A escolha das variáveis manipuladas no projecto ilustra os diferentes interesses dos investigadores envolvidos. A versão actual do projecto pretende fornecer um corpus comum para um estudo vertical do diálogo, que pode ser analisado desde o nível acústico ao nível sociolinguístico.

O HCRC Map Task Corpus (Anderson et al. 1991) é um jogo de 8 CD-roms que contém um total de aproximadamente 15 horas de discurso espontâneo, gravado de 128 conversações entre 2 pessoas, envolvendo 64 falantes diferentes, todos adultos. Os participantes eram estudantes na Universidade de Glasgow. As conversações foram

realizadas num ajuste experimental, em que cada participante tem um mapa esquemático na frente dele, não visível ao outro. Cada mapa tem o esboço de um percurso com características comuns aos dois mapas, no entanto um dos mapas tem uma rota marcada (fig. 1 - o mapa do giver) e o outro não (o mapa do follower).

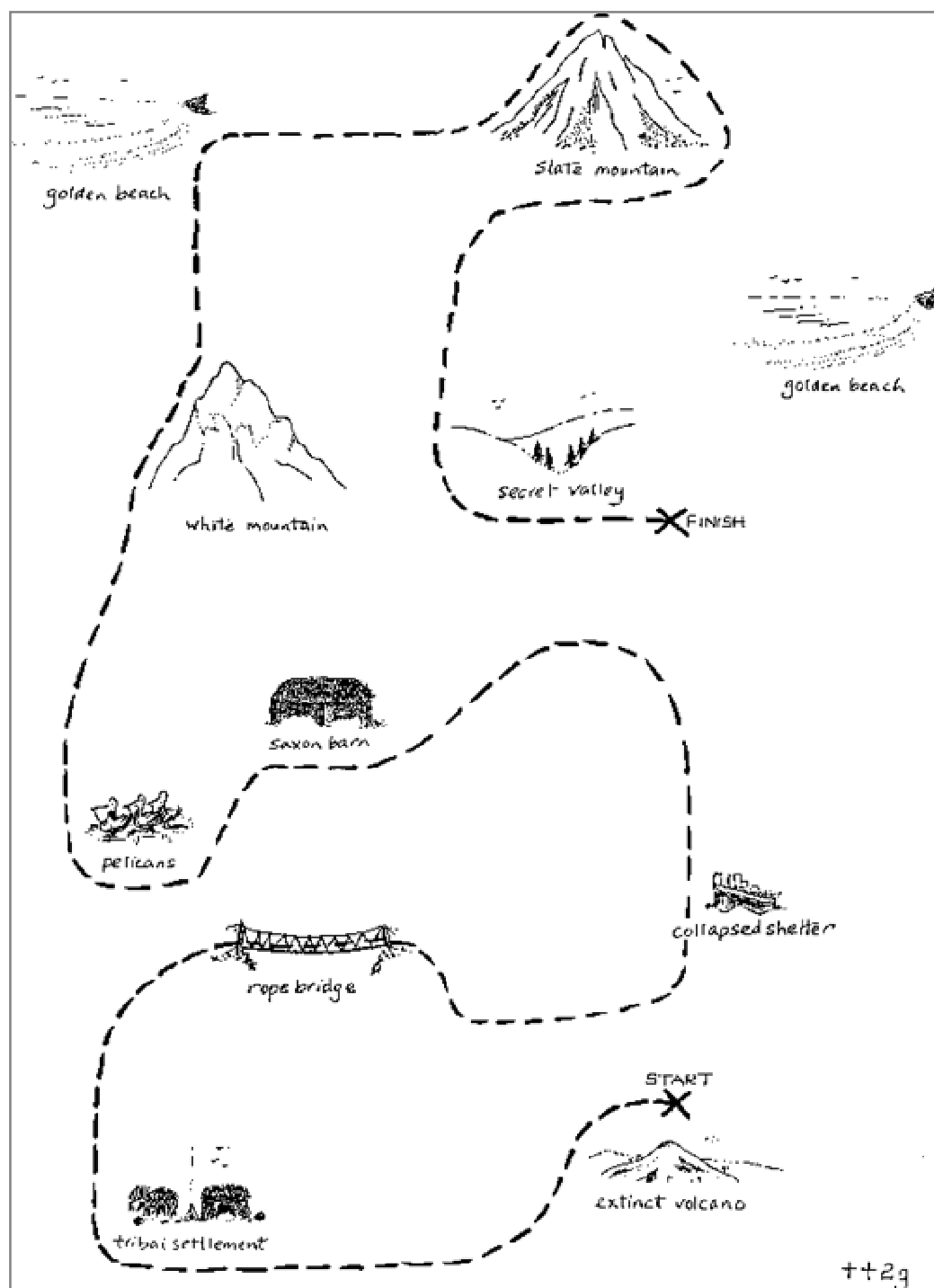


Fig. 1- Exemplo do mapa do giver

Outros projectos relacionados com o Map Task e que se baseiam no mesmo esquema de análise são: o Australian English Map Task Dialogues (Janet Fletcher, Roger Wales e tal) e o corpus Japonês do diálogo da tarefa do mapa da Universidade de Chiba (1994-1999).

3.2. Recolha

3.2.1. Locutores

O conjunto de locutores cujas produções verbais contribuíram para o corpus apresentado é formado por três pré-adolescentes do sexo masculino com idades de 11 e 13 e ainda por duas crianças com 6 e 8 anos. Os locutores não foram elucidados dos objectivos específicos da gravação e pode pois considerar-se a sua actuação, no que à expressão do discurso espontâneo se refere, como natural.

3.2.2. Gravação do corpus

A primeira fase da gravação do corpus foi a realização de um pré-teste entre dois pares, envolvendo duas crianças com idades de 8 e 13. As conversações foram realizadas num ajuste experimental no Laboratório de Fonética com um tapete mapa em que um dos participantes, o giver, dava ordens ao outro participante, o follower, para este seguir uma rota. O follower tinha também que fazer perguntas ao giver. Esta gravação funcionou como gravação-teste para testar a constituição linguística/discursiva do corpus e sua adequação na metodologia proposta ao estudo da prosódia, servindo para análise apenas o que estava próximo da fala espontânea. Aqui foi feita uma selecção a dois níveis: um nível entre os dois pares contendo duas versões, ou seja, troca de papéis, o que dava as ordens seria depois o que as seguia, e outro nível com um locutor-referência (o orientador desta dissertação).

Numa segunda fase foi gravado o corpus final com quatro locutores, aproximadamente pouco mais de uma hora de discurso “semi-espontâneo” dividido por partes. Na primeira parte, foi gravada a conversação entre um par, uma gravação cada,

envolvendo um dos participantes da gravação teste, o de 8 anos e um com 6 anos de idade. Esta gravação ocorreu no Laboratório de Fonética da Universidade de Aveiro e foi realizada directamente para o disco duro usando o sistema KAY CSL 4400. A segunda parte da gravação do corpus final ocorreu numa sala de aula com dois participantes de 11 anos e foi realizada em DAT. Na gravação do corpus final, cada participante tem um mapa esquemático na frente dele, não visível ao outro. Cada mapa contém um esboço com características etiquetadas (por exemplo, uma ponte, casas amarelas, rotundas, etc.). A maioria das características é comum aos dois mapas, mas não tudo. Um dos mapas tem características que o outro não tem (por exemplo, um mapa tem casas amarelas ao lado do hospital, no outro mapa estas casas são verdes, um mapa tem passadeiras em locais de passagem e o outro não). O follower também deve obedecer a um conjunto de regras, como, por exemplo, ir a todos os sítios, passar nas passadeiras, atravessar a ponte, contornar as rotundas, não pode atravessar muros nem árvores. Outra característica do mapa do follower é ter de pintar as casas que estão por pintar no seu mapa. A tarefa consiste em um participante não conseguir seguir a rota que o outro apresenta no seu mapa, criando, assim, uma base de discussão com o participante que tem essa rota.

Este projecto experimental permite um número de contrastes fonéticos, sintácticos, semânticos e pragmáticos diferentes a serem explorados de uma forma controlada. Os mapas e as suas características permitem a exploração de reduções fonológicas de vários tipos num número de contextos referenciais diferentes, variando as combinações entre os dois mapas, uma escala de estimulações diferentes para a negociação referente.

As condições das conversações foram cuidadosamente equilibradas. Uma vez que se trata de crianças e pré-adolescentes, o meio era conhecido, bem como as pessoas que estavam presentes.

3.2.3. Materiais e programas utilizados

Na gravação do pré-teste foram utilizados um “mapa tapete” (fig. 2) e carros em miniatura. O mapa foi colocado em cima de uma mesa. Um dos participantes (o giver) sabia o percurso a seguir, o outro participante (o follower) desconhecia o percurso. A tarefa consistia em, com os “carrinhos”, o follower ter de traçar a rota indicada pelo giver. No entanto, no mapa tapete existiam alguns obstáculos que o follower tinha de ultrapassar, fazendo perguntas ao giver.



Fig. 2 - Mapa Tapete

Para a gravação do corpus final foram utilizados dois mapas idênticos em suporte papel, para que os participantes pudessem traçar o percurso no próprio mapa. Os mapas foram desenhados de acordo com a faixa etária dos interlocutores, com imagens simples e de fácil identificação, uma vez que não tinham legendas. Apenas um dos mapas (o do giver) tem um percurso traçado (fig. 3). O mapa do follower, para além de não ter uma rota marcada no mapa, apresenta obstáculos, como, por exemplo, obras, sinal de stop, sinal vermelho; não tem passadeiras, ou então estão colocadas em outro sítio, um polícia que manda parar, etc. (fig. 4).

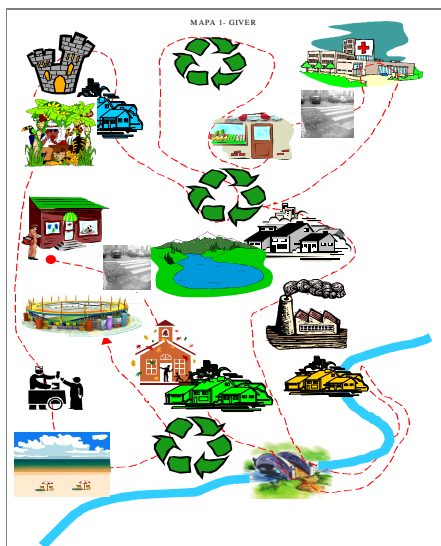


Fig. 3 - Mapa do giver



Fig. 4 - Mapa do follower

3.3. Anotação

A questão da anotação é, sem dúvida, uma questão central na constituição do corpus: é preciso decidir o que se anota e com se anota e definir um conjunto de critérios.

Dada a morosidade do trabalho que é preciso realizar e a escassez dos recursos materiais e humanos disponíveis para o efeito, têm vindo a ser utilizadas ferramentas de processamento automático na realização de algumas tarefas, procurando reduzir, sempre que possível, o processamento manual à verificação e correcção de erros.

O facto de poder automatizar-se integralmente um certo número de análises não significa que estas devam ser consideradas adequadas. Para além da economia de recursos que representa, a principal vantagem da automatização de certos níveis de etiquetagem é a de permitir testar a adequação dos modelos linguísticos por confrontação com os dados e, se os resultados não forem satisfatórios, poder alterá-los sem que isso obrigue a refazer todo o trabalho de anotação, de cada vez que se pretende testar novos modelos.

Procuramos, então, definir os principais critérios de anotação e desenvolver e testar um conjunto de ferramentas de tratamento automático ou semi-automático, de modo a reduzir o trabalho de constituição, recolha e anotação do corpus.

Nesta investigação foram considerados quatro níveis de anotação: um primeiro nível que contém as tomadas de palavra, um segundo nível com representação ortográfica de todo o material gravado, um outro nível de anotação da estrutura do diálogo e, finalmente, um nível em que são fornecidas informações de ordem prosódica.

O sucesso das anotações não significa que o modelo aqui apresentado seja um modelo geral a ser usado na anotação de outros corpora. Tudo vai depender de factores como o tipo de linguagem representada e o propósito da anotação.

3.3.1. Níveis de anotação

Para que os materiais de fala possam ser eficazmente utilizados para fins de investigação, é necessário que estejam anotados e documentados e que a sua qualidade seja controlada.

O primeiro nível de anotação consiste na anotação das tomadas de palavra, identificando cada interlocutor. Depois procede-se à transcrição ortográfica dos enunciados, seguindo-se a anotação da estrutura do diálogo onde estão inseridas as transacções, os movimentos (os “moves”), bem como os actos de fala. Por último é feita a anotação ao nível da prosódia.

3.3.1.1. Tomadas de palavra (turns)

O primeiro passo consiste na anotação das tomadas de palavra “turns”. As tomadas de palavra são unidades fundamentais na análise do discurso espontâneo, correspondendo ao intervalo de tempo de fala de um interlocutor, até este passar a palavra a outro ou a palavra lhe ser retirada por outro. Como é do conhecimento geral, nem sempre se verifica, no entanto, uma alternância clara de tomadas de palavra: os interlocutores podem começar a falar ao mesmo tempo (ou quase ao mesmo tempo) e podem interromper-se um ao outro

com diferentes objectivos, tomando a palavra ou não. Dada a complexidade destas situações, é fundamental procurar anotar quem disse o quê e quando, identificando os falantes e reflectindo de alguma maneira a ordem cronológica, sem quebrar a continuidade inerente a uma tomada de palavra.

Numa comunicação apresentada no Congresso Internacional de Fonética (1987) com o título “Estratégia Conversacional: Dar e Tomar a Palavra” Raquel Delgado-Martins afirmava que “a execução de cada tomada de palavra impõe uma resposta do interlocutor, estruturando assim o discurso”. A interacção dos diversos índices permite uma regulação da conversa no sentido em que certos tipos de finais de elocução são uma indicação clara de que um interlocutor está a dar a palavra ao outro. Quando um dos interlocutores não respeita esse conhecimento das regras, pode tomar a palavra, apesar da vontade do outro, utilizando para isso estratégias que podem ser a sobreposição de palavra, o aumento de intensidade, ou ainda a elevação da frequência fundamental. Estes índices passaram a ser relevantes ao nível da fala espontânea. Neste caso temos de ter em conta variáveis contextuais na regulação da interacção verbal.

O falante estabelece padrões de execução do acto de fala, pela entoação, por exemplo para dar a palavra ao interlocutor. O ouvinte estabelece a partir daí um modelo abstracto da estratégia do outro “de dar a palavra”. É em função desse modelo que, para cada unidade elocutória, cada um pode decidir se o outro lhe está a dar a palavra ou não, se deve tomar a palavra dada pelo outro, e que estratégias usar, constituindo-se assim a estratégia geral dos interlocutores naquele acto de fala.

3.3.1.2. Transcrição ortográfica

O segundo passo consiste, naturalmente, na transcrição ortográfica dos materiais de fala recolhidos.

Uma das tarefas que tem vindo a ser objecto de especial cuidado é a da representação ortográfica que é assegurada para a totalidade do corpus. Procurou-se tornar o texto tão legível quanto possível, utilizando apenas anotações bastante elementares, com formato simples e facilmente removíveis, graças ao sistema utilizado. Estas permitem identificar, no entanto, diferentes tipos de unidades e localizar, quer partes do sinal correspondentes à fala fluente, quer partes onde ocorrem diferentes fenómenos típicos da

situação de fala espontânea que têm de ser objecto de especial cuidado em fases posteriores de tratamento do corpus. Embora o formato das anotações se tenha baseado, em parte, em recomendações do projecto TEI (Text Encoding Initiative) e no standard SGML (Standard Generalized Mark-Up Language), o conhecimento destas normas não é de todo necessário para a compreensão da anotação, bastando para isso um breve estudo.

Em materiais como os utilizados neste trabalho – os de fala espontânea ou semi-espontânea, é necessário dar conta da ocorrência de determinados eventos: falsas partidas, trunicações, hesitações, pausas, tosse, risos, sobreposições, ruídos de fundo, etc. Estes eventos são marcados na transcrição ortográfica imediatamente antes da primeira palavra que é afectada e entre parêntesis rectos, de forma a poderem ser ignorados, sempre que tal se verifique necessário. Excepto para as palavras soletradas ou siglas, cuja transcrição é feita em maiúsculas, a transcrição ortográfica contém apenas minúsculas e não utiliza sinais de pontuação. Este método permite uma leitura mais fácil e evita que esta seja influenciada pelo seu uso.

Em a) apresenta-se um exemplo de transcrição ortográfica de uma frase do corpus onde podemos ver as tomadas de palavra (turns) e o uso de formas contraídas, como, por exemplo: para por p'ra.

a) ***Giver:** então vais p'ra lá*

***Follower:** já estou lá*

Sempre que um corpus é segmental e prosodicamente anotado a maior parte destas informações são retiradas da transcrição ortográfica e alinhadas com o sinal de fala em que são indicados os instantes de princípio e fim de cada transação.

O programa utilizado na anotação do corpus inclui modificações bastantes relevantes, em comparação com outros programas. Como a figura 5 ilustra, são apresentadas duas janelas principais: (a) uma janela superior onde aparecem várias colunas – a janela de anotação propriamente dita que inclui vários campos com funções especiais e (b) uma janela inferior onde aparece a forma de onda do sinal com marcadores temporais.

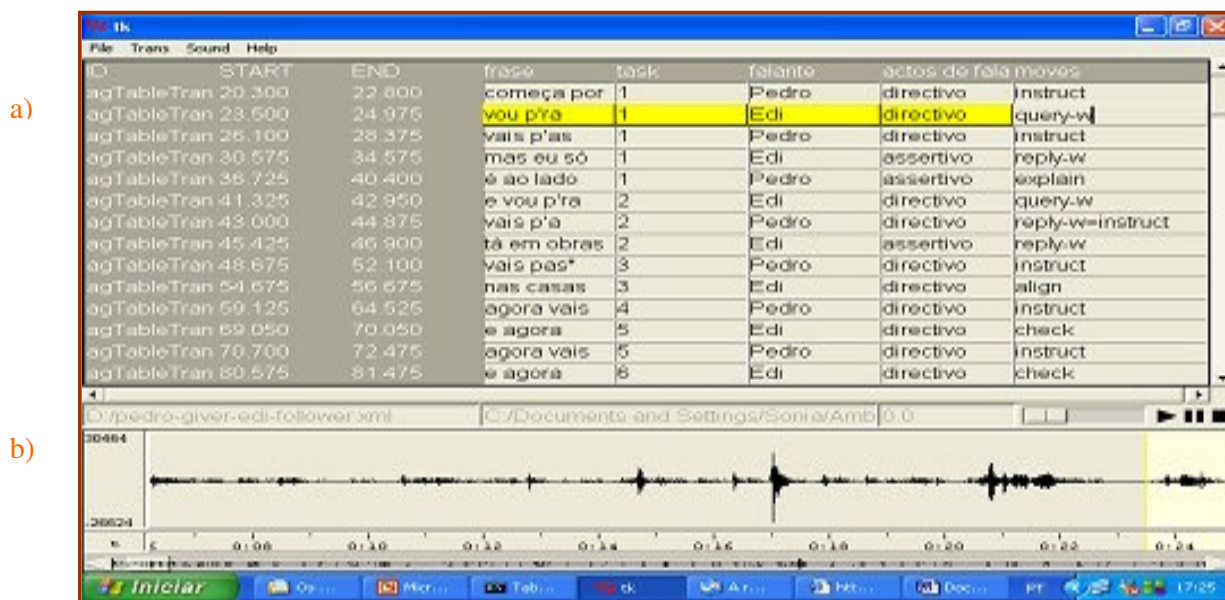


Fig. 5 - Sistema AGTK TABLE TRANS (Annotation Graph Toolkit)

A transcrição ortográfica obtida é estreita e temporalmente alinhada com o sinal de fala. Os ficheiros de segmentação e etiquetagem manualmente corrigidos são utilizados em seguida como base para o alinhamento automático do texto ortográfico e de outros níveis de etiquetagem.

Tratando-se da tarefa do Map Task, nos segmentos acústicos, apesar de consecutivos, é possível criar fronteiras entre eles, ou seja, marcar as fronteiras em zonas de transição. Os níveis de etiquetagem destinam-se prioritariamente a permitir localizar facilmente na base de dados exemplos de determinados eventos e estes, depois, poderão ou não vir a ser analisados com maior detalhe de acordo com as necessidades.

Na transcrição ortográfica, foi utilizado o guia de anotação CSLU Labeling Guide (Center for Spoken Language Understanding) que se encontra em anexo.

3.3.1.3. Anotação da estrutura do diálogo

Conversational Game Analysis Theory – anotação do movimento, do jogo e da transação: teoria adotada primeiro por Power (1979) e depois por Carletta et al. (1997) para o Map Task

O terceiro passo consiste na anotação da estrutura do diálogo.

A análise distingue três níveis da estrutura do diálogo, similares aos três níveis médios na análise de Sinclair e Coulthard (1975) do discurso na sala de aula. No nível mais elevado, os diálogos são divididos em transações, os sub-diálogos, que realizam uma etapa principal no plano dos participantes para conseguir a tarefa. O tamanho e a forma das transações são na sua maior parte dependentes da tarefa. Na tarefa do mapa, dois participantes têm versões ligeiramente diferentes de um mapa. O mapa de um dos participantes tem uma rota marcada; a tarefa consiste em o outro participante seguir essa rota. Uma transação típica é um sub-diálogo iniciado por um dos participantes, normalmente pelo *giver*.

As transações são compostas por jogos de conversação, que frequentemente são chamados também jogos de diálogo [Carlson 1983; Power 1979], interações [Houghton 1986], ou trocas [Sinclair e Coulthard 1975]. Em todos os jogos de conversação, as perguntas são seguidas por respostas, por indicações, pela aceitação ou negação, e assim por diante. A análise do jogo envolve esta regularidade para diferenciar entre as iniciações que ajustam uma expectativa do discurso sobre o que se seguirá, e as respostas que cumprem aquelas expectativas. Além disso, os jogos são diferenciados frequentemente pelo tipo de finalidade do discurso que têm, por exemplo, nova informação. Um jogo de conversação é um jogo de enunciados que começa com uma iniciação e que abrange todos os enunciados até que a finalidade do jogo esteja cumprida ou não (essa finalidade pode ser abandonada). Os jogos podem alinhar-se dentro de um jogo já iniciado (por exemplo, o *giver* faz uma pergunta, mas o *follower* necessita de pedir esclarecimento antes de responder). Os jogos são compostos por movimentos tipos de conversação, com iniciações e respostas diferentes classificadas de acordo com as suas finalidades.

Todos os níveis de análise do diálogo são descritos em detalhe em Carletta et al. [1997].

Na maioria dos diálogos do Map Task, o giver divide o percurso em partes (segmentos) e vai descrevendo um a um como no exemplo que se segue:

Giver: *agora vais pela casa azul [instruct] –task 5*

Follower: *sim [ack] - task 5*

Giver: *e contornas outra rotunda [instruct]- task 5*

Follower: *outra [check] - task 5*

Giver: *sim [reply-y] - task 5*

Follower: *vais p'o hospital [instruct] - task 5*

Giver: *sim estou lá [ack]- task 5*

O giver identifica o início e o fim de cada transacção e o sub diálogo que faz parte dessa transacção. No entanto, os participantes do Map Task nem sempre procedem da mesma maneira ao longo do percurso. Muitas vezes têm de retomar parte do trajecto que se pensava terminado com sucesso. Os participantes ocasionalmente voltam atrás, a outra transacção, de modo a relembra o contexto, para que o seu interlocutor seja capaz de agir de acordo com as instruções dadas:

Giver: *podes ir para os gelados*

Follower: *p'o gelados*

Giver: *sim*

Follower: *posso*

Giver: *e p'ra selva*

Follower: *não porque tenho obras*

Giver: *então contornas a rotunda*

Follower: *sim*

Giver: *e podes ir p'ro estádio*

Follower: *não*

Giver: *então regressa à escola – retoma o trajecto*

Muitas vezes os locutores prendem-se a sub-diálogos menos relevantes para qualquer segmento do trajecto. Estes sub-diálogos são anotados e constituem os “apartes”, uma das características do discurso espontâneo.

Giver: e agora passas pela rotunda

Follower: Daniel esqueci-me de fazer uma pergunta contorna-se a rotunda pela esquerda ou pela direita

Giver: pela direita

Follower: pela rotunda

A anotação envolve a marcação no diálogo de transacções indicando o começo e o fim de cada transacção, usando os marcadores presentes no mapa do giver. No jogo de transacções é sempre possível para cada uma delas ter o mesmo ponto de partida no percurso.

O follower identifica, desenhando o percurso no seu mapa, o começo e o fim das transacções relevantes, as chamadas “tasks”.

Para o estudo do corpus aqui apresentado, não consideramos relevante o traçado de cada transacção, uma vez que a tarefa não foi filmada. No entanto é possível anotar cada transacção, seja ela do giver ou do follower, dividindo os diálogos em frases/enunciados com diferentes objectivos, por exemplo, o movimento instruct ordena o interlocutor para agir; o movimento query-yn que origina respostas de sim/não e o movimento “acknowledge” mostra aceitação de uma informação dada. O movimento “ready” é um caso particular, é uma espécie de marcador discursivo, assinalando que o falante muda de objectivo no diálogo. As pistas entoacionais são importantes para enunciados como “sim”, para podermos identificar se são movimentos “ready” ou “acknowledge”. Ao mesmo tempo, numa outra coluna, são anotados os actos de fala correspondentes a cada enunciado, a cada “task” e a cada movimento.

Vejamos agora as diferentes fases da anotação da estrutura do diálogo.

a) Transacções

A análise da transacção segue uma estrutura de sub-diálogos – *task-oriented* – completos, sendo construídos dentro de diversos jogos do diálogo e correspondendo a uma etapa da tarefa. Na maioria dos diálogos da tarefa do mapa, os participantes dividem o trajecto em segmentos e tratam-nos um por um. O sistema de análise tem dois componentes: (1) como é que o giver divide a tarefa em sub-tarefas e que partes do diálogo servem cada uma dessas tarefas, e (2) que acções o follower segue e quando.

A marcação básica do giver é identificar o começo e o fim de cada segmento e do sub-diálogo que faz parte desse segmento da rota. Entretanto, os participantes da tarefa do mapa não prosseguem sempre ao longo da rota de uma forma ordenada; e, quando surgem dúvidas e confusões, frequentemente têm de retornar às partes do trajecto anteriormente discutidas e pensadas concluídas com sucesso. Além disso, o giver fornece, por vezes, contextos básicos, mas sem a expectativa que o follower poderá agir segundo as suas descrições (por exemplo, descrevendo uma rota completa “é redondo como uma bola, mas muito maior...” Também utilizam por vezes sub-diálogos nada relevantes a nenhum segmento da rota e que nada têm a ver com a tarefa a cumprir.

Outros tipos de sub-diálogos são possíveis (como verificar a colocação de todos os marcos do mapa antes de descrever alguma rota, ou de concluir o diálogo revendo a rota inteira), mas não são incluídos neste esquema de análise devido a serem quase inexistentes.

A análise envolve a marcação de uma transacção onde começa e acaba. Embora o fim das transacções não seja bem codificado explicitamente, porque, se uma transacção for interrompida para rever um segmento da rota, os participantes reiniciam o objectivo da transacção interrompida mais tarde. É possível que os participantes, nas transacções demasiado grandes, escolham seguir o trajecto ou abandoná-lo. Anote que é possível para diversas transacções (mesmo do mesmo tipo) ter o mesmo ponto de começo na rota.

b) O Jogo Conversacional – “dialogue games”

Os movimentos são uma espécie de “alicerces de um edifício” para a estrutura de conversação, que reflecte a estrutura do objectivo do diálogo. Na análise do movimento, os

movimentos iniciais são logo diferenciados e sinalizam algum tipo da finalidade no diálogo. Por exemplo, as instruções significam que o giver pretende que o follower siga uma ordem, as perguntas significam que o giver pretende adquirir a informação pedida, e as indicações significam que o giver pretende que o follower adquira a informação dada. Um jogo de conversação é uma sequência de movimentos que começa com uma iniciação e abrange todos os movimentos até que a finalidade dessa iniciação seja cumprida ou abandonada.

Existem duas componentes importantes de todo o esquema de análise de um jogo conversacional. A primeira é a identificação da finalidade do jogo; neste caso, a finalidade é identificada simplesmente pelo movimento que inicia o jogo. A segunda é alguma explanação de como os jogos se relacionam entre si. Uma vez iniciado o jogo, o trabalho dos participantes no objectivo do jogo vai até que ambos acreditem que conseguem alcançar esse objectivo ou, então, que devem abandonar o jogo. Isto pode envolver jogos novos com finalidades diferentes daquelas que estão a ser jogadas (por exemplo, os sub-diálogos de esclarecimento sobre alguma informação crucial), mas a estrutura do diálogo é sempre compreendida mutuamente. Os participantes estão livres de iniciar jogos novos em qualquer altura (mesmo quando está um deles a falar), e estes jogos novos podem introduzir finalidades novas por vezes mais importantes que as utilizadas no diálogo a decorrer. Além disso, os participantes nem sempre se fazem entender quanto aos seus objectivos. Isto torna difícil desenvolver um esquema de análise para a estrutura completa do jogo.

O começo de jogos novos é codificado nomeando a finalidade do jogo de acordo com o movimento iniciado. Embora todos os jogos comecem com o movimento *INICIAR* (possivelmente até com um movimento *PRONTO*), nem todos os movimentos iniciais iniciam os jogos. Alguns desses movimentos servem para dar continuidade a jogos existentes ou para relembrar qual a finalidade principal do jogo actual. O mesmo pode acontecer com outros movimentos, por exemplo saber quando é que o fim de um jogo é marcado. Esta é a relação entre a estrutura de um jogo conversacional e outros aspectos do diálogo que podem ser analisados (como é o caso dos actos de fala indirectos).

c) O Esquema de análise do Movimento

A análise do movimento foi desenvolvida tendo em conta os movimentos que fazem parte da análise de *Houghton* (1986) para estudar os tipos de interações encontradas nos diálogos da tarefa do mapa. No esquema que se segue (fig.6) podemos ver os movimentos em análise propostos pelo autor.

Em todo o trabalho desenvolvido há uma ligação entre a utilidade e a facilidade ou a consistência da análise. Estas categorias foram escolhidas por serem úteis a uma escala de finalidades.

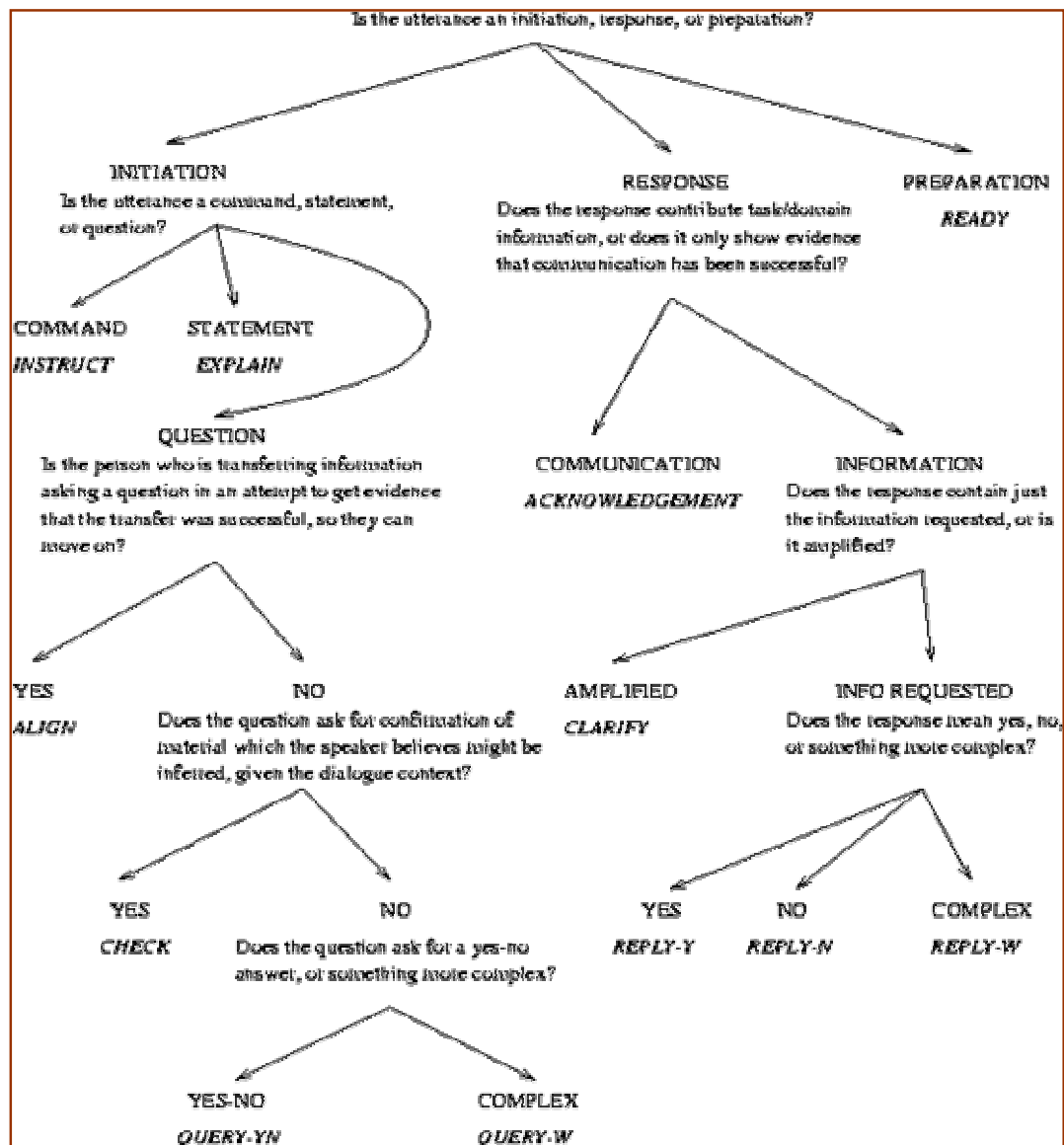


fig 6 – Esquema de análise dos movimentos “moves”

Movimentos de iniciação

Os movimentos iniciais normalmente ocorrem no início de um jogo conversacional, encetando um novo discurso dentro do próprio diálogo.

O Movimento de INSTRUCT

O movimento INSTRUIR pede ou ordena o follower a realizar uma acção. Onde as acções são observáveis, a resposta prevista pode ser o desempenho da acção. A instrução pode ser completamente indirecta ou então uma acção específica que o giver pretenda obter (neste caso, focalizando no ponto de começo). Na tarefa do mapa, isto envolve geralmente o giver que diz ao follower como seguir a rota. Os participantes podem também dar outros movimentos INSTRUCT, tais como dizer ao follower para atravessar outra vez, mas mais lentamente (um caminho da rota).

- ***Giver:** contornas a rotunda [instruct]*

- ***Follower:** sim [acknowledge]*

O Movimento de EXPLAIN

Uma EXPLICAÇÃO indica a informação que não foi entendida directamente pelo follower (se a informação for entendida, o movimento seria uma resposta, tal como uma resposta a uma pergunta.) A informação pode recair sobre o domínio ou o estado da rota ou da tarefa, incluindo as situações que ajudam a estabelecer o que é sabido mutuamente.

- ***Giver:** é ao lado dos correios do lado direito [explain]*

- ***Follower:** e vou p'ra onde agora? [query-w]*

O Movimento de CHECK

O movimento da VERIFICAÇÃO pede ao follower para confirmar a informação que o giver acredita dar, mas não está inteiramente certo. Tipicamente a informação a ser confirmada é algo que follower tenta fazer saber explicitamente. Os movimentos de

VERIFICAÇÃO são quase sempre sobre alguma informação que o giver dá. Uma exceção na tarefa do mapa ocorre quando um participante está a explicar uma determinada rota pela segunda vez a um follower diferente, e pergunta algo para confirmar uma ou outra característica que pode aparecer no mapa do follower, mesmo que ainda não tenha sido mencionada no diálogo.

- **Giver:** *podes começar no lago [instruct]*

- **Follower:** *no lago [check]*

O Movimento de ALIGN

O movimento ALINHAR verifica a atenção ou acordo do follower para ver se há o movimento seguinte. Na maioria dos diálogos *task-oriented*, há alguma parte de informação que um dos participantes tenta transferir ao outro participante. A finalidade mais comum deste movimento é para que o giver saiba que a informação foi transferida com sucesso, de modo a que possam fechar parte do diálogo e do movimento. Se o giver reconhecer claramente a informação, o movimento ALINHAR deixa de ser necessário. Se o giver necessitar de mais garantias para o sucesso, o alinhamento pode ser conseguido de duas maneiras: se o giver for suficientemente confiável então a transferência da informação é bem sucedida, e uma pergunta como a APROVAÇÃO da “?” basta. Alguns participantes pedem este tipo de confirmação imediatamente depois de emitir uma instrução, provavelmente a uma resposta mais explícita com a força com que a dizem. Um giver menos confiável pode perguntar para a confirmação de algo, desde que esta forneça uma evidência mais forte do sucesso. Embora este movimento ocorra geralmente no contexto de transferência de informação, alguns participantes usam-no também para se certificar de que tudo seja APROVADO (isto é, que o follower está pronto para se mover sobre o mapa sem inquirir sobre qualquer coisa).

- **Giver:** *podes ir p'o hospital? [align]*

- **Follower:** *posso [reply-y]*

O movimento de QUERY-YN

Uma PERGUNTA-YN é toda a pergunta que pode ter como resposta um “sim” ou um “não” e não conta como uma VERIFICAÇÃO ou ALINHAMENTO. Na tarefa do mapa, estas perguntas são as mais frequentes. São também muitas vezes utilizadas para focalizar a atenção do participante numa parte particular do mapa ou quando é pedida informação da tarefa e onde o participante não pensa que a informação pode inferir no contexto do diálogo.

- **Giver:** *vês uma rotunda?* [query-yn]
- **Follower:** *sim* [reply-y]

O movimento de QUERY-W

Uma PERGUNTA-W é toda a pergunta que não é coberta pelas outras categorias. Embora a maioria de movimentos classificados como PERGUNTA-W é wh-perguntas, as perguntas que não são classificadas entram nesta categoria. Isto inclui as perguntas que pedem que o follower escolha uma alternativa no jogo, desde que não seja um “sim” ou um “não” como resposta. Embora para se fazer distinções seja necessário por vezes uma VERIFICAÇÃO ou ALINHAMENTO. Nos movimentos de Verificação e Alinhar, o follower tende a ter uma resposta em mente e é mais natural formulá-los como perguntas sim-não. Por exemplo, em inglês todas as wh-perguntas tendem a ser categorizadas como a PERGUNTA-W. Pode ser possível subdividir a PERGUNTA – W noutras categorias interessantes, mas na tarefa do mapa tais perguntas são raras e não têm tanto valor.

- **Giver:** *a rotunda contorna-se pela direita ou pela esquerda?*[query-w]
- **Follower:** *pela direita* [reply-w]

Movimentos de resposta

Os seguintes movimentos são usados dentro dos jogos após uma iniciação e servem para cumprir as expectativas ajustadas acima dentro do jogo.

O Movimento de ACKNOWLEDGE

O movimento RECONHECER é uma resposta verbal que mostra que o follower ouviu o movimento ao qual responde e demonstra também que o movimento foi compreendido e aceite. Os reconhecimentos verbais não têm de parecer uniformes após explanações substanciais e instruções, desde que o reconhecimento possa ser dado como não-verbal em condições especiais de *face-to-face*, e porque o follower pode não esperar que ocorra o movimento. *Clark e Schaefer* dão cinco tipos da evidência para a aceitação de um enunciado: atenção continuada, iniciar com um enunciado relevante, reconhecimento verbal do enunciado, demonstrar uma compreensão do acto de linguagem utilizado, e repetindo a parte ou o todo do enunciado.

O Movimento de REPLY-Y

Uma RESPOSTA-Y é toda a resposta a qualquer pergunta com um formulário de base sim-não que significa o “sim”, apesar do que pode estar expresso. Os movimentos de RESPOSTA-Y aparecem normalmente após os movimentos PERGUNTAS-YN, ALINHAR e VERIFICAR.

O Movimento de REPLY-N

Similar ao movimento REPLY-Y, é uma resposta a uma pergunta com um formulário de base sim-não que significa um “não”.

NOTA: Sobre a diferença entre a RESPOSTA-Y e RESPOSTA-N: algumas perguntas podem incluir a negação (por exemplo, “não tens aí um rotunda?” “não estás perto do castelo?”). Se a resposta está codificada enquanto uma RESPOSTA-Y ou uma RESPOSTA-N, depende do formulário de base da resposta, mesmo que nos casos de “sim” ou “não” possa significar a mesma coisa.

O Movimento de REPLY-W

Uma RESPOSTA-W é toda a resposta a qualquer tipo de pergunta que não requer simplesmente um “sim” ou “não”.

O Movimento de CLARIFY

O movimento ESCLARECER é uma resposta a um tipo da pergunta em que um participante diz ao outro mais do que foi inquirido. Se a nova informação for suficiente, então o enunciado a seguir está codificado como uma RESPOSTA seguida por uma EXPLICAÇÃO. Mas, em muitos casos, a informação nova é tão insuficiente que não seria apropriado usá-la como movimentos diferentes. Os givers da rota tendem a utilizar o movimento ESCLARECER, quando o follower parece inseguro naquilo que está a fazer.

- ***Giver:** tens aí alguma casa amarela? [check]*

- ***Follower:** tenho [reply-y]*

- ***Giver:** então podes ir podes passar do lago p'ra lá [clarify]*

O Movimento de READY

Além dos movimentos da iniciação e da resposta, o esquema de análise identifica movimentos PRONTO como os movimentos que ocorrem depois de um jogo de diálogo e prepara a conversação para que um novo jogo seja iniciado. Os participantes usam frequentemente enunciados do tipo “está bem” “certo” para servir esta finalidade. Ainda se tem vindo a analisar se os movimentos PRONTO devem dar forma a uma classe distinta de movimentos ou devem ser tratados como marcadores do discurso ligados a outros movimentos, mas a distinção não é crítica, desde que uma ou outra interpretação possa ser abrangida pela análise. Às vezes torna-se apropriado considerar movimentos PRONTO como distintos dos movimentos completos, a fim de os podermos comparar com os movimentos de RECONHECIMENTO, porque contêm as mesmas palavras que os movimentos PRONTO.

Todos os exemplos aqui apresentados foram retirados do corpus recolhido para este estudo.

3.3.1.4. Anotação prosódica

A inclusão de informações de ordem prosódica é também essencial para o treino de sistemas de processamento de fala espontânea. Essas informações são também fundamentais para a compreensão da fala: sequências segmentais idênticas podem ser sintática e semanticamente interpretadas de maneira diferente, dependendo da forma como os enunciados são prosodicamente segmentados. Para que os sistemas de processamento de fala espontânea possam extrair estas informações a partir do sinal acústico e utilizá-las para pôr hipóteses sobre as intenções dos falantes, é necessário que as relações entre os marcadores prosódicos utilizados e as intenções dos falantes sejam bem conhecidas e possam ser explicitadas em termos de regras com base na audição e na observação do sinal acústico.

Como já foi referido anteriormente, a segmentação em frases é inserida manualmente. Depois, através do programa SFS, é inserida a curva de f0 que nos dá informações de ordem prosódica que se consideram relevantes, nomeadamente no que diz respeito à intensidade e ao ritmo (fig.7).

A prosódia é também responsável pela distinção perceptiva entre informação nova e importante e informação conhecida e menos relevante num discurso. Exprime a atitude do falante perante o conteúdo proposicional do enunciado.

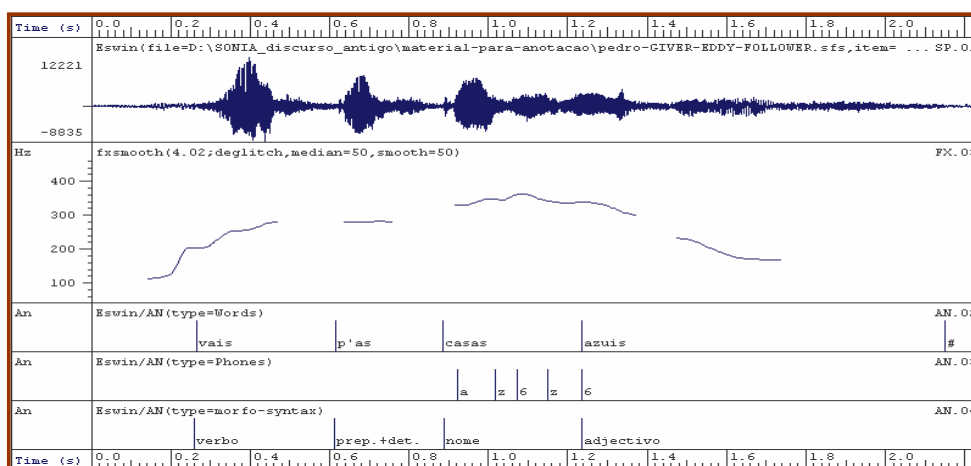


Fig. 7 - Contorno entoacional da frase “vais p'as casas azuis”

3.3.2. Ferramentas utilizadas

Para a anotação do corpus de diálogo “semi-espontâneo” dois aspectos estiveram presentes na escolha do programa mais adequado: primeiro, a representação do corpus deveria permitir vários níveis de anotação, ou seja, para cada elemento fónico deveria ser possível visualizar ao mesmo tempo, a palavra correspondente a esse segmento. Segundo, qualquer formato de anotação deveria ser definido e acompanhado de ferramentas, para que se pudesse ter acesso e editar as anotações.

Apesar de a maior parte dos programas de edição de fala que se encontram actualmente disponíveis no mercado permitirem realizar esta tarefa com relativa facilidade, o tempo despendido na segmentação, nomeação e verificação de ficheiros de fala é ainda considerável.

Na escolha de amostra de fala espontânea, os intervalos de silêncio, as sobreposições de voz, as hesitações, os risos, etc. são de fundamental importância para a compreensão das estratégias utilizadas pelos falantes quando, por exemplo, pretendem tomar a palavra, dá-la a outros ou simplesmente manifestarem a sua concordância ou discordância em relação ao que está a ser dito. Neste caso é necessário proceder à translineação manual de todas as gravações.

Inicialmente começámos por usar o programa SFS para a anotar as tomadas de palavra, as frases e os movimentos. No entanto, e após algumas tentativas, verificou-se a existência de limitações, como, por exemplo, a dificuldade em anotar e visualizar em tempo real os vários níveis de representação (desde a anotação ortográfica até à anotação dos constituintes do discurso – como por exemplo os actos de fala).

Optou-se então pelo sistema AGTK Table Trans usado para codificar sinais de áudio.

O programa SFS foi usado apenas na anotação prosódica, já depois das frases se encontrarem segmentadas em tomadas de palavra.

3.3.2.1. O Sistema AGTK Table Trans

O sistema AGTK Table Trans faz parte da Anotação Graph Toolkit DATA (LDC) com um software desenvolvido por Karen Sjolander e Jonas Beskow. Este sistema permite

visualizar todas as formas de onda em tempo real e operar sobre determinados segmentos seleccionados, ouvir, anotar, apagar, etc. Permite também trabalhar todo o diálogo sob as várias estruturas: anotar o falante, as tomadas de palavra, as frases, os “moves”, etc.

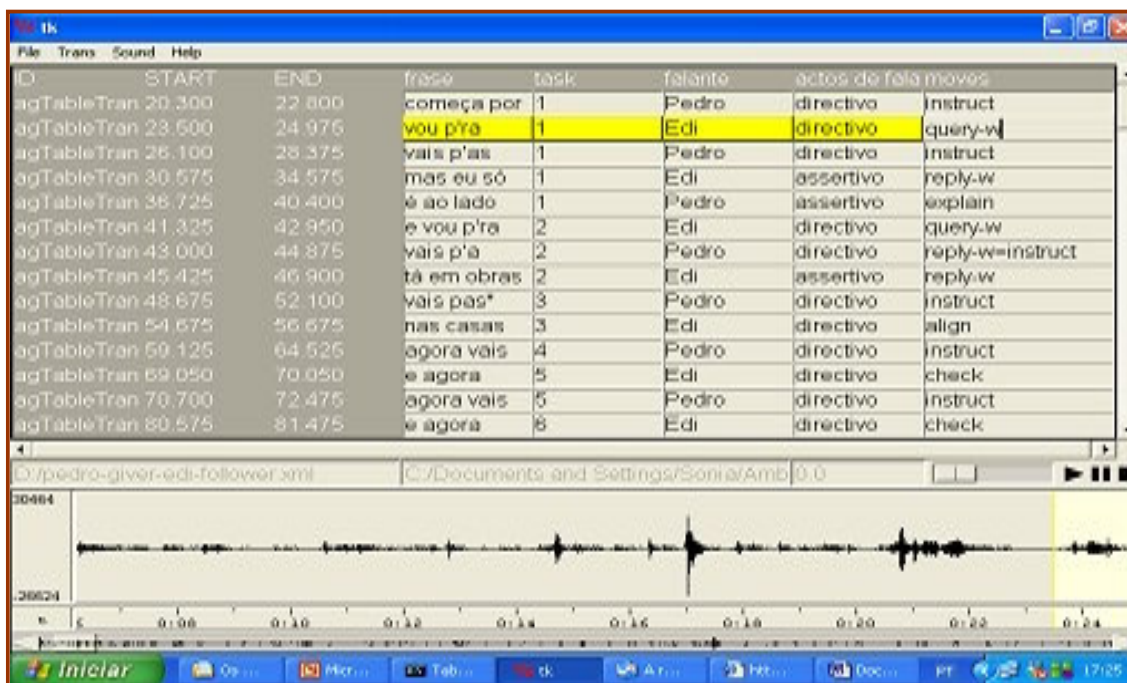


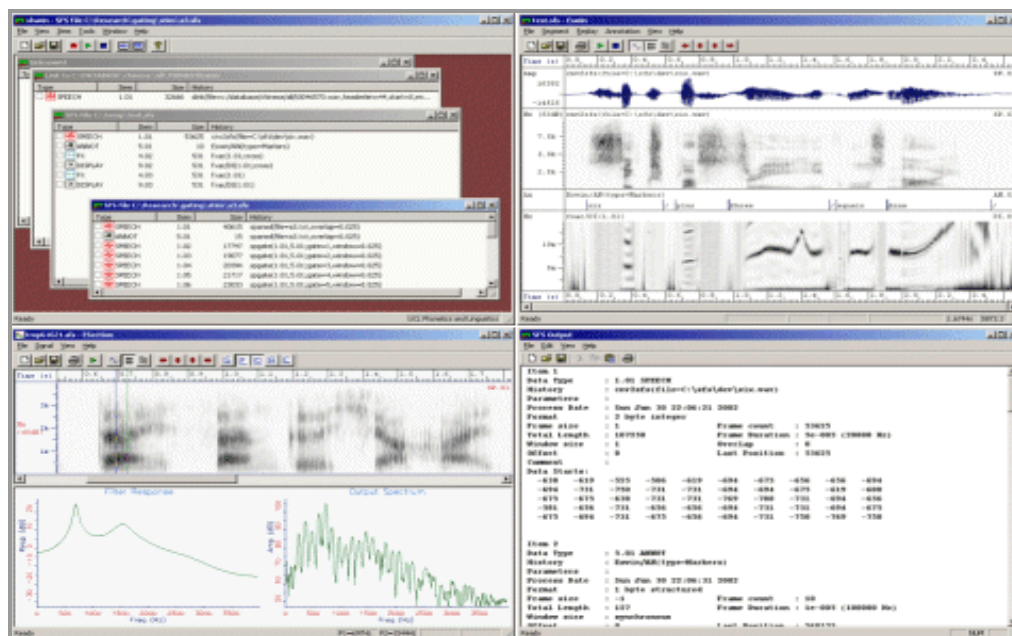
Fig. 8 - O Sistema AGTK Table Trans

Cada coluna corresponde a uma região do sinal anotado. Aqui podemos ver toda a informação associada às transcrições, como, por exemplo, a marcação do tempo em segundos do início e do fim do diálogo.

A flexibilidade deste sistema permite que seja usado em anotações /transcrições variadas.

3.3.2.2. O sistema SFS (Speech Filing System)

O sistema SFS é um programa utilizado na análise do discurso (figura 9). Compreende ferramentas de software, formatos de ficheiros e de dados, gráficos e ficheiros de programação especiais. Executa operações padrão tais como visualizar as formas de onda, anotar, etiquetar, cria espectrogramas e estima a frequência fundamental.



CAPÍTULO 4

Resultados

Na aplicação deste trabalho foram analisados, com já foi referido, vários domínios possíveis, tendo em conta nomeadamente projectos congéneres para outras línguas. A decisão recaiu sobre mapas, um tema de diálogo utilizado por várias equipas de investigação na Europa, América e Japão. Procurámos seguir as mesmas linhas de orientação definidas no Map Task corpus, recolhido pelo HCRC (Human Computer Research Center, Universidade de Edimburgo), de modo a possibilitar posteriores comparações.

Foram seleccionados aspectos relacionados com a entoação e constituintes do discurso, cujo estudo é prioritário no contexto da fala espontânea:

- Actos de fala indirectos
- A estrutura do discurso: A frase complexa
 - O aparte*
- O efeito temporal: A repetição imediata
 - Os mesmos actos de fala ao longo do discurso (o que se mantém ou se altera)*
- A existência de contexto permite enunciados sucintos. Qual a relação com a prosódia?

Cada gravação entre dois pares inclui elementos para o estudo destes aspectos. Apenas não conseguimos retirar exemplos da ocorrência da repetição imediata devido a ser um corpus reduzido.

No tratamento dos materiais de fala recolhidos no âmbito deste projecto, são contemplados diferentes níveis de representação, alinhados entre si e com o sinal acústico. Devido à morosidade do trabalho de anotação e a um conjunto de restrições de ordem material e humana, apenas um subconjunto dos diálogos recolhidos pode ser objecto de análise.

Uma vez que um dos objectivos deste tipo de corpus é o de permitir o estudo das estratégias utilizadas na gestão das tomadas de palavra, optou-se pela anotação das intervenções de cada um dos interlocutores por ordem cronológica e em unidades independentes, localizáveis no sinal acústico. Cada unidade é iniciada por colunas, permitindo identificar o falante e o número de transacções, aparecendo no ficheiro de sinal o início dessa mesma unidade.



Exemplo da anotação das transacções e do sinal acústico

Foram poucas as situações de fala sobreposta. Neste caso os excertos são indicados entre parêntesis rectos, obrigando a uma mudança de unidade em que é localizado o início da sobreposição.

Os diálogos são segmentados em movimentos. Cada movimento do diálogo consiste em uma ou mais palavras, silêncios ou ruídos, e é etiquetado com o seu tipo de movimento. A etiquetagem é feita para cada locutor. Um movimento herda tempos do começo e do fim das palavras contidas nele.

As linhas de texto contêm ainda microanotações que foram também anotadas. Dentro de parêntesis é introduzido um código que permite identificar a ocorrência de determinado tipo de evento, como pode ver-se no exemplo a seguir onde o giver ao pronunciar a frase se ri:

Giver: *mas eu <laugh> tenho*

Estas microanotações dão conta da ocorrência de determinados tipos de descontinuidades prosódicas, repetições com ou sem correcção de material lexical, pausas preenchidas, etc.

Na transcrição prosódica seguem-se basicamente as propostas do sistema SFS, representando diferentes aspectos da prosódia alinhados com a representação ortográfica e o sinal acústico.

Procederemos, agora, à apresentação dos resultados obtidos a partir das análises com interesse para este estudo e ao tratamento dos dados reunidos. Acrescente-se que as afirmações feitas apenas são válidas para o corpus recolhido e anotado.

Como já foi referido, a questão primordial deste estudo é analisar que elementos prosódicos os falantes usam para marcar a estrutura do discurso e quais desses elementos são identificados como relevantes nesse processo. Pretende-se, ainda, investigar possíveis alterações/variações na prosódia causadas pela estrutura do discurso.

Os resultados que passamos a apresentar são específicos da modalidade do discurso oral “quase-espontâneo” – o Map Task. Para as análises destes dados vamos considerar desde aspectos prosódicos dos actos de fala indirectos (ordens usando perguntas, perguntas usando asserções), a prosódia como focalização do discurso, a relação entre a prosódia “canónica” e a utilizada no e ao longo do discurso (a prosódia de interrogativas e outros tipos de frase no início e no fim do discurso e partes constituintes deste) e as questões/informações usando enunciados sucintos.

Pretendemos evidenciar, através dos resultados parcelares da nossa investigação, a necessidade de dar continuidade à tarefa da análise do discurso espontâneo no Português. Foram alvos de estudo e que deram lugar à motivação para a realização deste trabalho projectos como o AMPER, o PRODIP, o HCRC Map Task, entre outros.

A discussão dos resultados será efectuada no sentido de determinar especificidades dos registos observados.

Estudar uma situação de fala espontânea em crianças e pré-adolescentes dá-nos conta da complexidade da tarefa. Há que ter em consideração, quando pensamos na definição de discurso oral espontâneo, diversas modalidades do oral espontâneo adaptadas a diferentes objectivos e produzidas em diferentes situações.

4.1. Actos de fala indirectos

Estudar a ocorrência de actos de fala indirectos só é possível em situação de discurso e isto vai de encontro ao nosso objectivo, o de estender o trabalho a outras produções. Em estudos abrangendo apenas a frase isto não é possível.

Há em todo o acto de fala vários níveis comunicativos em que o locutor e alocutário têm de se entender reciprocamente, caso queiram comunicar as suas intenções. Existe uma multiplicidade de actos ilocutórios que os interlocutores podem realizar. Mas, quando um acto de fala não coincide com aquele que se esperaria do tipo de frase enunciada, dizemos que foi produzido um acto de fala indirecto.

Começaremos as nossas análises por esta questão, uma vez que os actos de fala indirectos são um bom exemplo de actos interactivos que envolvem maior capacidade de negociação, regulando a força da elocução.

Como é que os interlocutores reconhecem as suas intenções de o que querem dizer é diferente daquilo que de facto dizem? Em situações de diálogos “orientados” como é o caso da tarefa do Map Task, locutor e alocutário operam as suas trocas linguísticas a partir de informação anteriormente partilhada, quer linguística, quer não linguística. Existem também determinados princípios de comportamento linguístico em função dos quais as suas trocas conversacionais se estruturam discursivamente.

Fazemos aqui referência ao texto de Liliane Tasmowski-DeRyck (1980 p. 608) que tratou a questão dos imperativos. A autora afirma que, citando R. Lakoff, a maior parte dos casos de actos de fala indirectos relevam de “máximas de delicadeza” que jogam retoricamente. O que ela quer dizer é que, quando alguém dá uma ordem através de um enunciado declarativo ou através de uma pergunta “*podes ir p’a uma loja*”, se tem em conta que quem pergunta se põe ilocutoriamente na situação de fraqueza. Essas relações de força/fraqueza advêm das avaliações segundo os interesses do locutor e do alocutário. Nos exemplos aqui apresentados, o giver coloca-se ilocutoriamente na situação de fraqueza, dependente da vontade do interlocutor em responder à pergunta, ou de seguir o trajecto para atingir os objectivos da tarefa do Map Task. Essa questão da forma de tratamento pertence à pragmática. Uma tal pragmática terá também a ver com a pertinência dos interlocutores, na medida em que estes modalizam as fórmulas de tratamento como reconhecimento social da sua pertinência.

Outra questão não menos importante e que faz parte destas análises é a questão da implicatura de Grice (referida no capítulo da introdução teórica) – trata-se assim de uma situação pragmática, sem descurar também o jogo das entoações. Quando o locutor pergunta ao alocutário “*podes ir p’a uma loja*”, coloca o sujeito na situação de ter de responder, cuja pergunta obriga a compreender o implicitado “*vai para uma loja*” (cf. com os exemplos de Recanati (1979) em como os actos de fala indirectos podem envolver implicaturas conversacionais).

Foram detectados no corpus exemplos de actos de fala indirectos, apresentando-se de seguida alguns dos casos considerados mais significativos. Encontram-se exemplos de ordens usando frases não imperativas e de ordens usando frases interrogativas.

Para cada caso apresentado incluiremos, numa figura, informação relativa ao sinal acústico e à curva de f0 (também incluiremos a anotação das palavras e da sintaxe).

Vejamos alguns exemplos que elucidem o interesse pragmático e prosódico do estudo dos actos de fala.

4.1.1. Ordem sob a forma de afirmativa

Um dos exemplos retirado do nosso corpus foi a realização, por parte do locutor, de ordens usando frases não imperativas.

Vejamos o exemplo que se segue (fig. 1):

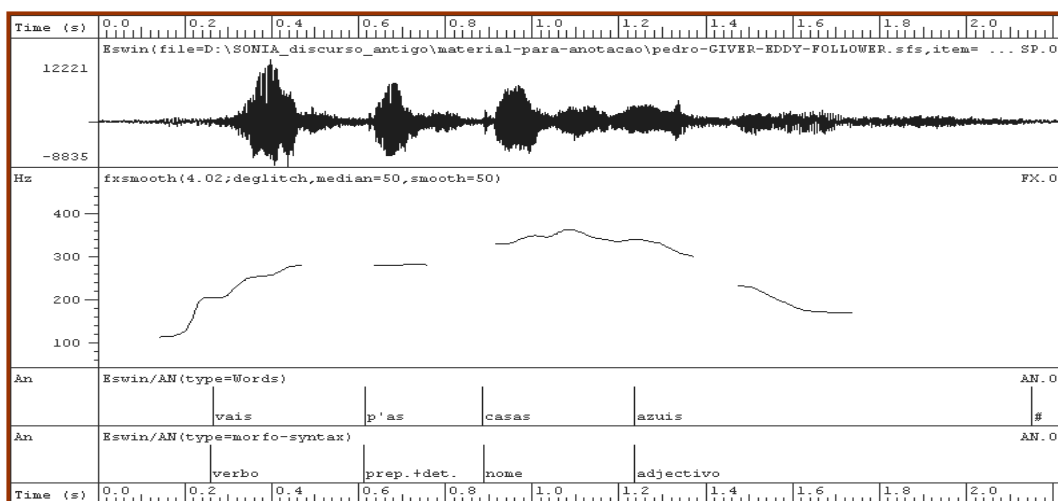


Figura 1 – contorno entoacional da frase “vais p’as casas azuis” (Pedro giver-26.100)¹

¹ Nome do locutor, papel desempenhado na tarefa e localização temporal dos enunciados

Na figura 1, o enunciado pretende ser entendido como uma ordem, mas utiliza uma frase de tipo declarativo. O locutor pretende que o alocutário realize a acção especificada no conteúdo proposicional – *ir para as casas azuis* –, mas o que enuncia é, efectivamente, uma afirmação. De um ponto de vista prosódico, o contorno entoacional tem as características de uma afirmativa: Verifica-se uma subida no início e uma descida no fim do enunciado. O elemento focalizado é a palavra *casas*: é o nível mais elevado do movimento de variação de f_0 que coincide com o núcleo da sílaba tónica dessa mesma palavra. O mesmo se verifica na figura 2, apresentada de seguida.

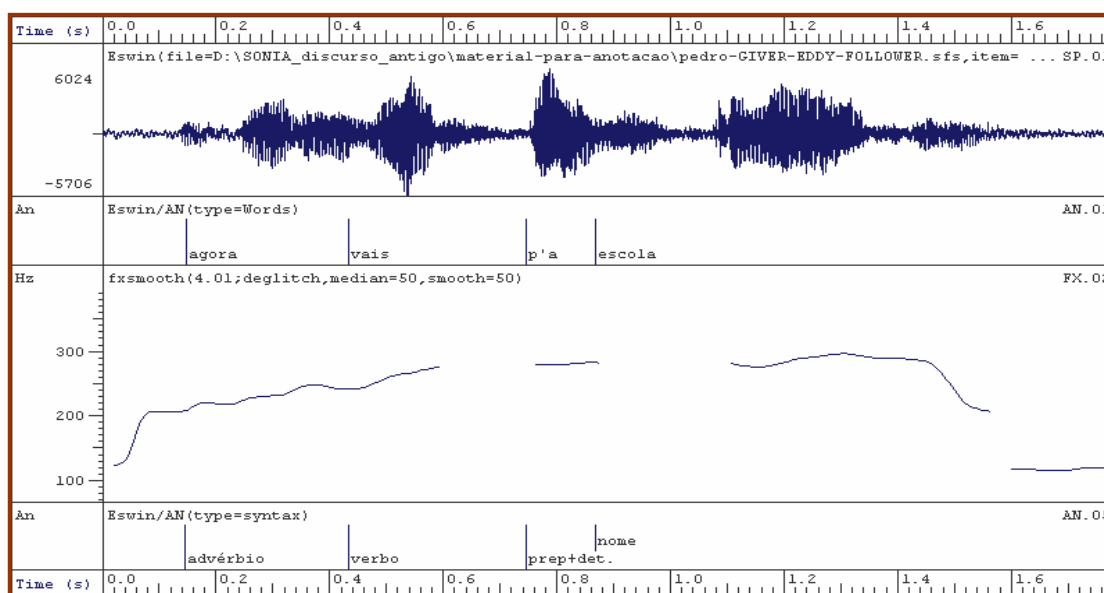


Figura 2 – contorno entoacional da frase “agora vais p’a escola” (Pedro giver-152.725)

O contorno entoacional é o de uma afirmativa, embora sob a forma de uma ordem. O elemento focalizado é a palavra *escola*. Isto evidencia o propósito da tarefa: pretender que o alocutário se dirija ou passe por certos locais, daí a subida ser mais acentuada na palavra escola. Os movimentos de variação de altura associam-se à informação nova e ocorrem no elemento focalizado. Esta associação para a interpretação do sentido parece desempenhar um papel fundamental na tarefa do Map Task.

Vejamos agora o exemplo de uma verdadeira imperativa produzida pelo mesmo falante (fig. 3):

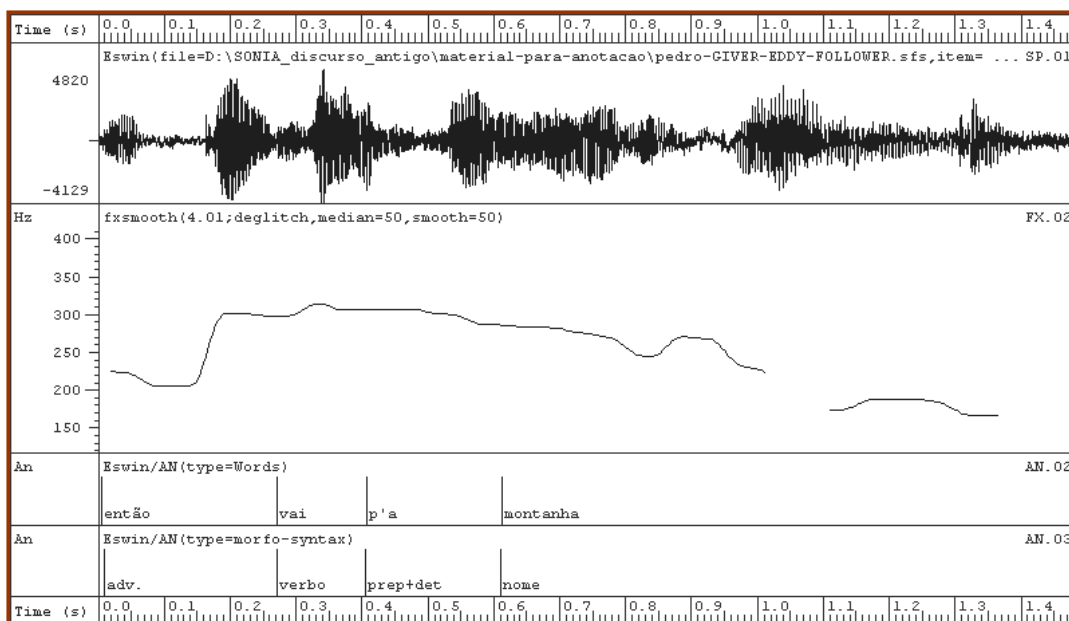


Figura 3 – contorno entoacional da frase “então vai p’a montanha” (Pedro giver-158.600)

O contorno entoacional é semelhante a uma afirmativa, há uma variação no sentido descendente, no entanto o elemento focalizado não é o mesmo de um acto de fala indirecto – ordem usando uma afirmação. Neste caso o elemento focalizado é o verbo imperativo – *vai*. A focalização do verbo no modo imperativo reforça o poder imperativo do enunciado, organizando a cadeia fonética como um domínio rítmico.

Quer como afirmação, quer como ordem, o acto de fala é realizado por meio de um enunciado que, de uma forma ou de outra, não vê alterado o seu conteúdo proposicional. O facto do locutor usar uma verdadeira imperativa alterando a variável de entoação em posição inicial e não-final, é, no caso em análise, resultado da influência contextual dos movimentos que se vão seguindo até chegar ao fim da tarefa, ou seja, até que sejam atingidos os seus objectivos.

Numa ordem, quando o verbo imperativo é usado performativamente, mais uma entoação adequada, implica semântica e pragmaticamente que o locutor cria uma relação com o seu alocutário que o obriga ilocutoriamente a fazer algo (independentemente de este realizar ou não a acção – questão que não é directamente de ordem pragmática). Tal ordem é entendida relevando a sua reserva pela verdade ou não da sua entoação e que não é susceptível de qualquer análise por parte do alocutário (em termos de intenção). Quando o locutor ordena, a concretização da acção depende obviamente do interlocutor, o qual pode

obedecer ou não, segundo a sua própria reserva. Segundo a teoria de Austin e Searle sobre os actos ilocutórios, a ordem expressa num acto de fala, mesmo não utilizando a palavra “ordeno-te”, o enunciado “então vai p’a montanha”, pragmaticamente, é independente quanto ao sentido ilocutório da execução futura da tarefa – *ir para a montanha*, na medida em que é sempre entendida como uma ordem.

4.1.2. Ordem sob a forma de interrogativa

Outro tipo de acto indirecto encontrado relaciona-se com a utilização de outro tipo de frase, o interrogativo, para a mesma transmissão de ordem. Sobre o contraste entre uma imperativa e interrogativa global não foram encontradas referências. Aqui referimo-nos à interrogativa global – sobre a questão das interrogativas globais temos o estudo de Isabel Mata sobre a questão da interrogação em português, “isso é uma pergunta?” (1990).

Uma declarativa e uma interrogativa podem ser veiculadas por sequências linearmente idênticas (ver exemplos do estudo de Frota, 2002). Ambas as sequências constituem um único sintagma entoacional. Ao observarmos a figura 4, verificamos que esse contraste também não existe entre uma imperativa (não é uma imperativa formulada através de outros meios) e uma interrogativa global.

Vejamos então um exemplo de uma ordem sob a forma de uma interrogativa (fig. 4).

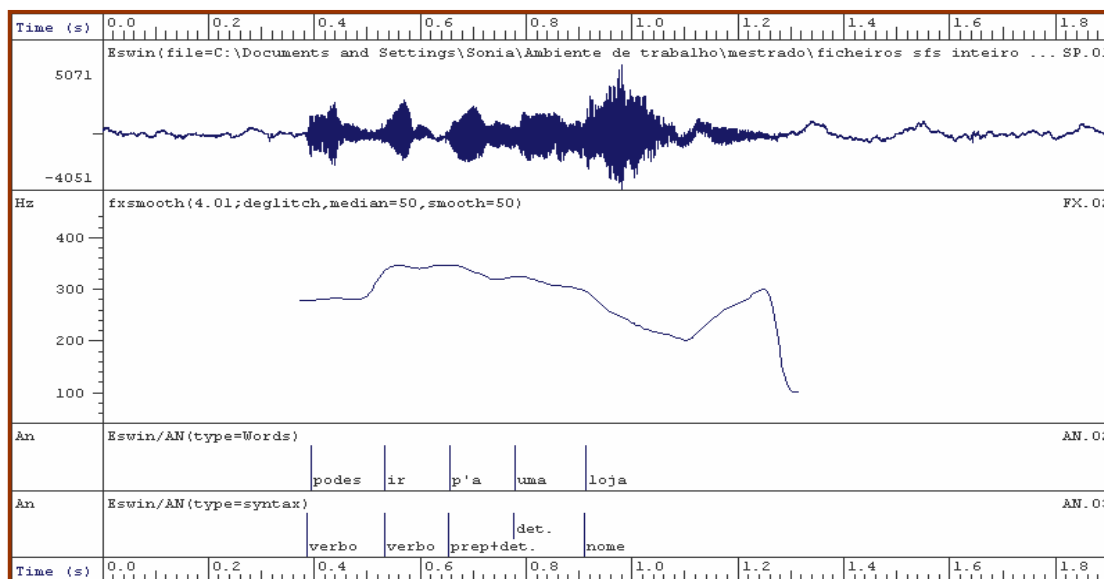


Figura 4 – contorno entoacional da frase “podes ir p’a uma loja” (André giver-592.419)

O locutor não está apenas a realizar uma pergunta (e a ter de aceitar as possibilidades de o alocutário lhe responder apenas *posso*, sem realizar a acção), está, fundamentalmente, a dar uma ordem, uma instrução. Enquanto forma de realização de uma pergunta ou de uma ordem, o enunciado apresenta conteúdos proposicionais diferentes. É evidente que o exemplo da figura 4 pretende ser, e é, entendido como uma ordem ou um pedido e não como uma pergunta (o alocutário, nas circunstâncias de comunicação, ao realizar o Map Task, nunca responderia *posso* mantendo-se posteriormente no mesmo sítio, sem ter avançado para a loja). Quer isto dizer que o locutor pretende que o alocutário reconheça que não só lhe deu uma ordem, como também teve a intenção de lhe dar, ainda que sob a forma de uma frase interrogativa com conteúdo proposicional diferente daquele que a ordem comporta.

Os contornos entoacionais são semelhantes aos de uma interrogativa verdadeira, uma variação no sentido ascendente, o que contribui para a prosódia da frase. Aqui o elemento focalizado é o verbo – a marca da acção, ou seja, o fenómeno de valores elevados de f0 ocorre no verbo.

O mesmo acontece nos exemplos que se seguem (fig.5 e fig.6):

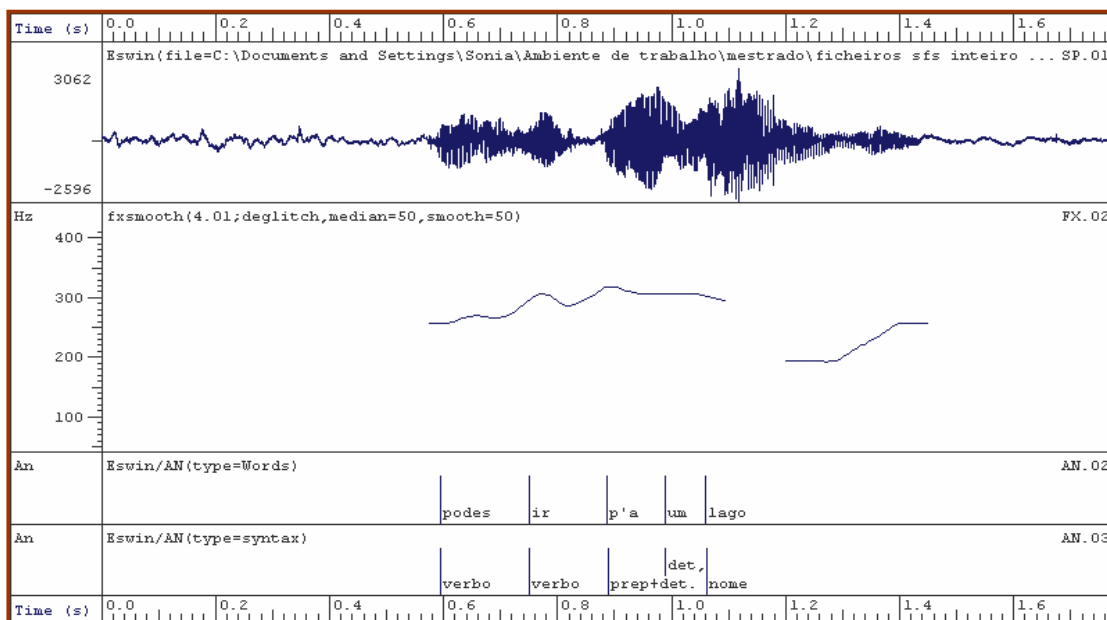


Figura 5 – contorno entoacional da frase” *podes ir p’a um lago*” (André giver-583.125)

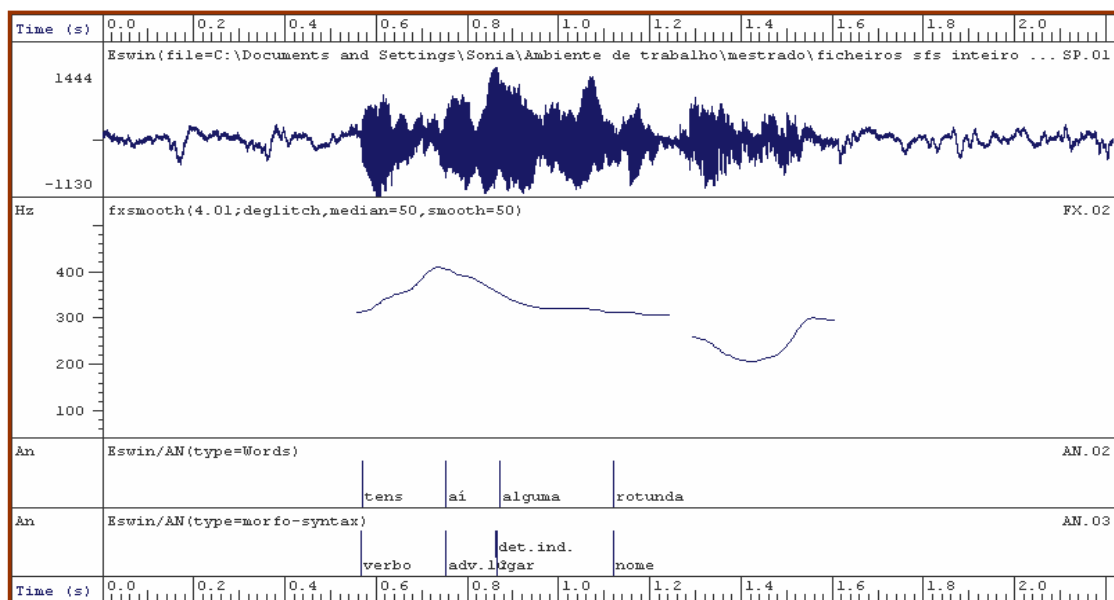


Figura 6 – contorno entoacional da frase “tens aí alguma rotunda” (André giver-631.367)

Qualquer um destes exemplos mostra que as frases imperativas sob a forma de interrogativa têm um contorno entoacional semelhante.

Na mesma tarefa, o mesmo falante produziu uma interrogativa verdadeira, vejamos o exemplo da fig. 8.

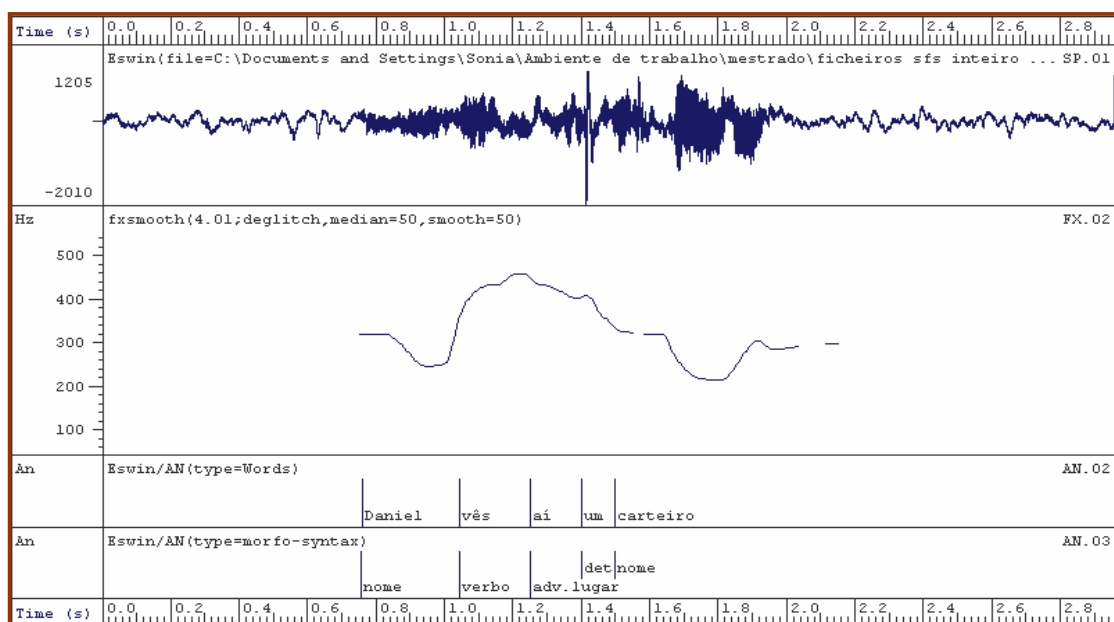


Figura 7 – contorno entoacional da frase “Daniel vês aí um carteiro” (André giver-853.900)

Verificamos que o contorno entoacional de uma interrogativa verdadeira é semelhante às ocorrências atrás analisadas. Os tipos de frases parecem manter prosodicamente as características que lhes são atribuídas em estudos anteriores (cf. com os estudos de Vigário, 1987; Frota, 1994 e Viana, 1995; Projecto AMPER (2000-2001)).

4.1.3. Os deícticos (estratégia em contexto)

Em dois dos exemplos referidos neste ponto da análise sobre os actos de fala indirectos, “*tens aí alguma rotunda*” e “*Daniel vês aí um carteiro*” surge um conceito importante de referência que são os deícticos, expressões cujo referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores, neste caso temos o advérbio de lugar *aí*. O deíctico remete para o lugar próximo do alocutário (aí – no mapa), trata-se de um deíctico de tipo espacial com orientação intermédia (para o follower). Benveniste (1966) mostrou que os deícticos constituem uma irrupção do discurso no interior da língua, pois o seu próprio sentido (o método a empregar para encontrar o seu referente), apenas se pode definir por alusão ao seu emprego. Observando o contorno entoacional do primeiro enunciado (fig. 6), o emprego do deíctico vem dar ênfase ao elemento principal do enunciado – o *aí*, – o lugar onde (onde o alocutário se encontra no mapa). No segundo enunciado (fig. 7), o deíctico – *aí* – já não tem a força de referência (neste caso a ênfase é posta na forma verbal – *vês* -, no entanto o seu emprego continua a ser implícito e importante na percepção espacial a que a tarefa do Map Task obriga.


4.2. A estrutura do discurso

Também importante, e alvo da segunda fase das nossas análises, temos o estudo da prosódia de frases complexas e “apartes”, por nós englobados em fenómenos novos existentes quando se passa para além do domínio de uma elocução que agrupamos sob o termo *estrutura do discurso*.

4.2.1. A frase complexa

Na situação de diálogo apresentada na figura 1, seguindo a tarefa do Map Task, verificou-se a existência de frases complexas com a utilização de F0 para indicar continuação de frase, mesmo com interrupções do interlocutor.

Temos presente a preocupação histórica demonstrada por Saussure, ao alertar que na língua não há apenas diferenças, mas também agrupamentos: “não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas os próprios signos”. (Saussure, 1988, p. 148).



frase	task	falante
e p'a selva	9	Daniel
não porque tenho obras	9	André
então contornas a retunda	9	Daniel
sim	9	André
e <pau> podes ir p'o estádio	9	Daniel
não	9	André
<bs> então regressa à escola <bs>	9	Daniel
posso	9	André

Figura 1 – Anotação das frases, das “tasks” e dos falantes (AGTK Table Trans)

Um dos participantes, neste caso o gíver, com movimentos de *INSTRUCT*, vai estruturando o seu discurso com recurso a frases complexas, mas retomando a segunda oração – e <pau> podes ir p'o estádio – no mesmo ponto em que tinha ficado no fim da primeira oração – então contornas a rotunda.

Tratando-se de uma frase complexa de duas orações, o follower coloca o seu movimento de check precisamente no final da primeira oração informando o interlocutor (giver) de que a instrução foi por ele recebida.

Os indicadores formais são muito úteis na segmentação da frase complexa, quando as orações que eles marcam não estão invertidas nem intercaladas dentro de outras orações. Neste caso – *então contornas a rotunda e podes ir p'o estádio* – não há inversão, a segunda oração só pode estar nesta posição, uma vez que se trata da tarefa do Map Task, o locutor dá a instrução – *e podes ir p'o estádio* – depois de ter dito para o alocutário contornar a rotunda, de outra forma o trajecto correcto não seria traçado. Portanto, a questão da criação de estados que se vão modificando gradativamente com o avanço de cada palavra, até chegar ao estado final, o recurso ao uso de marcadores formais de coordenação e subordinação pressupõe uma curva entoacional ascendente/descendente da oração aos seus componentes menores. Neste exemplo, o processamento continua a ser da esquerda para a direita: identificando o marcador de coordenação e que levará a frase até ao fim desta oração.

No entanto, não se verifica uma curva entoacional descendente, mas sim ascendente (fig. 2), uma vez que as orações estão separadas pelo vocábulo sim, produzido pelo interlocutor. Podemos ter ainda a noção de que esta interrupção do follower pode representar uma pausa – um indicador de separação.

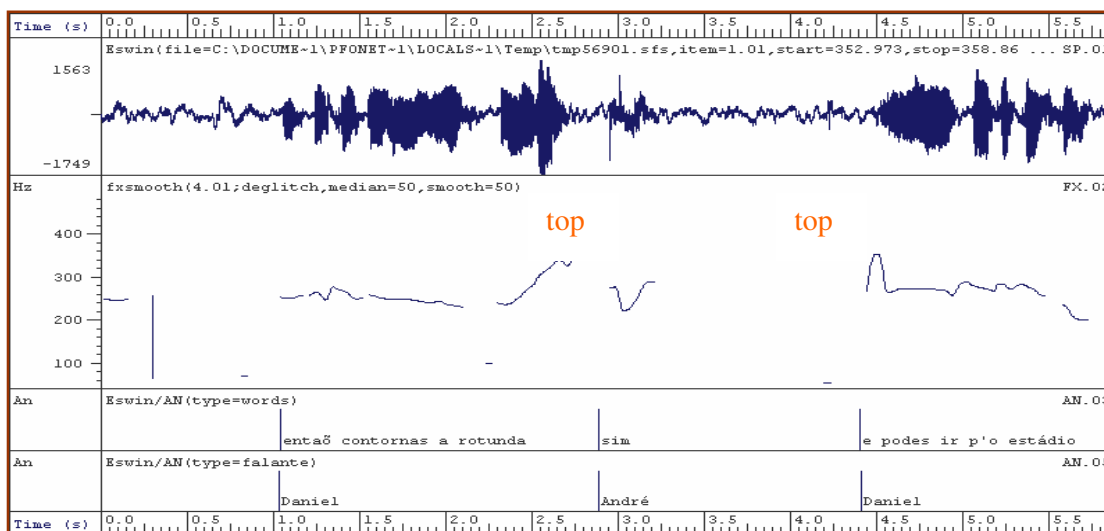


Figura 2 – contorno entoacional das frases “então contornas a rotunda /sim / e podes ir p'o estádio” (Daniel giver-353.850)

O que podemos verificar é que, mesmo com interrupção do follower, o giver mantém a estrutura do discurso como se a interrupção **sim** não existisse. Com a subida da curva entoacional verifica-se uma marcação de como o locutor ainda não acabou a sua tomada de palavra. O **sim** apenas aparece como indicador de que o trajecto no mapa está a ser seguido com êxito. É talvez a coordenação que está na origem desse reconhecimento. O “*podes*” designa o “*tu*” – interlocutor cuja existência foi postulada pela primeira frase “*contornas a rotunda*”. Trata-se aqui de um único acto de enunciação que corresponde a uma única intenção (explícita): *contornar a rotunda e seguir para o estádio*. Há uma relação entre o fenómeno de interrupção por parte do interlocutor e o da coordenação.

No exemplo acima transcrito, a frase complexa não apresenta independência entre as orações que a compõem, o que facilita a segmentação. A coordenativa **e** apesar de vincada, não tem o poder de anular o que foi dito antes dentro da frase, mesmo que a segunda oração apresente uma nova instrução.

As orações da frase têm autonomia sintáctica e morfológica, no entanto não podemos dizer o mesmo quanto à autonomia prosódica. O facto da primeira oração terminar em subida e a segunda oração começar também em subida, mostra uma dependência ao nível da prosódia. O mesmo acontece no exemplo que se segue (fig. 3).

Giver: *agora vais p’la casa azul* [INSTRUCT]

Follower: *sim* [ACK]

Giver: *e contornas outra rotunda* [INSTRUCT]

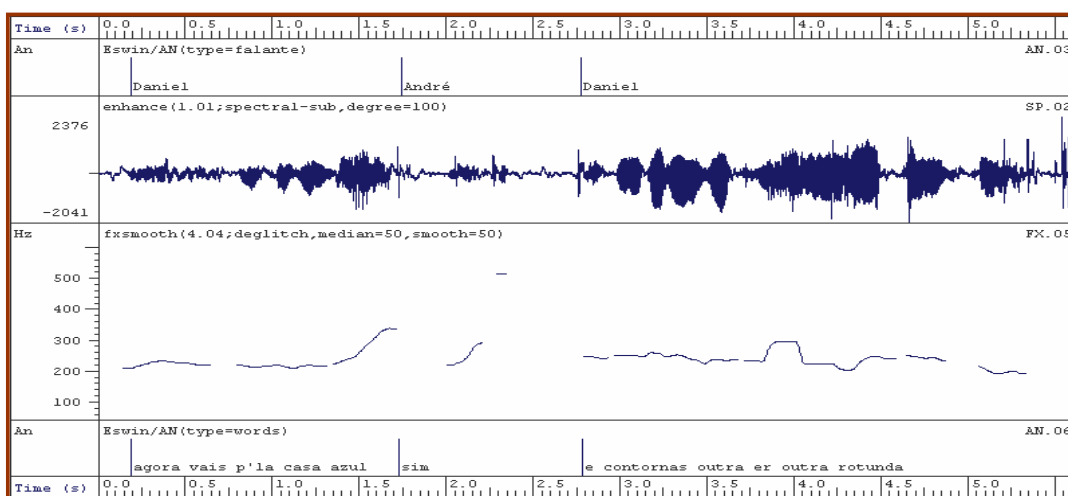


Figura 3 – contorno entoacional das frases “agora vais p’la casa azul / sim / e contornas outra er outra rotunda” (Daniel giver-265.675)

O aspecto prosódico forma um enunciado completo e isto deve-se à importância da entoação para a definição fonológica dos constituintes do discurso. Toda a sequência de fala é reunida num único sintagma entoacional, como seria de esperar dado estar contida no mesmo “enunciado – raiz” e no mesmo movimento de *INSTRUCT*.

Vejamos agora um exemplo de uma frase complexa com enumeração (fig. 4):

Giver: *então vais outra vez à rotunda [INSTRUCT]*

Follower: *sim [ACK]*

Giver: *vais p'la ponte [INSTRUCT]*

Follower: *<pau>*

Giver: *e podes ir para a casa amarela [QUERY-YN]*

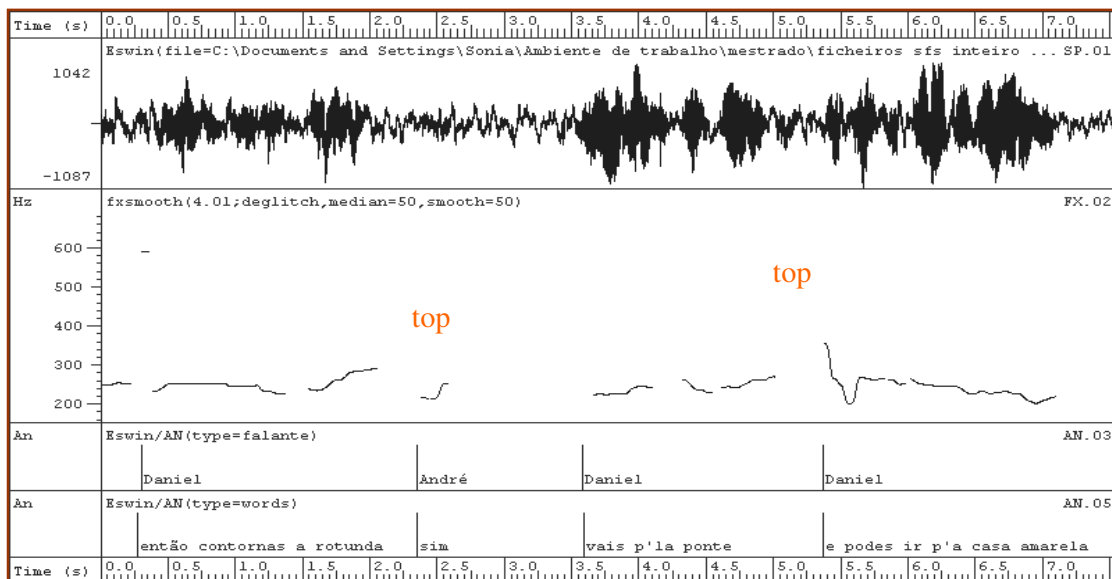


Figura 4 – contorno entoacional das frases “ então vais outra vez à rotunda / sim / vais p'la ponte / <pau> / e podes ir a casa amarela” (Daniel giver – 396.750)

No exemplo apresentado o processo é o mesmo, consiste em justapor a sintagmas ou frases outros sintagmas e frases, materializando-se a conexão entre essas unidades através da utilização de pausas e de uma entoação específica. Estamos perante uma estrutura coordenada que tem por núcleo a conjunção: numa primeira parte é estabelecida uma conjunção que se encontra omitida – conjunção assindética. Na segunda parte do enunciado, surge-nos uma conjunção explicitamente realizada – conjunção sindética, apesar da interrupção do alocutário. A coordenação assindética é utilizada especialmente

nas enumerações, mas nos casos em que mais de dois ou três elementos são coordenados (Mateus, 2003, p.562). Neste caso, no contexto do Map Task, verificamos a ocorrência de coordenação assindética com apenas dois membros coordenados, ao mesmo tempo que ocorre a coordenação sindética.

Do ponto de vista prosódico, verificamos uma subida no início, depois desce um pouco aquando a ocorrência de coordenação assindética e volta a subir na coordenação sindética, ou seja quando enumera pela última vez. Mesmo com interrupções do alocutário, as orações mantêm uma variação prosódica constante de – subida / subida / descida. Mais uma vez, e, comparando com uma frase complexa sem enumeração, trata-se de um único acto de fala que corresponde a uma única intenção (explícita).

4.2.2. O *aparte*

Na estrutura do discurso, podem surgir os chamados “apartes”.²

Do nosso corpus conseguimos apenas recolher um exemplo de *aparte*, mas que mostra o seu efeito na organização e estrutura do discurso oral.

Numa situação de diálogo como a do Map Task, “quase-espontâneo”, o *aparte* surge dentro de um contexto e contribui para a interpretação desse mesmo contexto por parte do alocutário.

Gumperz (1982) fala da existência de “pistas de contextualização”, sinais verbais ou não verbais que os interlocutores utilizam para fazer relacionar o que está a ser dito num dado momento e num dado lugar com o conhecimento adquirido por experiências anteriores. O *aparte* pode funcionar como uma dessas pistas que opera a nível prosódico. O ritmo com que é proferido mantém o envolvimento necessário e avalia o que se pretende significar. O *aparte* é um sinal de reformulação, dando lugar a uma explicação suplementar. É uma estratégia interaccional, um tipo de sequência para gerir os actos conversacionais.

No exemplo que se segue, o locutor, neste caso o Daniel, um dos nossos informantes, prosseguia a tarefa do Map Task com movimentos de *INSTRUCT* e foi interrompido pelo alocutário, o André, outro dos informantes, com um *aparte*, revelador do conhecimento do contexto que iria especializar a interpretação e compreensão do que foi dito. Foi feita uma interpretação do enunciado pelo alocutário que necessitava de uma explicação rápida por parte do locutor, para que a tarefa continuasse.

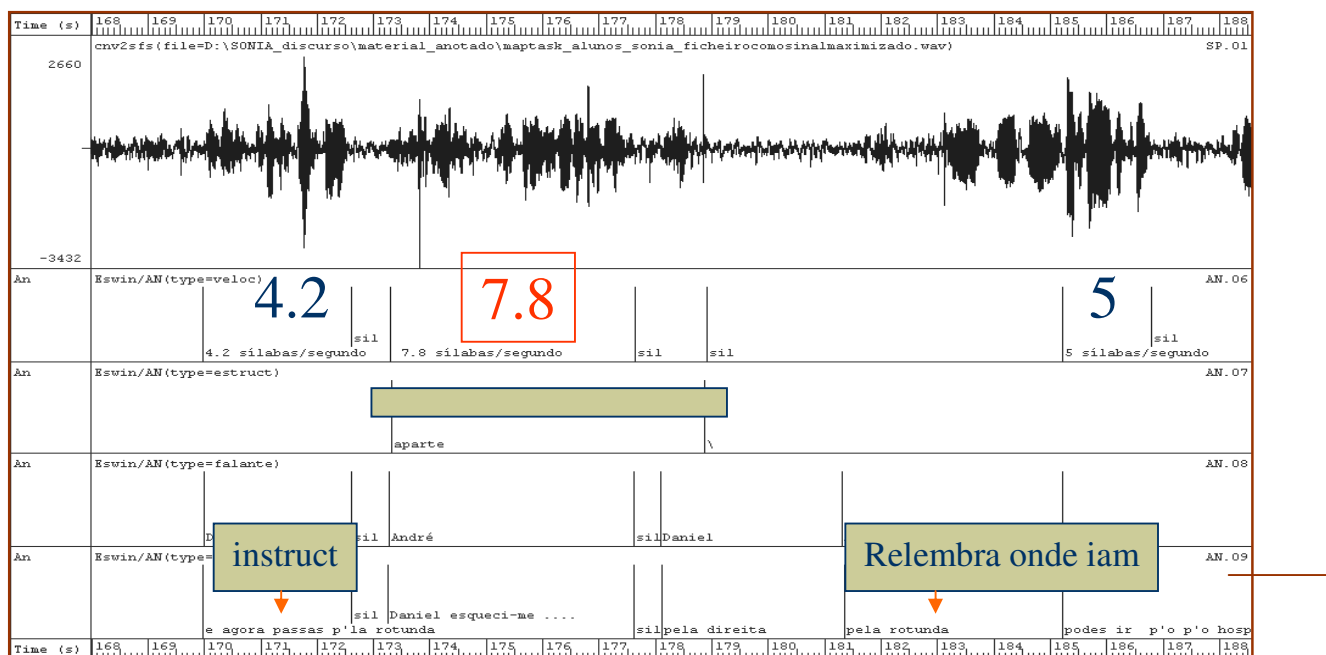
Giver: *agora passas p’la rotunda [INSTRUCT]*

Follower: *Daniel eu esqueci-me de fazer uma pergunta contorna-se a rotunda pela esquerda ou pela direita [QUERY-W] [APARTE]*

Giver: *pela direita [REPLY-W]*

Follower: *pela rotunda [ACK]*

² Um “aparte” é uma frase ordinariamente curta e incisiva, com que se interrompe um orador (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 2002)



No *aparte* “Daniel, esqueci-me de fazer uma pergunta contorna-se a rotunda pela esquerda ou pela direita”, verifica-se um maior número de sílabas por segundo, uma vez que a sua intenção era que o locutor respondesse também rapidamente à sua pergunta. Depois o alocutário relembra onde iam. O *aparte* vai, por isso, conferir ritmo ao enunciado.

O aspecto prosódico do ritmo é, portanto, utilizado para distinguir o *aparte* do discurso em que este se insere, destacando-o prosodicamente. Uma vez que a duração das sílabas é nitidamente menor no *aparte*, essa escolha evidencia o seu carácter marginal em relação ao discurso principal. Ou seja, ao falar com um débito acelerado no *aparte*, o falante está a transmitir a ideia de que está de facto a interromper momentaneamente a tarefa mas que rapidamente a retomará.

Outro aspecto aqui verificado relaciona-se com a questão da função fática. O *aparte* funciona como uma mensagem marginal em relação à mensagem central do esquema anterior: o seu objectivo principal é manter o contacto com o alocutário. Roman Jakobson (1988) no seu texto “*Linguística e Poética*” afirma que a criança descobre a função fática antes de aprender a falar: quando compreende que ao pronunciar uma sílaba ou uma palavra alguém responde e tenta comunicar com ela, mediante respostas, expressões em voz alta ou troca de olhares (contacto visual). A criança sente-se induzida a

emitir determinados sons com o objectivo de estabelecer contacto. Para este autor, as mensagens em geral têm várias funções, uma estrutura “funcional” criada de forma hierárquica, mas uma dessas funções é sempre predominante sobre as outras. Esta predominância decorre da ênfase que os interlocutores dão a essas funções. O mesmo se passa no *aparte*. A mudança de ritmo está relacionada com a ênfase que o alocutário dá à função da sua mensagem.

Este aspecto do *aparte* pode ser analisado, não só sob o ponto de vista pragmático, mas também, de certa forma, sob o ponto de vista da interacção ligada a regras sociais e à necessidade de manter e dar informação de retorno ao discurso.

4.3. O efeito temporal

Em qualquer situação discursiva o efeito temporal é uma das características da sequencialização dos enunciados. Desse efeito temporal fazem parte a prosódia das repetições e a prosódia dos actos de fala no e ao longo do discurso.

4.3.1. *A repetição de enunciados da mesma frase*

No Map Task, verificamos a existência de repetição de enunciados da mesma frase ao longo do discurso.

A repetição de enunciados exige da parte dos interlocutores um controlo intencional da actividade que estão a realizar. Desta forma, o recurso à repetição permite estabelecer uma coerência discursiva.

Tal como podemos observar na figura 1, o enunciado formulado pelo locutor “vais p’as casas amarelas”, foi realizado como movimento de *INSTRUCT* num determinado momento da tarefa, a que chamamos de task, neste caso com o número 18.

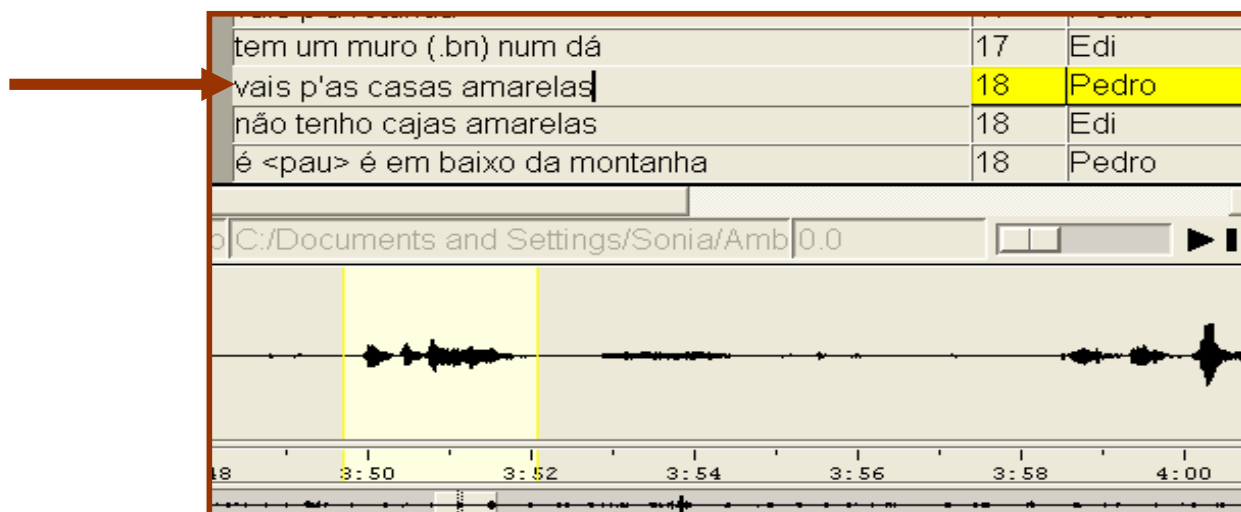


Figura 1 – sinal acústico e transcrição ortográfica da frase “vais p’as casas amarelas”

Outro enunciado da mesma frase surge mais à frente, na task 24 (fig. 2), também como movimento de instruct.

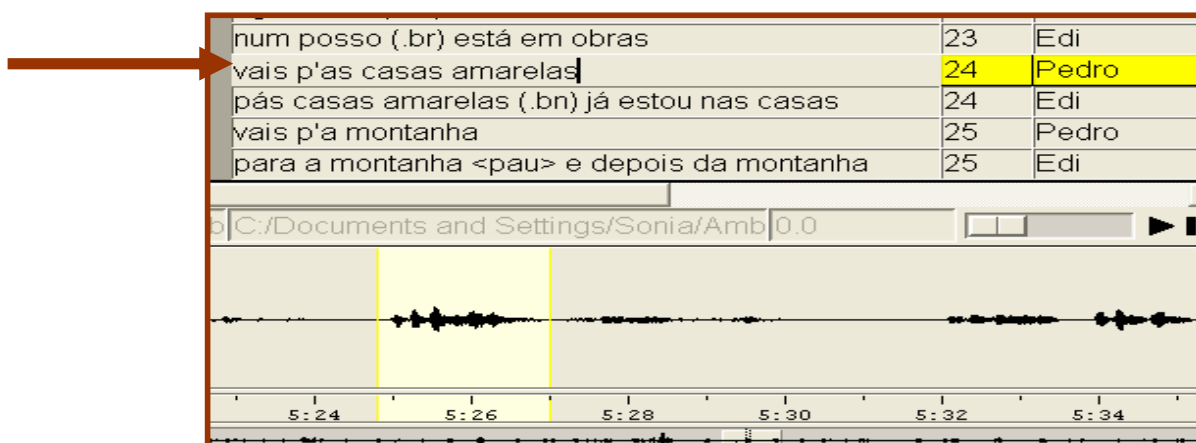


Figura 2 – sinal acústico e transcrição ortográfica da frase “vais p'as casas amarelas”

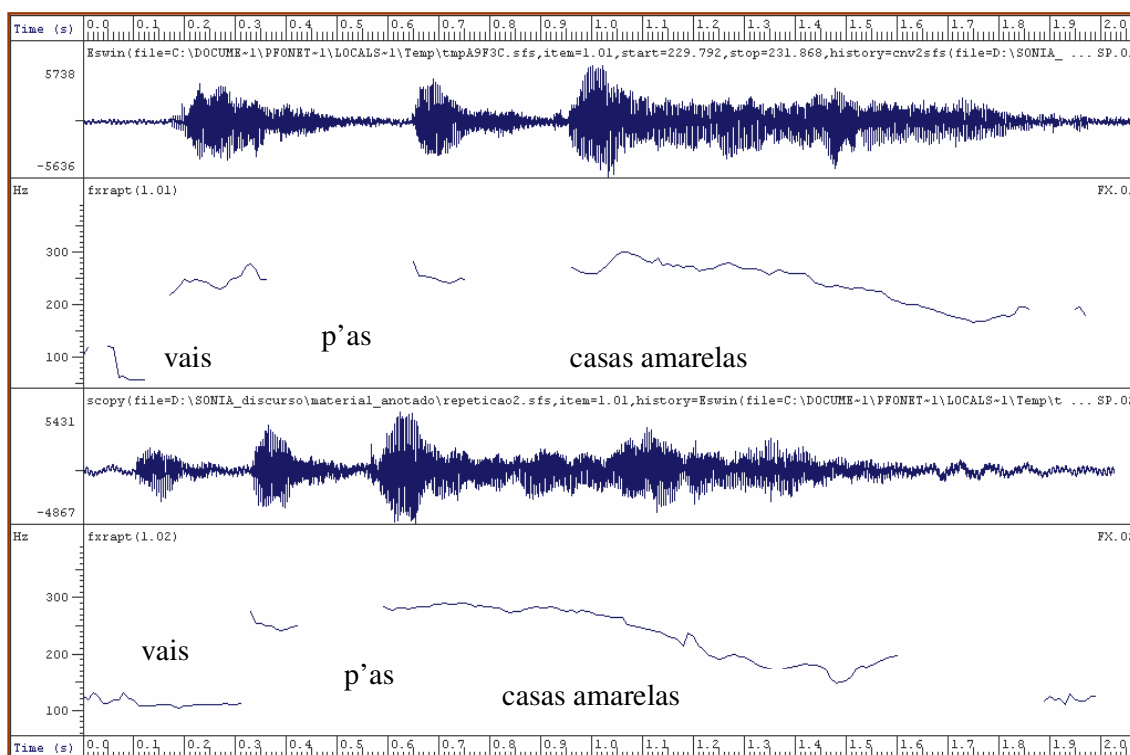


Figura 3 – curvas entoacionais da frase “vais p'as casas amarelas”

Partindo da comparação entre os dois enunciados da mesma frase (fig.3), podemos verificar que, tratando-se de uma frase do tipo declarativo, ainda que sob a forma indirecta

de uma ordem, o sinal é semelhante, sem grandes alterações do F0, ou seja, revelam uma curva prosódica idêntica. (cf. com os estudos de Frota, 2002). A existência de contexto vai determinar o objectivo da repetição do enunciado da mesma frase em alturas distintas da tarefa.

Estamos perante uma percepção da repetição, ou seja, a frequência das repetições (uma vez ainda não atingidos os objectivos da tarefa do mapa – chegar a um local), vai melhorar a percepção do efeito. A ênfase nestes enunciados é dada pela mesma entoação com o mesmo objectivo contextual.

Surgiram outros exemplos no nosso corpus da repetição de enunciados da mesma frase, mas difíceis de analisar em termos de frequência fundamental.

Vejamus outro exemplo, mas apenas da transcrição ortográfica e do sinal acústico (figs. 4 e 5).

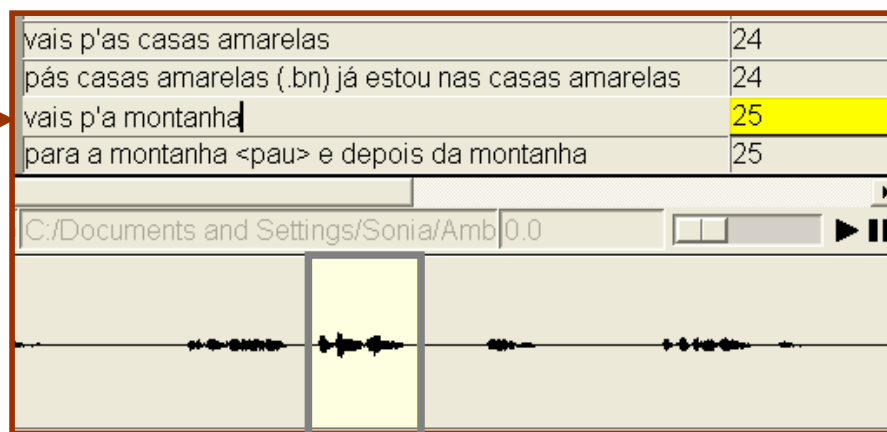


Figura 4 – sinal acústico e transcrição ortográfica da frase “vais p’a montanha”

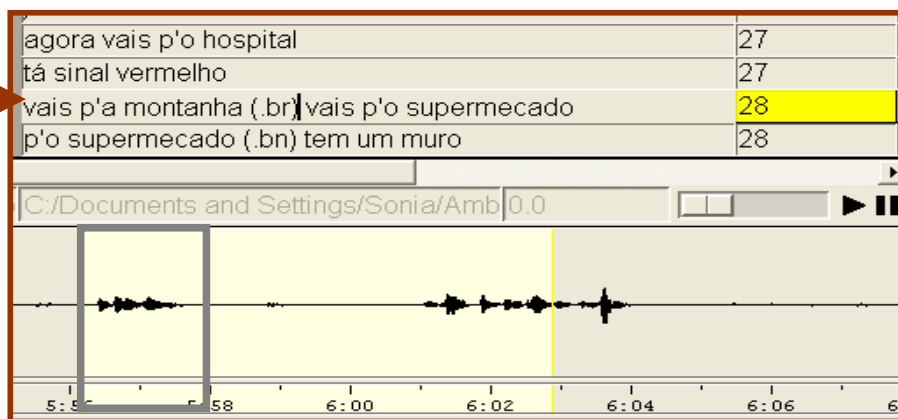


Figura 5 – sinal acústico e transcrição ortográfica da frase “vais p’a montanha”

Mais uma vez verificamos que não existem grandes diferenças, uma vez que se trata do mesmo tipo de frase proferida com o mesmo objectivo – *ir para a montanha*. Neste caso, numa das *task*, a número 28, a repetição não está isolada num só enunciado, tem continuação de informação, mas mesmo assim não vê alterado o sinal.

A utilização da repetição de enunciados da mesma frase envolve o significado daquele que ordena – o locutor e daquele que cumpre – o alocutário. Isto é, se o locutor produz um enunciado repetido que o alocutário tem de identificar, é porque o locutor pretende que o alocutário faça algo, nem que seja pela 2ª ou 3ª vez.

A organização entoacional destas repetições está directamente relacionada com a proeminência relativa pela qual se encontram estruturadas ritmicamente. A variação da altura dá-se no sentido descendente com as características de uma afirmação, ordem ou exclamação (cf. com os estudos de Mateus, 2003).

4.3.2. A repetição imediata

Outro tipo de repetição que pretendíamos estudar era a repetição imediatamente realizada após a elocução, para enfatizar, corrigir e reforçar o acto conversacional como marcador da estruturação discursiva. Pela reduzida dimensão do corpus não tivemos acesso a qualquer realização deste fenómeno.

4.3.3. Os mesmos actos de fala ao longo do discurso (o que se mantém ou se altera)

O que pretendemos verificar neste ponto da análise é, se por exemplo, num movimento de *INSTRUCT*, realizado no início da tarefa do Map Task, a variação de F0 é similar ou não a um mesmo movimento realizado no final da tarefa.

Os movimentos mais usados na tarefa do Map Task são, sem dúvida, os movimentos de *INSTRUCT*. O mesmo se aplica aos actos de fala, os mais utilizados são os directivos – tentar que o alocutário pratique uma acção, verbal ou não verbal, determinada pelo reconhecimento por este efectuado do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor. Os movimentos são constituídos por actos, mas, segundo Sinclair e Coulthard (1975), existem actos que, por si só, não formam movimentos. Estes apenas existem, quando no seu seio ocorrem actos nucleares e obrigatórios; outros actos existem que são secundários e facultativos, como o acto de “nomear” que não tem necessariamente que ocorrer num movimento de abertura.

Vilela (1999) fala dos tipos de sequências (como os modos de chamar a atenção, de perguntar e responder, de reiniciar e terminar um diálogo, etc.) e das estratégias interaccionais na organização e gestão dos actos conversacionais.

F. Flahault (1978) faz uma proposta de teorização destes sistemas de lugares da fala, da enunciação, pretendendo que é na incidência que uma dada fala tem nesse sistema de lugares, naqueles que os ocupam, que consiste o específico de um acto ilocutório.

Referimo-nos muitas vezes aos actos de fala que equivalem também aos “moves” de Goffman (1987), que são as unidades conversacionais verbais comunicativas mínimas que têm dentro de um diálogo uma finalidade específica. Vilela (1999) fala de acto conversacional, ampliando a noção de acto de fala, dimensionando-o para a conversação.

Pretendemos analisar o que se mantém e o que se altera nos mesmos actos de fala realizados no início e no fim da tarefa.

Apresentam-se os casos com exemplos, no entanto os resultados verificados não se baseiam somente nas figuras que se seguem, uma vez que o sinal não permitiu criar a curva de F0 nas melhores condições. Estes resultados baseiam-se também na audição das gravações onde a curva de F0 é perfeitamente perceptível.

Vejamos alguns exemplos de movimentos de *INSTRUCT* realizados pelo locutor no início da tarefa (fig.1, fig.2 e fig.3):

Giver: vais p'as casas azuis – exemplo de um INSTRUCT no início da tarefa

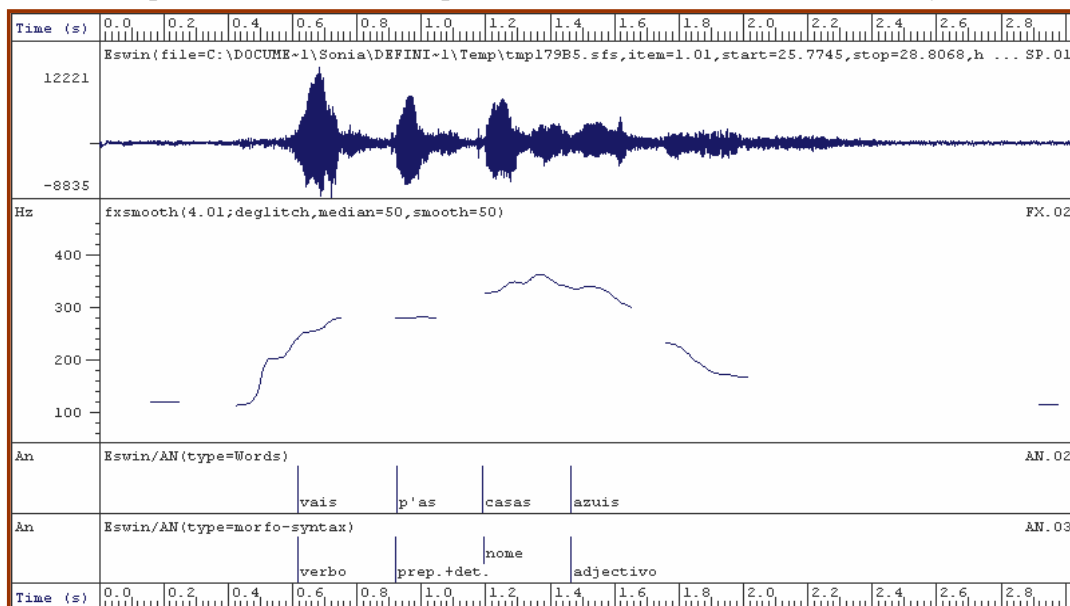


Figura 1 – contorno entoacional da frase “ vais p'as casas azuis” (Pedro giver-26.100)

Giver: vais p'a selva – exemplo de um INSTRUCT no início da tarefa

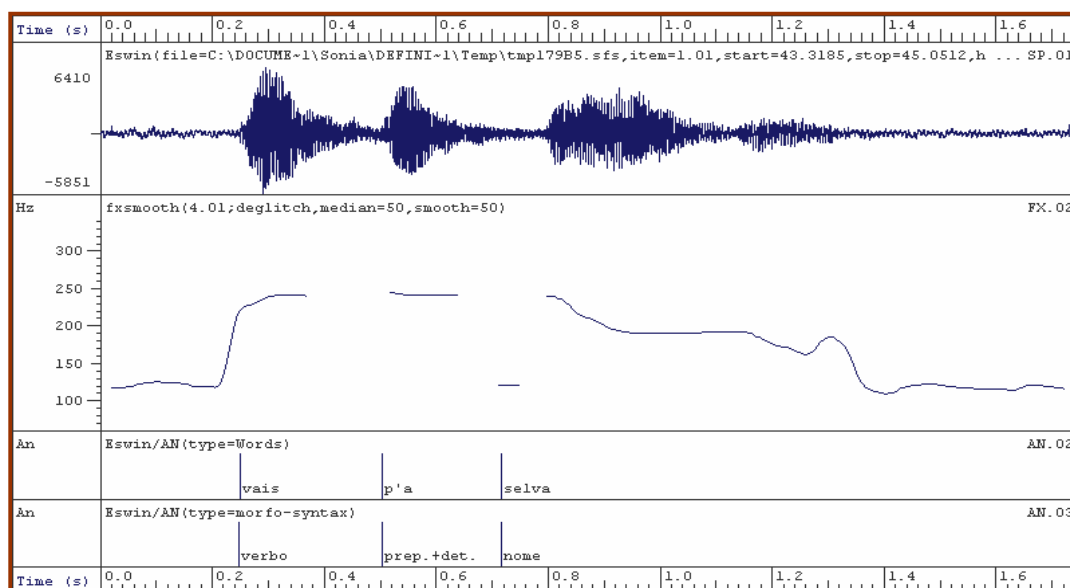


Figura 2 – contorno entoacional da frase “ vais p'a selva” (Pedro giver-43.000)

Giver: agora vais p'a escola – exemplo de um INSTRUCT no início da tarefa

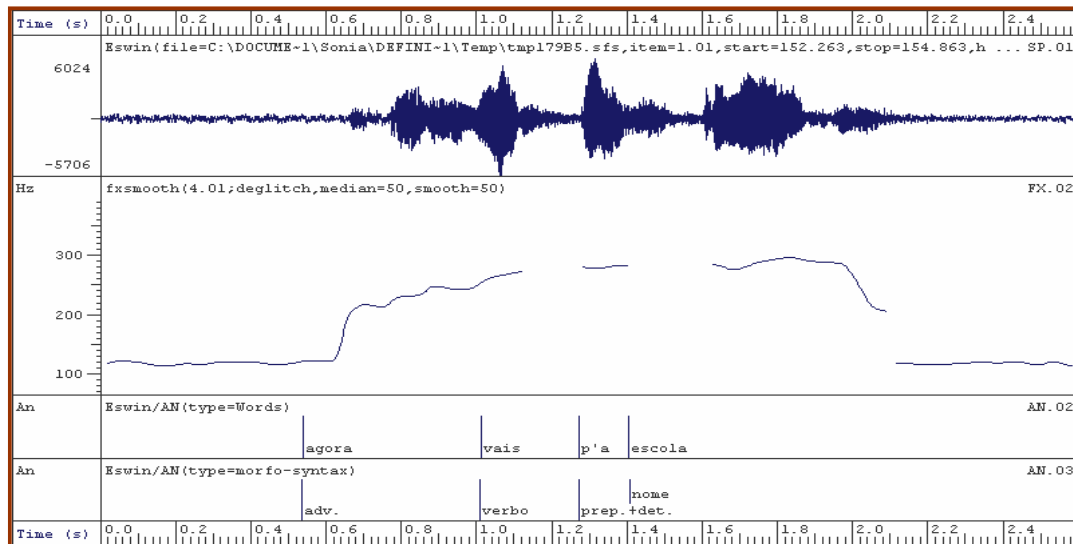


Figura 3 – contorno entoacional da frase “agora vais p'a escola” (Pedro giver-152.725)

Verificamos, nestes actos de fala, uma organização da estrutura sequencial da interacção vincando o papel do contexto.

Os actos de fala, no sentido de Austin (1962), criam uma situação nova, quer em função do locutor, quer em função do alocutário (este colocado nessa nova situação).

No fim da tarefa, o mesmo participante, produziu os mesmos actos de fala (movimentos de *INSTRUCT*). Ora vejamos alguns desses exemplos (fig.4, fig.5 e fig.6):

Giver: agora vais p'o hospital – exemplo de um INSTRUCT no fim da tarefa

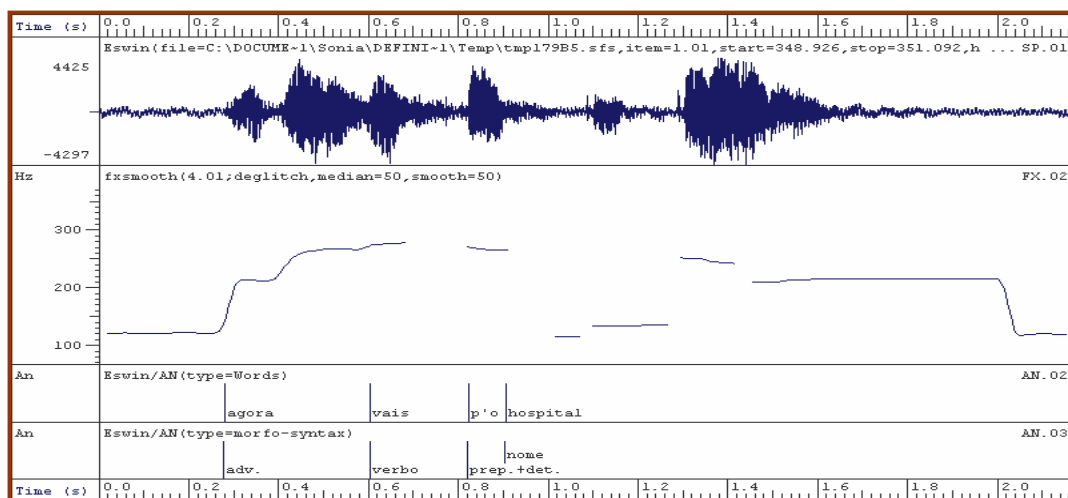


Figura 4 – contorno entoacional da frase “agora vais p'o hospital” (Pedro giver-349.050)

Giver: vais p'o estádio – exemplo de um INSTRUCT no fim da tarefa

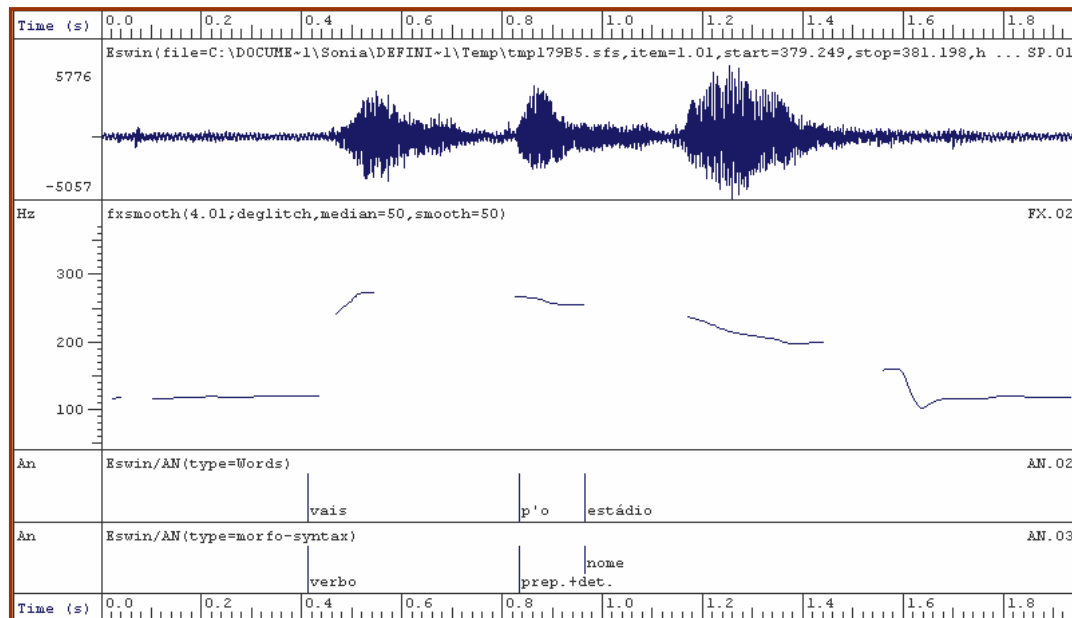


Figura 5 – contorno entoacional da frase “vais p'o estádio” (Pedro giver-379.500)

Giver: vais p'os correios – exemplo de um INSTRUCT no fim da tarefa

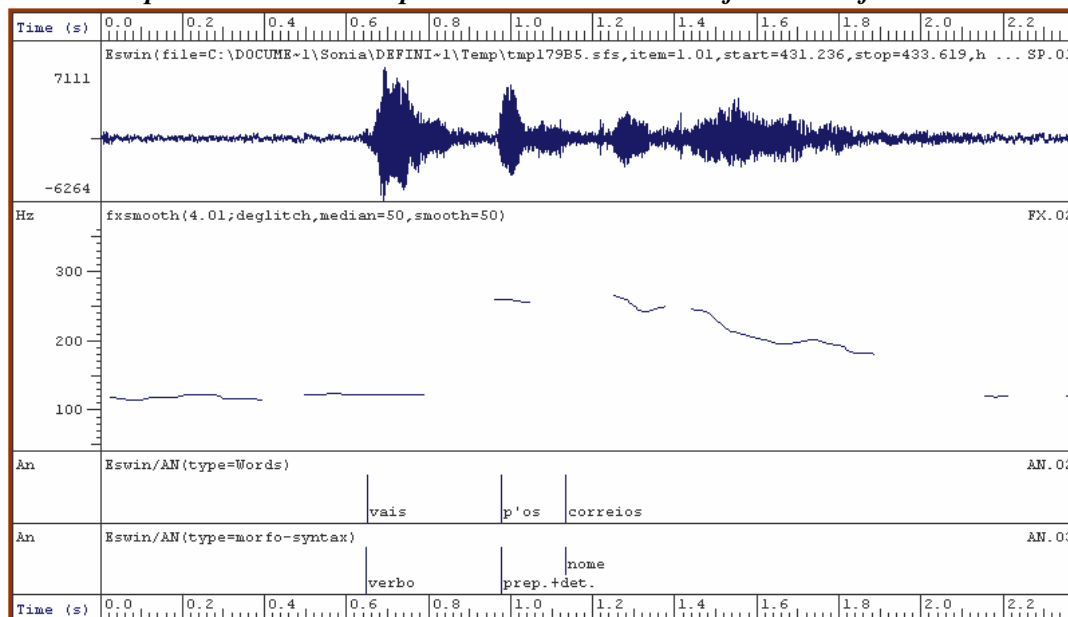


Figura 6 – contorno entoacional da frase “vais p'os correios” (Pedro giver-431.675)

Quando o locutor enuncia os mesmos actos de fala ao longo do discurso, o que nos permite determinar o tema do discurso é a questão a que os enunciados respondem, ou a que se admite que respondam. Existe um *tema – propósito* relativo aos actos de fala. Neste caso, são propósitos estabelecidos no interior do discurso, possuindo marcas que nos permitem distinguir o tema e o propósito. Este tipo de distinção também nos serve de análise para outros exemplo incluídos neste estudo – todos eles relacionados com a questão das entoações.

Destes exemplos podemos inferir que estamos perante uma organização pragmática e prosódica do discurso. Quer no início, quer no fim da tarefa do Map Task, verifica-se uma tendência para uma configuração descendente no mesmo tipo de frases (neste caso declarativas). Esta configuração está relacionada com o objectivo da tarefa e este é o mesmo, quer no início, quer no fim.

4.4. Os enunciados sucintos – CHECK

A existência de contexto situacional faz com que seja possível considerar uma dimensão, por exemplo, de natureza sociolinguística, que envolve todo um conjunto de saberes anteriores, e o próprio ambiente comportamental em que os interlocutores se encontram. Tudo isto faz do contexto um envolvimento dinâmico, onde é possível negociar o sentido do que está, nesse momento, a acontecer.

É na interacção dialógica que os falantes mais utilizam enunciados sucintos, de frases elípticas, já que o contexto situacional comum aos interlocutores, bem como o contexto linguístico precedente, permitem omitir uma parte da informação frásica, limitando-se a superfície textual à apresentação da informação nova. Também surgem enunciados sucintos nas expressões fáticas, de manifestação de continuidade discursiva, para confirmar ou infirmar uma informação dada, etc.

No contexto do Map Task, os interlocutores utilizam pistas de forma a ser possível manter o envolvimento necessário e avaliar o que se pretende significar. Desta forma, a existência de contexto vem facilitar a interpretação necessária, para que se faça sentido. Tais pistas podem operar ao nível da prosódia.

O movimento *check* pode ser considerado mais uma estratégia pragmática de controlo da situação ou ainda um mecanismo conversacional pelo qual também se atribui a palavra ao interlocutor (cf. Mateus; Brito, Duarte e Faria, 1983, pp.371-373 – sobre a questão das interrogativas *tag*, cuja forma consiste na repetição do verbo da frase declarativa que a precede, servindo como pedido de informação).

Nos enunciados que se seguem, os interlocutores reconhecem os objectivos ilocutórios que levam a um determinado tipo de comportamento linguístico. A contextualização do Map Task vai permitir entrada de informação, recuperar informação anterior ou até tirar partido da informação disponibilizada. Nesta perspectiva, é a contextualização que explica que o alocutário (follower) possa reconhecer a intenção indirecta de um aparente pedido formulado pelo locutor (giver). O follower estrutura a informação recebida e, como forma de se certificar da acção partilhada para a contextualização, utiliza enunciados sucintos, que constituem a base suficiente para a cooperação na interacção entre os dois participantes na tarefa do Map Task. Neste caso, a interacção constitui uma acção conjunta.

Tal com aconteceu em outras análises, devido a problemas no sinal (baixa intensidade e nível de ruído alto), apenas nos é possível mostrar um exemplo de *CHECK* (fig. 1 e 2). No entanto, mostraremos outros exemplos da transcrição dos diálogos, para que fique a ideia de que realmente surgiram mais casos no corpus gravado.

frase	
onde é que eu começo Daniel	
hmm podes começar no lago	Instruct – seguido de um Check
no Lago	
sim <pau> pas[sas]* passas pela escola	
sim	
agora <pau> passas pela rotunda	
sim	
e agora passas pela ca[sa]* passas por a ponte	
sim	
e vais p'a casa verde	
sim já estou lá	
<bs> agora p'a casa <pau> p'a casa branca <bs>	Instruct – seguido de um Check
casa branca	
e agora passas pela rotunda	
daniel eu esqueci-me de fazer uma pergunta co br*	

Figura 1 – transcrição ortográfica das frases (AGTK Table trans)

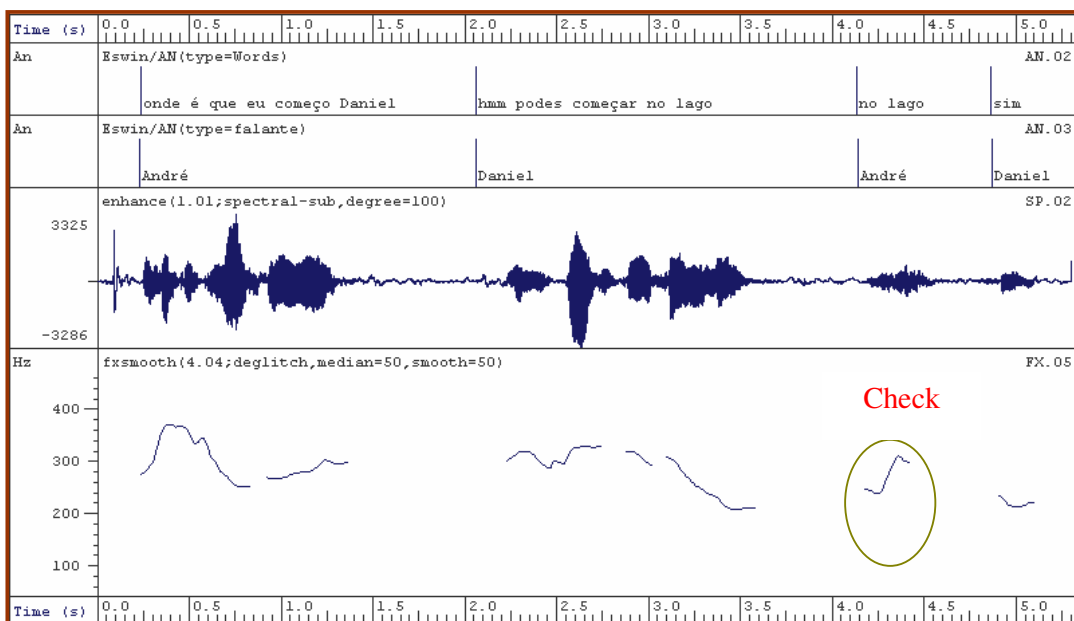


Figura 2 – contorno entoacional das frases “onde é que eu começo Daniel / hmm podes começar no lago / no lago / sim”

No exemplo “*podes começar no lago / no lago*”, temos um *CHECK* seguido de um *INSTRUCT* (fig. 2). Se analisarmos a curva de entoação, verificamos uma configuração ascendente no *CHECK*. Podemos dizer que existe um reforço prosódico de focalização ao nível da sintaxe, o que vai de encontro ao que temos vindo a afirmar em relação ao contexto do Map Task: a importância dos lugares marcados no mapa para a concretização da tarefa e também a questão pragmática aliada ao retorno da informação que pode ser nova ou não.

O sintagma “no lago”, sendo um complemento de lugar, transmite uma informação fundamental no Map Task, o que explica a utilização de um movimento ascendente de F0 (fig. 2) associado ao check por parte do follower, dando, desse modo, a entender ao *giver* que um dos objectivos foi atingido e que pode prosseguir com a instrução seguinte.

A curva entoacional no momento do *CHECK* confere igualmente ritmo aos enunciados estruturados dentro de um discurso espontâneo.

Vejamos outros exemplos:

- a) *Giver: agora vais pela casa azul [INSTRUCT]*
 Follower: sim [ACK]
 Giver: e contornas outra <pau> outra rotunda [INSTRUCT]
 Follower: outra [CHECK]
 Giver: sim [REPLY-Y]
- b) *Giver: podes ir para os gelados [INSTRUCT]*
 Follower: p'o gelados [CHECK]
 Giver: sim [REPLY-Y (to check)]
 Follower: posso [REPLY-Y (to INSTRUCT)]

Em a), o facto de o locutor, através de um movimento de instruct, ordenar o alocutário a contornar outra rotunda, este, com um movimento de verificação – *CHECK* – produz uma situação de acção regulada por um discurso anterior pronunciando a palavra

outra (provavelmente o alocutário já tinha contornado uma rotunda em outro momento da tarefa). No interior de um único movimento, a consideração do discurso anterior ligado ao contexto, manifesta-se através de fenómenos entoacionais, cujo comportamento prosódico se aproxima e equivale à parte final do movimento inicial – *contornas outra rotunda*. O *CHECK* utilizado pelo alocutário – *outra* – regula e condiciona o enunciado que se lhe segue – o locutor responde *sim*. O mesmo acontece em b), quando o alocutário utiliza o *CHECK* – *p’os gelados* – está a pedir confirmação ao locutor, regulando o enunciado num movimento ascendente.

É possível verificar que os tipos de acções e as formas como essas acções são estruturadas constituem uma partilha para a contextualização. Os exemplos aqui apresentados mostram como um simples enunciado de *sim*, *outra*, *a repetição de um INSTRUCT*, constitui a base suficiente para a cooperação na interacção entre os interlocutores durante a realização da tarefa do Map Task.

Podemos dizer que os *CHECK* são instrumentos de coesão discursiva que asseguram a contextualização. O que se diz e a forma como algo é dito é, de algum modo, condicionado pelo que foi anteriormente dito e pela forma como foi dito. A simples observação do contexto linguístico em que os enunciados ocorrem mostra a importância do discurso que foi previamente produzido sobre os enunciados que se vêm a produzir.

Os *CHECK* são, pois, produções de sentido não convencionais que permanecem implícitas nos enunciados e são relevantes para a interpretação dos mesmos, sobretudo a nível prosódico.

CAPÍTULO 5

Conclusões

5.1. Resumo do trabalho

O trabalho aqui apresentado constitui o início do estudo de uma questão complexa. Embora os resultados obtidos não permitam uma generalização, pois procedem da análise de um corpus reduzido por múltiplas restrições, eles são significativos.

O objectivo deste estudo foi verificar que relação existe entre os constituintes do discurso, por exemplo os actos de fala e a prosódia.

A tarefa de conseguir um corpus de fala espontânea, ou próximo do discurso espontâneo, com crianças e pré-adolescentes, não foi tarefa fácil. Permitiu obter mais rapidamente material relevante, mas com um corpus reduzido.

Para a obtenção de discurso espontâneo ou “semi-espontâneo” optámos pela técnica do Map Task, seguindo o exemplo de vários estudos realizados para outras línguas. Considerámos discursos com 4 informantes (dois pares, duas gravações cada). Os materiais utilizados foram dois mapas idênticos em suporte papel. As gravações foram efectuadas directamente para o disco rígido, utilizando o sistema de gravação CSL 4400 da Kay Elemetrics. Na anotação utilizámos o sistema AGTK Table Trans e o programa SFS, incluindo vários níveis de anotação: informante, actos de fala, o enunciado, o tipo de enunciado, as palavras, eventos relacionados com a prosódia e sintaxe.

Na metodologia de análise foram considerados desde aspectos prosódicos dos actos de fala indirectos; a prosódia como focalização do discurso, as questões/informações, usando enunciados sucintos e a relação entre a prosódia “canónica” e a utilizada no e ao longo do discurso.

Constatámos, nos resultados obtidos, a funcionalidade das estratégias interaccionais nos diferentes registos observados, a acrescentar ao papel efectivo que estas desempenham no discurso oral.

Em situação de discurso, os actos de fala são portadores de significado que resulta da utilização de mecanismos que atribuem ao enunciado um significado pragmático ou comunicativo para a situação específica de interacção, neste caso o Map Task.

Apesar da idade dos interlocutores que fazem parte do corpus analisado, através dos resultados obtidos, podemos referir que houve cooperação mínima entre os participantes, contendo os princípios básicos que regulam o processo de interacção aqui estudado. O estabelecimento de toda a informação relevante processa-se a diversos níveis:

- ✓ ao nível da prosódia, nomeadamente pela organização temporal da fala e pela entoação adequada à situação;
- ✓ ao nível sintáctico-semântico, nomeadamente através da coesão entre enunciados, da presença de conectores de coordenação (as frases complexas) ou a não utilização desses conectores;
- ✓ ao nível interaccional, pelos tipos de cooperação entre objectivos comunicativos que regulam o dar a palavra e o tomar a palavra, a utilização de pausas, as estratégias pragmáticas de controlo da situação;
- ✓ ao nível da atenção, uma vez que são crianças e pré-adolescentes.

5.2. Principais resultados

Um dos aspectos, talvez o mais interessante para este estudo, é a abordagem de actos de fala indirectos na interacção do tipo Map Task. Esta relevância foi potenciada pelo estudo do corpus.

Os resultados mostraram que as interpretações de um dado enunciado não dependem exclusivamente do seu conteúdo proposicional. De facto, facilmente verificamos que, com frequência, empregamos estruturas típicas de determinado grupo de actos de fala para realizar um acto que “corresponderia” a outra estrutura. Nesse caso, estamos na presença dos chamados actos de fala indirectos. Neste estudo, dos actos de fala indirectos, destacam-se:

- ✓ a ordem frequentemente disfarçada de pergunta, que deixa a possibilidade de escolha ao alocutário, mas que tem claramente o valor impositivo;
- ✓ as perguntas em que o locutor não interroga senão ficticiamente, sem esperar alguma informação. A pergunta, nesta situação, permite ao alocutário uma espécie de réplica para confirmar ou infirmar as pressuposições activadas.

Para descrever o sentido da expressão interrogativa “*Daniel vê se aí um carteiro*” é necessário precisar que aquele que a emprega, não somente exprime a sua incerteza, mas sobretudo que realiza um acto particular, o de interrogar. É para formular exemplos como estes que nos servimos hoje das teorias de Austin e Searle.

Os performativos têm portanto esta propriedade de o seu sentido intrínseco não se perceber independentemente de uma certa acção que permite realizar.

A utilização, por parte dos participantes, de actos de fala indirectos pode funcionar como uma estratégia, como se de um jogo se tratasse, com regras e objectivos: realizar as acções, provocando algumas alterações por meio dos enunciados proferidos. As diferentes modalidades usadas estão directamente dependentes do estatuto do sujeito enquanto locutor, estatuto esse que revela maior ou menor grau de controlo sobre a interpretação do alocutário, no que toca ao conteúdo proposicional do enunciado proferido.

Nas ordens disfarçadas de perguntas verificámos uma estrutura prosódica ascendente semelhante à das perguntas verdadeiras “*podes ir p’a uma loja*”, “*podes ir p’a um lago*”. A entoação, nestes exemplos, é redundante, na medida em que aquilo que exprime aparece expresso de outro modo.

Nos exemplos “*vais p’as casas azuis*” e “*vai p’a montanha*” a ordem das palavras é comum à afirmação e à ordem. Estas expressões, embora com um valor semântico incontestável, são introduzidas por transformações, é o caso da entoação, que pode dar ao enunciado significados diferentes; o mesmo se passa com a ordem das palavras que, como a entoação, tem muitas vezes uma importância decisiva para a determinação dos pressupostos de um enunciado.

A ocorrência destes elementos prosódicos na interacção discursiva, permite ao alocutário perceber a realização, por parte do locutor, de um acto de fala indirecto, a manifestação do envolvimento e da atitude do locutor face àquilo que é enunciado.

É importante referir aqui a questão da prosódia como focalização do discurso. A ênfase posta, por exemplo em “*casas azuis*”, é acompanhada por uma tendência para tomar o lugar como propósito. Na tarefa do Map Task, os interlocutores referem diferentes locais no mapa e o termo que é valorizado tem uma vocação particular para representar o propósito do diálogo. Os fenómenos de focalização constituem estratégias sintácticas de realce neste estudo.

Os contornos entoacionais, observados no estudo dos vários fenómenos ocorridos, permite-nos concluir que, tal como em outros estudos já realizados, a cada grupo frásico corresponde um grupo prosódico com um certo padrão de f0 de acordo com a posição e tipo de frase em que se insere.

A segunda e não menos importante análise com interesse foi o estudo de fenómenos pouco estudados do ponto de vista prosódico, como *frases complexas* e “*apartes*” na estrutura do discurso. Por exemplo na expressão “*agora vais p’a casa azul [INSTRUCT] / sim [ACK] / e contornas outra rotunda [INSTRUCT]*”, verificámos que nos pares de movimentos é evidente a importância do discurso anterior, se observarmos de que maneira o primeiro enunciado regula e condiciona o enunciado que se lhe segue, dando lugar a um único enunciado.

Num conjunto mais amplo de movimentos antecedentes, produzidos por um dos locutores, é possível destacar também referências susceptíveis de serem posteriormente recuperadas por qualquer um dos locutores em interacção, através do uso de *repetições* de enunciados da mesma frase, recontextualizadas no novo movimento, com contorno entoacional semelhante.

A utilização do *check*, tal como o *aparte*, é um fenómeno de relação que regula o processo interaccional. Os interlocutores utilizam estratégias e optam pelo recurso a factores de controlo pragmático. A existência e a utilização de tais estratégias denunciam, por si, a importância dada ao controlo da relação social em presença no processo de interacção. Mateus (2002) fala de relações sociais ao nível micro-social, onde são caracterizados os papéis sociais distribuídos nas situações concretas de interacção. Na tarefa do Map Task, cabe ao locutor (o giver) dar ordens, levando o alocutário (o follower) a tomar a palavra, interromper ou não, consoante ache ou não relevante o conteúdo informacional do enunciado produzido pelo locutor. Mas nesta situação, pode, através da utilização de estratégias pragmáticas que se encontram disponíveis para o alocutário, desenrolar-se de formas bem diferentes. Nos exemplos do *aparte* e dos *check*, o alocutário

utilizou estratégias pragmáticas aliadas a movimentos entoacionais: falar mais depressa (alteração do ritmo); repetir informação que considera relevante para continuar o seu percurso... Coube, neste caso, ao locutor, utilizar novas estratégias de modo a recolocar na interacção o seu papel de controlador e fazer com que o reconheça. Estes são aspectos que reflectem a existência de normas reguladoras da interacção verbal.

Relativamente ao registo de variação nos mesmos actos de fala ao longo do discurso, observam-se também comportamentos semelhantes, quer no início, quer no final da tarefa do Map Task: os tons alto e baixo parecem alinhar-se sobre uma linha descendente, característica das declarativas.

O trabalho desenvolvido permite-nos concluir sobre a importância do estudo do discurso oral espontâneo, no sentido de determinar marcas distintivas dos registos discursivos, produzidos em situação de diálogo orientado por participantes jovens e submetidos a objectivos específicos, de forma a encontrar regularidades na diversidade aparente dos factos prosódicos, nos quais integramos todos os processos relacionados com a estrutura do discurso oral espontâneo. É de referir que o próprio objecto de estudo – a produção de um corpus desta natureza – é um dos resultados mais relevantes deste trabalho.

5.3. Algumas sugestões para trabalhos futuros

Uma das sugestões para futuros trabalhos na área da prosódia do discurso é a possibilidade de estender e comparar estes dados de produção de fala espontânea executada pelos nossos informantes bastante jovens a outras produções da mesma modalidade, mas executadas por informantes mais velhos.

Seria também interessante ver, até que ponto, o facto de os informantes serem ou não conhecidos (desde parentes até desconhecidos) influencia nas estratégias a adoptar na realização de uma tarefa como a do Map Task.

Como vimos, a questão da alternância de vez é também uma das estratégias que faz parte da estrutura do discurso. Análises futuras das estratégias de alternância de vez podem considerar outras estratégias não apresentadas neste estudo, como por exemplo os

movimentos corporais e gestos faciais. A filmagem do corpus pode acompanhar este tipo de análises.

Outro aspecto relevante seria, por exemplo, trabalhar outro tipo de discurso não tão direccionado para o Map Task, como é o caso do debate.

É de interesse investigar a utilização de outros métodos e programas para a análise do discurso oral.

A verificação das hipóteses colocadas neste estudo depende, naturalmente, do alargamento do conhecimento, ainda emergente, sobre a prosódia no discurso espontâneo. Esperamos que o trabalho aqui apresentado constitua um contributo para esse conhecimento.

Referências bibliográficas

[Nota: em algumas referências bibliográficas, a primeira das duas datas indicadas corresponde à data da obra que foi consultada. Nos casos em que não foi possível recorrer à edição na língua original, indicamos, do mesmo modo, a seguir à data da obra consultada, a data da primeira publicação].

ANDRADE PARDAL, Ernesto d'. Aspects de la phonologie (generative) du portugais. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica, 1977.

Associação Portuguesa de Linguística. Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Dicionário de termos linguísticos / org. Maria Francisca Xavier, Maria Helena Mateus, [ed. lit.]. Lisboa : Cosmos, D.L. 1990.

AUSTIN, J. L. How to do things with words. Oxford: University Press, 1986. (1962)

BAKHTIN. M. Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris : Minuit, 1979.

BELO, Fernando. Epistemologia do sentido. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

BENVENISTE, Émile. Problèmes de linguistique générale. Paris : Gallimard, cop. 1966.

CARLETTA, J. C., et al. The Reliability of a Dialogue Structure Coding Scheme. Computational Linguistics, 23(1), 13-31, 1997.

CHOMSKY, Noam. Current issues in linguistic theory. Paris: Mouton, 1970.

COULTHARD, Malcolm (coord.). Advances in Spoken Discourse Analysis. London/ New York: Routledge, 1995 p. 89-110 / p.123-161.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel. Fonética do Português: trinta anos de investigação. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel. Sept études sur la perception. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

DERRIDA, Jaques. L'écriture et la différence. Paris : Seuil, 1976.

DUCROT, Oswald / TUDOROV, Tzevetan. Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

FARIA, Isabel Hub e tal (org). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Lisboa: Caminho, 1996. p. 390-402.

- FLAHAULT, François. *La parole intermédiaire*. Paris : Seuil, 1978.
- FONSECA, J. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Coleção Linguística, nº 5, Porto: Porto Editora.
- FOUCAULT, M.. *L'archeologie du savoir*. Paris : Gallimard, 1969. Tradução brasileira : *A arqueologia do saber*. Petrópolis; Vozes, 1972.
- FREITAS, M. J. e I. Pereira. "Valores do Silêncio: contributo para o estudo da pausa na delimitação do grupo entoacional em português" in *Actas do V Encontro da APL*: 171-186. 1989.
- FREITAS, M. J. *Para a aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 1997.
- FROTA, Sónia. *Uma introdução ao estudo da fonética e fonologia do português : seguida de exercícios de aplicação*. - Lisboa : Plátano Editora, 2000. - (Plátano universitária)
- FROTA, Sónia e VIGÁRIO, Marina. *Aspectos de prosódia Comparada: ritmo e entoação no PE e no PB*. In *Actas do XV Encontro Nacional da APL*. Rui V. Castro and Pilar Barbosa (eds). Vol I: 533-555. Coimbra: APL, 2000.
- FROTA, Sónia. *Prosody and Focus in European portuguese : phonological phrasing and intonation*. New York: Barnes & Nobles, cop. 2000
- GOFFMAN, Erving. *Façons de parler*. Paris: Les Editions de Minuit, 1987.
- Grande Biblioteca Multilingue. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto Editora, 2002.
- GRICE, Paul. *Studies in the way of words*. 3rd print. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- GUMPERZ, John J. *Discourse Strategies*. Cambridge: University, 1982.
- HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: University Press, 1989.
- HARRIS, Zeling S. *Discourse analysis reprints*. La Haye, 1963.
- HIRSCHBERG, J. *Communication and Prosody: Functional Aspects of Prosody, Speech Communication: Special Issue on Dialogue and Prosody*, 2001.
- JAKOBSON, Roman. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates* / C. Gunner M. Font, Morris Halle. Cambridge (Mass): The Mit Press, 1972.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Poética*. Madrid: Cátedra, 1988.
- KEITH, Allan. *Linguistic meaning*. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.
- LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, cop. 1977.

- LYONS, John. Linguistique générale: introduction à la linguistique théorique. Paris : Larousse, cop. 1970.
- MAINGUENEAU, Dominique. Introdução à Linguística. Lisboa: Gradiva, 1997.
- MARTINS, Fernando. Entoação e Organização do Enunciado. Diss. Lisboa, 1986.
- MATA, A. I. Questões de Entoação e Interrogação em Português. “Isso é uma pergunta?”. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Tese de Mestrado. 1990.
- MATEUS, M. H. Et al. Gramática da língua portuguesa, 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 73-81.
- MATEUS, M. H. Aspectos da Fonologia Portuguesa. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1975.
- MATEUS, Maria Helena Mira / d'ANDRADE, Ernesto. The phonology of portuguese. Oxford: University Press, 2000.
- MATEUS, Maria Helena Mira. A face exposta da língua portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.
- MOUTINHO, Lurdes de Castro & COIMBRA, Rosa Lúcia. Para a construção de um atlas prosódico multimédia das variantes românicas: Revista da Universidade de Aveiro – Letras, nº17, 2000 (2001).
- PEREIRA, Isabel et al. Estudos em Prosódia. Lisboa: Colibri, 1992.
- PLATÃO, Fedro. Lisboa: Edições 70, 1997.
- PIAGET, Jean. The language and thought of the child. New York: New American Library, 1974.
- RAMOS, Rui. As partículas modais como co-indicadores ilocutórios: o caso das perguntas retóricas. In Actas do XV Encontro Nacional da APL. 2000
- RÉCANATI, François. La transparence et l'énonciation pour introduire a la pragmatique. Paris : Seuil, 1979.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- SEARLE, John R. Speech Acts: an essay in the philosophy of language. Cambridge: University Press, 1969.
- SEARLE, John R., Expression and Meaning – Studies in the Theory of Speech Acts, Cambridge University Press, 1979

- SINCLAIR, John M. Towards an analysis of discourse: the English used by teachers and pupils. London: Oxford University Press, 1975.
- STRAWSON, P. F. Logic-linguistic papers. London: Methuen, 1974
- SWERTS, M. & GELUYKENS, R. Prosody as a marker of information. Language and Speech. 1994.
- VAN DONZEL, M. Prosodic Aspects of Information Structure in Discourse. Ph.D Thesis, Netherlands Graduate School of Linguistics, Holland Academic Graphics, 1999.
- VIANA, Maria do Céu. Para a Síntese da Entoação do Português (Diss.). Lisboa: INIC, 1987.
- VIGÁRIO, Marina Cláudia. The prosodic world in European Portuguese. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003.
- VIGÁRIO, M. Marcação prosódica em frases negativas no Português Europeu. Actas do XII Encontro Nacional da APL. Universidade do Minho.
- VILELA, M. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra: Almedina, 1999.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WRIGHT, Helen F. Prosodic and Dialogue Information for Automatic Speech Recognition. Tese de Doutoramento, University of Edinburgh, 1999.
- YAGUELLO, Marina. Alice no país da linguagem: para compreender a linguística. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

Anexos

CSLU Labeling Guide (manual de transcrição)

O manual de anotação CSLU Labeling Guide foi criado como um manual de referência para a anotação de corpus de diálogo, permitindo, assim, uma análise da linguagem a diversos níveis. As convenções usadas neste manual tornam as transcrições facilmente perceptíveis e todas as informações necessárias aparecem na transcrição ortográfica.

As designações são usadas em inglês seguindo o formato original, uma vez que a tradução origina alterações significativas nas iniciais.

Eis alguns exemplos usados na transcrição do nosso corpus:

a) Pontuação

Como já foi referido anteriormente, os sinais de pontuação são omitidos, para que a leitura das transcrições não seja influenciada pelo seu uso. O único sinal gráfico que pode aparecer é o apóstrofo e é usado nas formas contraídas: p'ra; p'ro:

***Giver:** agora vais p'ra escola*

b) O Uso de parêntesis <> () []

O parêntesis curvo surge para anotar os eventos não verbais do enunciado, como, por exemplo, todo o tipo de ruídos. Temos então:

background noise (bn)

line noise (ln)

breath noise (br)

background speech (bs)

Os parêntesis rectos são usados em partes onde o discurso é cortado ou onde existem falsas partidas. Se uma parte do diálogo aparece toda entre parêntesis rectos, é porque não há evidência naquele enunciado.

Giver: *ago[ra]* então vais para a casa branca*

O parêntesis pontiagudo é usado, por exemplo, para anotar outros eventos:

Hesitações – **Giver:** *e <pau> vais para o <pau> estádio*

Frase inteligível – **Follower:** *<uu>* (unintelligible utterance)

Risos – **Follower:** *mas eu <laugh> tenho*

c) Falsas partidas

Vejamos o exemplo que se segue:

Follower: *mas eu só tenho casas ao fun[do]* azuis no fundo*

Apesar de o falante “cortar” a palavra *fundo* ao pronunciá-la, nós, como falantes de português, conseguimos perceber a informação transmitida através do sinal inicial. Estas falsas partidas podem também acontecer no início da palavra. Mas, se a palavra pronunciada não nos é familiar, então transcreve-se no lugar da palavra as letras *sp** e asterisco, como no exemplo seguinte:

Giver: *hmm numa sp* não*

Quando não se percebe a palavra coloca-se *br**:

Follower: *br* já está*

Exemplos de transcrições válidas, seguindo o manual de transcrição CSLU Labeling Guide:

passadeira (palavra básica)

*passadeira (parte do som “p” foi cortado)

passadeira* (parte do som “ra” foi cortado)

*[pas]sadeira (o som “pas” foi cortado)

passadei[ra]* (o som “ra” foi cortado)

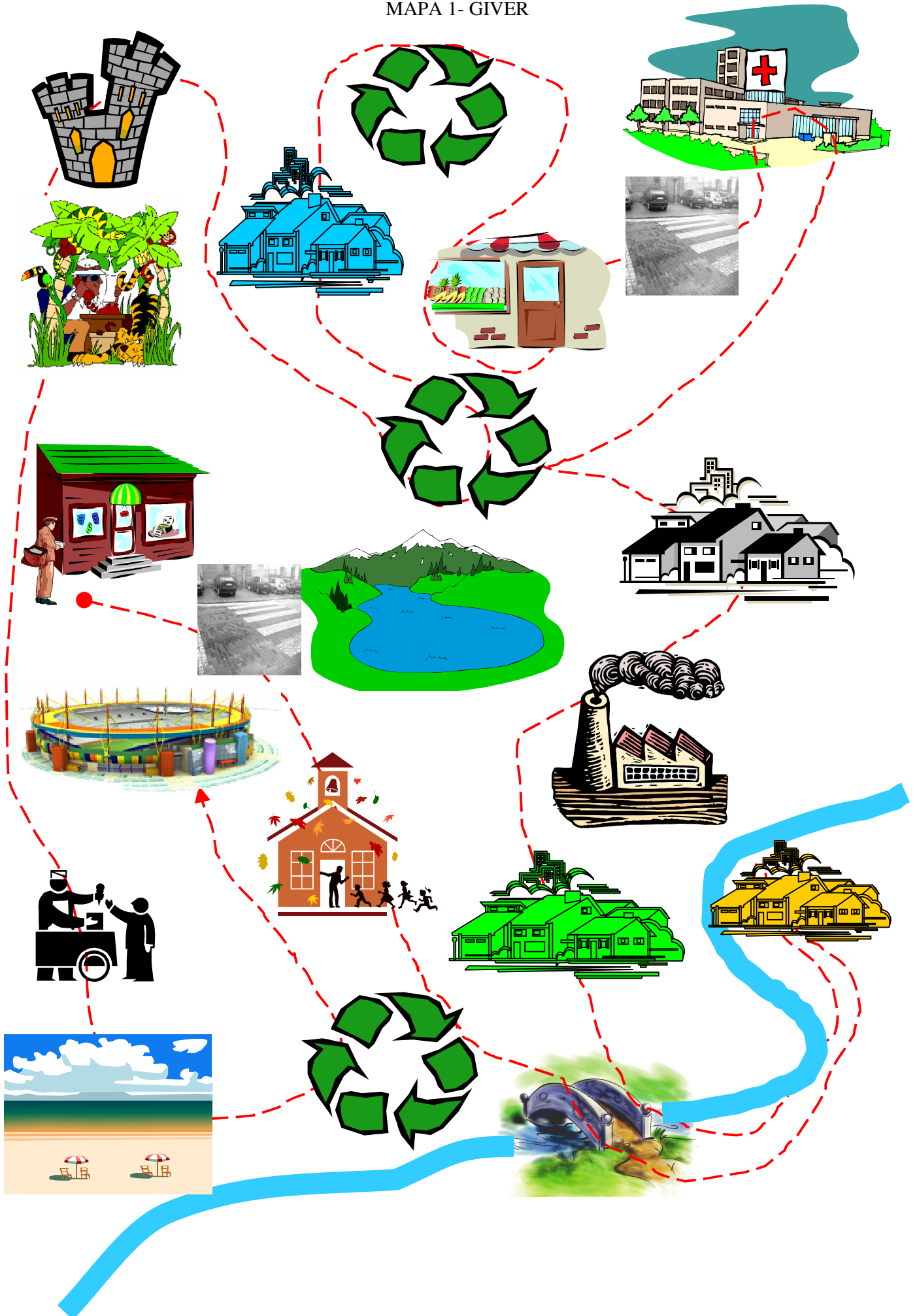
passadeira (ln) (ruído em simultâneo ao pronunciar a palavra)

passadeira (ln) (bn) (dois eventos em simultâneo: ruído ao pronunciar a palavra mais ruído de fundo)

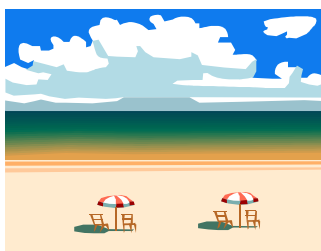
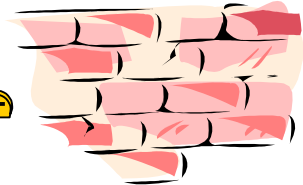
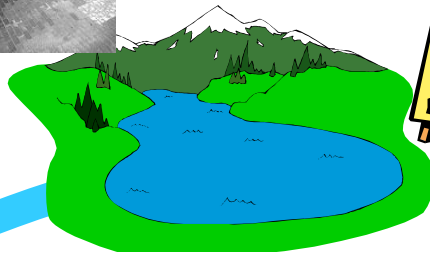
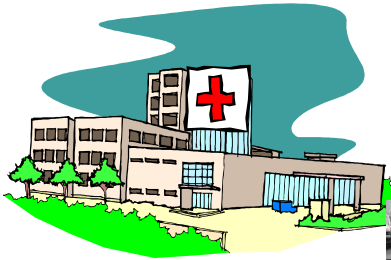
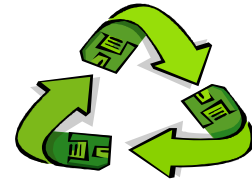
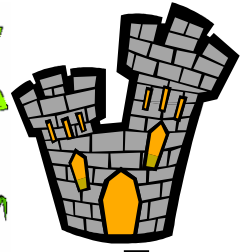
MAPA 1 a) - GIVER

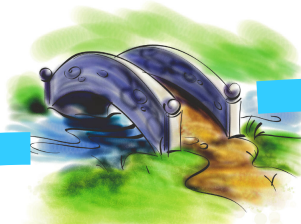
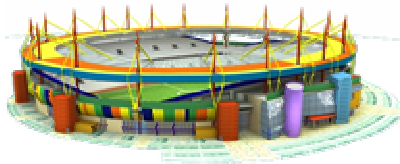
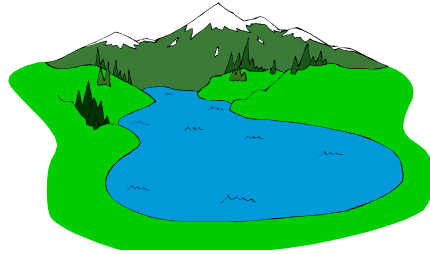
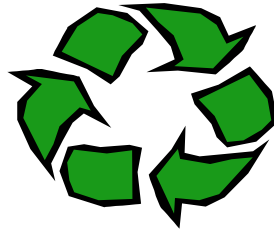
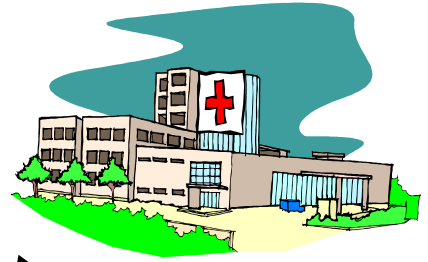


MAPA 1- GIVER



MAPA 2 a) - follower



[illegible]

Mapa tapete

